

**PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CONTEMPORÂNEO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA:  
ARQUITECTO VÍTOR FIGUEIREDO E O EDIFÍCIO PARA O PÓLO DA MITRA**

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Universidade de Évora

Autora: Rossana Isabel Santos Rosa

Orientadora: Prof. Sofia Aleixo

Évora. Julho de 2010



Imagem da capa: Edifício para o Pólo da Mitra, esquiço por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre papel, n/ass., sem data (fonte: Arquivo Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana - IHRU).

**PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CONTEMPORÂNEO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA:  
ARQUITECTO VÍTOR FIGUEIREDO E O EDIFÍCIO PARA O PÓLO DA MITRA**

Esta dissertação inclui as críticas feitas pelo júri

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Universidade de Évora

Autora: Rossana Isabel Santos Rosa

Orientadora: Prof. Sofia Aleixo

Évora. Julho de 2010



**PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CONTEMPORÂNEO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA:  
ARQUITECTO VÍTOR FIGUEIREDO E O EDIFÍCIO PARA O PÓLO DA MITRA**

Esta dissertação inclui as críticas feitas pelo júri

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Universidade de Évora

Autora: Rossana Isabel Santos Rosa

Orientadora: Prof. Sofia Aleixo

Évora. Julho de 2010



## RESUMO

### **PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CONTEMPORÂNEO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA:**

#### **ARQUITECTO VÍTOR FIGUEIREDO E O EDIFÍCIO PARA O PÓLO DA MITRA**

A presente dissertação apresenta uma abordagem arquitectónica a um dos edifícios mais representativos do património arquitectónico contemporâneo da Universidade de Évora, as primeiras instalações construídas de raiz pela universidade, que foram concebidas pelo arquitecto Vítor Figueiredo. Procurará ainda esta dissertação contribuir para um melhor conhecimento deste edifício, no âmbito do património arquitectónico da Universidade de Évora e do programa universitário na obra do arquitecto, sobre o qual ainda não terão sido efectuados estudos mais sistemáticos.

Na primeira parte da dissertação, procurou-se enquadrar o projecto no âmbito da instituição e do seu património arquitectónico, sobretudo do Pólo da Mitra. A segunda parte, dedicada ao arquitecto Vítor Figueiredo, tem início com a contextualização da produção arquitectónica do século XX e do programa universitário em Portugal e, a partir deste registo a investigação debruça-se sobre a sua obra, em particular sobre as suas últimas décadas. Por último, procura-se realizar o estudo detalhado a nível arquitectónico do edifício para o Pólo da Mitra, com o objectivo de reconhecer o seu valor patrimonial e constituir uma base que contribua para o processo da sua divulgação e classificação.

O edifício para o Pólo da Mitra corresponde a um momento de transição quanto às instalações da Universidade de Évora, uma vez que, até à construção deste edifício a instituição adquiriu edifícios pré-existentes, que recuperou e adaptou, passando a privilegiar a partir de então a construção de novas instalações, concebidas para responderem às suas exigências e necessidades.

O projecto é também um marco importante na obra de Vítor Figueiredo, sendo que enquanto primeiro edifício para o ensino superior na sua obra, o arquitecto estabelece princípios que serão trabalhados e aprofundados nos dois projectos seguintes.

Vítor Figueiredo realiza no Pólo da Mitra um exercício de reconhecimento, elogio e experimentação com recurso ao léxico da arquitectura erudita, popular, clássica e contemporânea e projecta um edifício que constitui uma referência não apenas na sua obra e no âmbito do património arquitectónico da Universidade de Évora como no contexto da produção arquitectónica nacional do século XX, no qual se constata o seu valor patrimonial.

**Palavras-chave:** Património Arquitectónico; Universidade de Évora; Pólo da Mitra; Programa Universitário; Vítor Figueiredo.

## *ABSTRACT*

### **CONTEMPORARY ARCHITECTURAL PATRIMONY OF ÉVORA UNIVERSITY: THE ARCHITECT VÍTOR FIGUEIREDO AND THE BUILDING AT MITRA CENTRE.**

This dissertation presents an architectural approach to one of the most representative buildings of architectural heritage of the contemporary University of Evora, the first facility built from scratch by the university, which were designed by architect Victor Figueiredo. This thesis will also seek to contribute to a better understanding of this building within the architectural heritage of the University of Evora and the university program in the work of the architect, on which have not yet been carried out more systematic studies.

In the first part of the thesis, we tried to frame the project within the institution and its architectural heritage, particularly from Mitra. The second part, devoted to the architect Victor Figueiredo, begins with the context of architectural production of the twentieth century and the university program in Portugal and, from this record research focuses on his work, particularly on their last decades . Finally, we attempt to perform a detailed study ,in architectural terms, of the Mitra, in order to recognize their heritage value and provide a basis to contribute to the process of disclosure and classification.

The building under analysis corresponds to a transitional moment observed in the housing needs of the University. Prior to its construction, the Institution had acquired, restored and adapted several buildings for academic purposes; from then onwards, however, some new infrastructures have been built so as to meet the specific requirements of the several academic disciplines it offers.

The project is also an important landmark in Vítor Figueiredo's work. Being his first building for an Institution of Higher Education, the architect established a set of principles which would be further developed in two subsequent projects.

Vitor Figueiredo performs at the Mitra an exercise of recognition, praise and experimentation using the vocabulary of classical architecture, popular, classical and contemporary designs a building that is a reference not only in his work and in the architectural heritage of the University of Évora as in the context of national architectural production of the twentieth century, which notes the book value

**Key-words:** Architectural Patrimony; Évora University; Mitra Centre; University Building Programme; Vítor Figueiredo.

## AGRADECIMENTOS

À professora Sofia Aleixo por ter aceite a coordenação deste trabalho, pela sua exigência, disponibilidade e empenho.

Ao prof. José Alberto Machado e à prof. Ana Vaz Milheiro, pelo olhar crítico em capítulos específicos deste trabalho.

Ao Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), com especial atenção para o Dr. João Paulo Machado, pela disponibilidade e amabilidade.

A todos aqueles que contribuíram para a investigação e tornaram possível a realização do trabalho, nomeadamente ao arq. Jorge Cruz Pinto e ao arq. José Neves.

Aos meus pais por todo o investimento, amparo e constante incentivo. À Maria Bárbara e à Ana Maria por sempre terem acreditado. À Graça. Às Zitas. Ao Ricardo. À família e aos amigos.

O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CONTEMPORÂNEO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA  
ARQUITECTO VÍTOR FIGUEIREDO E O EDIFÍCIO PARA O PÓLO DA MITRA

ÍNDICE

<b>Resumo</b> .....	I
<b>Abstract</b> .....	II
<b>Agradecimentos</b> .....	III
<b>Índice de Imagens</b> .....	VII
<b>Introdução</b>	
Enquadramento .....	1
Objectivo .....	2
Organização da dissertação .....	2
Metodologia.....	3
<b>PARTE I – O PÓLO DA MITRA NO ÂMBITO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA</b>	
<b>Capítulo 1. A Universidade de Évora</b>	
1.1. Contextualização histórica .....	7
1.2. A instituição.....	10
1.3. O património arquitectónico .....	13
<b>Capítulo 2. Pólo da Mitra da Universidade de Évora</b>	
2.1. Contextualização histórica .....	19
2.2. O património arquitectónico do Pólo da Mitra.....	23
2.2.1. Quinta do Paço de Valverde .....	23
2.2.2. Convento de Bom Jesus de Valverde .....	25
2.2.3. Escola de Regentes Agrícolas .....	27
2.2.4. Hospital Veterinário .....	31
<b>PARTE II – O PROGRAMA UNIVERSITÁRIO E O PÓLO DA MITRA NA PRODUÇÃO ARQUITECTÓNICA DE VÍTOR FIGUEIREDO</b>	
<b>Capítulo 1. A arquitectura portuguesa e o programa universitário em Portugal no século XX</b>	
1.1. A arquitectura portuguesa no século XX .....	35

1.2. O programa universitário em Portugal .....	40
1.2.1. Contextualização .....	40
1.2.2. O património arquitectónico universitário .....	43
1.2.3. Os modelos: <i>campus</i> universitários, pólos de ensino inseridos no espaço urbano e edifícios de ensino disseminados na cidade .....	43
<b>Capítulo 2. Arquitecto Vítor Figueiredo e o Programa Universitário</b>	
2.1. A obra do arquitecto .....	46
2.2. O programa universitário na obra do arquitecto .....	52
2.2.1. Edifício para o Pólo da Mitra, Herdade da Mitra, Valverde 1991-1996 .....	57
2.2.2. Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha, 1992-1998.....	61
2.2.3. Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, Aveiro, 1995-2000 .....	65
2.2.4. A arquitectura dos edifícios – análise comparativa .....	69
<b>Capítulo 3. Edifício para o Pólo da Mitra, Vítor Figueiredo, 1991-1996</b>	
3.1. A encomenda .....	77
3.2. O projecto .....	81
3.3. A construção .....	101
3.4. A utilização .....	104
<b>Conclusões</b>	
Conclusões .....	108
Desenvolvimentos futuros.....	113
<b>Bibliografia</b> .....	114
<b>Anexos</b>	
Anexo 1. Universidade de Évora: Pólos de Ensino.....	124
Anexo 2. Património Edificado da Universidade de Évora. Pólo de Évora e da Mitra .....	130
Anexo 3. Pólo de Évora da Universidade de Évora. Património Edificado. Planta, esc. 1:10000 .....	137
Anexo 4. Pólo da Mitra da Universidade de Évora. Plantas evolutivas da ocupação da Herdade da Mitra, esc. 1:12500 .....	140
4.1. Construções anteriores a 1540.....	141
4.2. Construções realizadas entre 1540 e 1678.....	142
4.3. Construções realizadas entre 1678 e 1834.....	143
4.4. Construções realizadas entre 1834 e 1969.....	144
4.5. Construções realizadas entre 1969 e 1975.....	145

4.6. Construções realizadas entre 1975 e 1995.....	146
4.7. Construções posteriores a 1995 .....	147
Anexo 5. Arquitecto Vítor Manuel de Almeida a Figueiredo. Biografia .....	148
Anexo 6. Edifício para o Pólo da Mitra. Desenhos técnicos, esc. 1:450 .....	152
6.1.Planta piso -1.....	153
6.12. Planta piso 0.....	154
6. 3. Planta piso 1 .....	155
6.14. Planta de cobertura.....	156
6. 5. Cortes 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Corpo A .....	157
6. 6. Alçado Poente, Alçados Sul e Nascente. Corte Alçado 8, 9, 10, 11 e 12. Corpo A .....	158
6. 7. Alçado Nascente e Sul. Cortes 13, 14, 15, 16 e 17.Corpo B .....	159
6.18. Cortes 18, 19, 20, 21, 22 e 23. Corpo C.....	160
Anexo 7. Questionário.....	162
7.1. População e amostra.....	163
7.2. Questionário. Utilização do edifício .....	164
7.3. Análise do Questionário (análise percentual) .....	170
Anexo 8. Guião das entrevistas.....	176

# ÍNDICE DE IMAGENS

## PARTE I – A UNIVERSIDADE

### Capítulo 1. A Universidade de Évora

Figura 1 - Mapa de localização dos Pólos da Universidade de Évora, sem escala (desenho da autora, 2009) .....	12
Figura 2 - Alçado principal do claustro do Colégio do Espírito Santo, Évora (foto da autora, 2009) .....	14
Figura 3 - Antiga Fábrica dos Leões  Escola das Artes, Évora (foto de Leonardo Finotti, 2009, fonte: <a href="http://www.ilobo.pt">http://www.ilobo.pt</a> ) .....	14
Figura 4 - Colégio Luís António Verney, núcleo dos laboratórios (foto da autora, 2009) .....	16
Figura 5 - Antiga Fábrica dos Leões, alçado Norte (foto da autora, 2009) .....	16
Figura 6 - Escola de Regentes Agrícolas, Edifício do Anel (foto da autora, 2009) .....	16
Figura 7 - Pavilhão Gimnodesportivo, alçado posterior (foto da autora, 2010) .....	18
Figura 8 - Residência Manuel Álvares, alçado principal (foto da autora, 2009) .....	18
Figura 9 - Instalações projectadas por Vítor Figueiredo para o Pólo da Mitra (foto da autora, 2009) .....	18
Figura 10 - Residência António Gedeão (autor da autora, 2010) .....	18
Figura 11 - Hospital Veterinário, alçado Poente (foto da autora, 2009) .....	18

### Capítulo 2. Pólo da Mitra da Universidade de Évora

Figura 12 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora (tratamento gráfico da autora; fonte: Serviços Técnico da Universidade de Évora, arquitecto Nuno Ramos, 2006) .....	22
Figura 13- Quinta do Paço de Valverde, Herdade da Mitra, Valverde, esquema de implantação (esquema da autora) .....	24
Figura 14 - Pátio Matos Rosa, planta piso térreo, escala, 1:2000 (tratamento gráfico do autora; fonte: Serviços Técnico da Universidade de Évora, desenho de Valadas, s. /data) .....	24
Figura 15 - Paço da Quinta de Valverde   Pátio Matos Rosa, Herdade da Mitra, Valverde (foto da autora, 2009) .....	24
Figura 16- Convento de Bom Jesus de Valverde, Herdade da Mitra, Valverde, esquema de implantação (esquema da autora) .....	26
Figura 17 - Convento de Bom Jesus de Valverde, escala 1:1000 (tratamento gráfico do autora; fonte: Serviços Técnico da Universidade de Évora, autor desconhecido, s. /data) .....	26
Figura 18 - Convento de Bom Jesus de Valverde, vista a partir do Edifício do Anel, Herdade da Mitra, Valverde (foto da autora, 2009) ..	26
Figura 19- Edifício do Anel, Herdade da Mitra, Valverde, esquema de implantação (esquema da autora) .....	28
Figura 20 - Edifício do Anel, plantas piso -1, 0 e 1, escala 1:1000 (tratamento gráfico do autora; fonte: Serviços Técnico da Universidade de Évora, autor desconhecido, s. /data) .....	28
Figura 21 - Planta geral da intervenção do arquitecto Manuel Tainha na Herdade da Mitra, s. / escala (fonte: Pereira 1992: 31) .....	30
Figura 22 - Escola de Regentes Agrícolas, Edifício do anel, Herdade da Mitra, Valverde (foto da autora, 2009) .....	30
Figura 23- Hospital Veterinário, Herdade da Mitra, Valverde, esquema de implantação (esquema da autora) .....	32

Figura 24 - Hospital Veterinário, plantas piso 0 e 1, escala 1: 4000 (tratamento gráfico do autora; fonte: Serviços Técnico da Universidade de Évora, arquitecto Nuno Ramos, 2000) .....	32
Figura 25 - Hospital Veterinário, vista a partir do Edifício do anel, Herdade da Mitra, Valverde (foto da autora, 2009) .....	32

## PARTE II – O ARQUITECTO

### Capítulo 1. A arquitectura portuguesa e o programa universitário em Portugal no século XX

Figura 26 - Residência de estudantes, Aires Mateus, Coimbra, 1999 (Foto de João Sousa, 2007; fonte: <a href="http://www.flickr.com/photos/asimplemind/1302500837//">http://www.flickr.com/photos/asimplemind/1302500837//</a> ).....	38
Figura 27 - Pólo de Santiago da Universidade de Aveiro, Aveiro, Nuno Portas e CEFAUP, 1988 (foto da autora, 2009) .....	38
Figura 28 - Rua da Sofia, Coimbra, s./ escala (fonte: ROSSA 2006:22) .....	42

### Capítulo 2. Arquitecto Vítor Figueiredo e o Programa Universitário

Figura 29 - Conjunto Habitacional “Cinco Dedos”, 1973 (Foto de Catarina Botelho, 2004; fonte: Carvalho et al 2004: s./p.) .....	50
Figura 30- Escola Superior de Artes e Design, piso 1, corpo A (foto da autora, 2009).....	50
Figura 31 - Edifício para o Pólo da Mitra, esquema de acessos ao edifício, escala 1:2000, 1996 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)....	58
Figura 32 - Edifício para o Pólo da Mitra, esquema de implantação, s./ escala (esquema da autora) .....	58
Figura 33 - Edifício para o Pólo da Mitra, esquiço por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre papel, n/ass. (fonte: Arquivo Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana - IHRU). .....	58
Figura 34 - Edifício para o Pólo da Mitra, esquema de circulação, escala 1:2000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	60
Figura 35 - Escola Superior de Artes e Design, esquema de acessos ao edifício, escala 1:1000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)...	62
Figura 36 - Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha, esquema de implantação, s./ escala (esquema da autora) .....	62
Figura 37 - Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha, Esquiço por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre vegetal, s./ data, (fonte: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana) .....	62
Figura 38 - Escola Superior de Artes e Design, esquema de circulação, escala 1:1000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	64
Figura 49 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquema de acessos, escala 1:1000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	66
Figura 40 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquema de espaços exteriores, escala 1:1000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	66
Figura 41 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquema de implantação (esquema da autora) .....	66

Figura 42 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquiço por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre vegetal, n/ass., sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	66
Figura 43 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquema de circulação, escala 1:000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) ...	78
Figura 44 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, alçado Nascente-Sul (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana).....	70
Figura 45- Escola Superior de Artes e Design, vista a partir do pinhal (foto da autora, 2009) .....	70
Figura 46 - Edifício para o Pólo da Mitra, acesso aos laboratórios, corpo A (foto da autora, 2009).....	72
Figura 47 - Edifício para o Pólo da Mitra, Átrio (foto da autora, 2009) .....	72
Figura 48 - Escola Superior de Artes e Design, acesso aos ateliês, corpo B (foto da autora, 2009).....	72
Figura 49- Escola Superior de Artes e Design, acesso aos gabinetes, corpo A (foto da autora, 2009) .....	72
Figura 50 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, átrio principal (foto da autora, 2009) .....	72
Figura 51 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, acesso (foto da autora, 2009) .....	72
Figura 52 - Edifício para o Pólo da Mitra, alçado Poente, corpo A, 1996 (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana).....	74
Figura 53 - Escola Superior de Artes e Design, alçado Norte, corpo A, 1998 (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana).....	74
Figura 54- Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, alçado Nascente-Sul, 2000 (foto da autora, 2009) .....	74
Figura 55 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquiço por atelier Vítor Figueiredo, grafite sobre papel, n/ass., s. /data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	74

### **Capítulo 3. Edifício para o Pólo da Mitra, Vítor Figueiredo, 1991-1996**

Figura 56- Edifício para o Pólo da Mitra, Herdade da Mitra, ortofotomapa (tratamento gráfico da autora sobre ortofotomapa; fonte: Câmara Municipal de Évora, 2004) .....	78
Figura 57 - Fotografia de um esquiço por atelier Vítor Figueiredo, n/ass., s. /data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana).....	80
Figura 58- Maquete da proposta por atelier Vítor Figueiredo, n/ass., s. /data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana).....	80
Figura 59 - Maquete da proposta por atelier Vítor Figueiredo, n/ass., esc. 1:100, s. /data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana).....	80

Figura 60 – Edifício para o Pólo da Mitra, plantas piso -1, 0 e 1, 1ª e 2ª fase de construção, escala 1:2000, 1996 (desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	82
Figura 61 - Edifício para o Pólo da Mitra, esquema funcional, 1ª fase de construção, escala 1:1000, 1996 (desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	84
Figura 62 – Edifício para o Pólo da Mitra, corte e alçados Nascente e Poente do corpo A, 1ª fase de construção, escala 1:1000, 1996 (desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) ..	86
Figura 63 - Edifício para o Pólo da Mitra, vista sobre o corpo D a partir do terreiro (foto da autora, 2009) .....	86
Figura 64 - Edifício para o Pólo da Mitra, corpo C (foto da autora, 2009) .....	88
Figura 65- Edifício para o Pólo da Mitra, corpo A (foto da autora, 2009) .....	88
Figura 66 - Edifício para o Pólo da Mitra, acesso, corpo A (foto da autora, 2009) .....	88
Figura 67 - Edifício para o Pólo da Mitra, <i>loggia</i> , corpo A (foto da autora, 2009) .....	88
Figura 68 - Edifício para o Pólo da Mitra, <i>loggia</i> , alçado SUI do corpo A (foto da autora, 2009) .....	90
Figura 69 - Edifício para o Pólo da Mitra, pormenor das grelhas da fachada do alçado Sul do corpo A (foto da autora, 2009) .....	90
Figura 70 - Edifício para o Pólo da Mitra, átrio, corpo A (foto da autora, 2009) .....	90
Figura 71 - Edifício para o Pólo da Mitra, vista sobre ao átrio do corpo A, (foto da autora, 2009).....	90
Figura 72 - Água de Peixes, Alvito (foto da autora, 2008) .....	92
Figura 73 - Monte das Cortes de baixo, Vidigueira. Ortofotomapa, a 500m (fonte: GoogleHeart).....	92
Figura 74 – Escola Superior de Pedagogia, Jyväskylä, Finlândia. Planta (fonte: Hahti 2005:63) .....	94
Figura 75 – Sanatório Paimio, Paimio, Finlândia. Planta (fonte: Hahti 2005:24) .....	94
Figura 76 – Unité d’habitation, Marselha, França. 1946-1952. Corbusier. Corte (fonte: Cohen 2006:61) .....	96
Figura 77 – Edifício para o Pólo da Mitra, corte transversal do corpo A, 1996 (desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora. Tratamento gráfico da autora) .....	96
Figura 78 – Supremo Tribunal, Chandigarh, Índia. 1951-1955. CorbusierPlanta (fonte: Cohen 2006:75) .....	96
Figura 79 - Edifício para o Pólo da Mitra, esquiços por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre papel, n/ass., sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	98
Figura 80- Edifício para o Pólo da Mitra, esquiços por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre papel, n/ass., sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	98
Figura 81 - Edifício para o Pólo da Mitra, Alçado Norte do Corpo A (foto da autora, 2009) .....	100
Figura 82 - Edifício para o Pólo da Mitra, vista sobre o terreiro a partir do corpo D (foto da autora, 2009) .....	100

Figura 83- Edifício para o Pólo da Mitra, planta esquemática, 1ª e 2ª fase de construção, s./ escala, s. /data, (desenhos de atelier Vítor Figueiredo (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	102
Figura 84 - Edifício para o Pólo da Mitra, execução das grelhas de sombreamento, fotografias realizadas durante a obra, s. /data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana).....	102
Figura 85 - Edifício para o Pólo da Mitra, bloco C, fotografias realizadas durante a obra, s. /data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana) .....	102
Figura 86 – Edifício para o Pólo da Mitra, esquema de acessibilidade por pessoas com mobilidade condicionada, escala 1:750, 1996 (desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana).106	
<b>Anexos</b>	
Figura 87 - Planta do Pólo de Évora da Universidade de Évora (tratamento gráfico da autora sobre levantamento aerofotométrico de 2000; fonte: Câmara Municipal de Évora).....	139
Figura 88 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções anteriores a 1540, escala 1:12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .141	
Figura 89 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções realizadas entre 1540 e 1678, escala 1: 12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	142
Figura 90 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções realizadas entre 1678 e 1834, escala 1: 12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	143
Figura 91 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções realizadas entre 1834 e 1969, escala 1: 12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	144
Figura 92- Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções realizadas entre 1969 e 1975, escala 1: 12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	145
Figura 93 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções realizadas entre 1975 e 1995, escala 1: 12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	146
Figura 94 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções posteriores a 1996, escala 1: 12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .147	
Figura 95 - Edifício para o Pólo da Mitra, arquitecto Vítor Figueiredo. Plantas piso -1, escala: 1:450 (vectorização e actualização da autora sobre desenhos produzidos pelos Serviços Técnicos da Universidade de Évora; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	154

Figura 96 - Edifício para o Pólo da Mitra, arquitecto Vítor Figueiredo. Plantas piso 0, escala: 1:450 (vectorização e actualização da autora sobre desenhos produzidos pelos Serviços Técnicos da Universidade de Évora; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	155
Figura 97 - Edifício para o Pólo da Mitra, arquitecto Vítor Figueiredo. Plantas piso 1, escala: 1:450 (vectorização e actualização da autora sobre desenhos produzidos pelos Serviços Técnicos da Universidade de Évora; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	156
Figura 98 - Edifício para o Pólo da Mitra, arquitecto Vítor Figueiredo. Plantas de cobertura, escala: 1:450 (vectorização e actualização da autora sobre desenhos produzidos pelos Serviços Técnicos da Universidade de Évora; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	157
Figura 99 - Edifício para o Pólo da Mitra, arquitecto Vítor Figueiredo. Cortes 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Corpo A, escala: 1:450 (vectorização e actualização da autora sobre desenhos produzidos pelos Serviços Técnicos da Universidade de Évora; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	158
Figura 100 - Edifício para o Pólo da Mitra, arquitecto Vítor Figueiredo. Alçado Poente, Alçados Sul e Nascente. Corte Alçado 8, 9, 10, 11 e 12. Corpo A, escala: 1:450 (vectorização e actualização da autora sobre desenhos produzidos pelos Serviços Técnicos da Universidade de Évora; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	159
Figura 101 - Edifício para o Pólo da Mitra, arquitecto Vítor Figueiredo. Alçado Nascente e Sul. Cortes 13, 14, 15, 16 e 17. Corpo B, escala: 1:450 (vectorização e actualização da autora sobre desenhos produzidos pelos Serviços Técnicos da Universidade de Évora; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	160
Figura 102- Edifício para o Pólo da Mitra, arquitecto Vítor Figueiredo. Cortes 18, 19, 20, 21, 22 e 23. Corpo C, escala: 1:450 (vectorização e actualização da autora sobre desenhos produzidos pelos Serviços Técnicos da Universidade de Évora; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora) .....	161

# 1. INTRODUÇÃO

## Enquadramento

A entidade acolhedora deste Mestrado Integrado, a Universidade de Évora, ao longo dos 450 anos de existência (e sobretudo nas últimas décadas), empenhou-se na aquisição e construção de instalações capazes de responder às necessidades lectivas, de investigação e alojamento, aumentando assim o seu património arquitectónico.

Se nos primeiros séculos, a instituição adquiriu edifícios de grande valor histórico, cultural e arquitectónico, que recuperou e adaptou, nas últimas duas décadas empenhou-se na edificação de novas instalações pensadas para albergar e responder às necessidades concretas dos novos cursos leccionados.

Hoje, para além dos vários edifícios disseminados na malha urbana da cidade de Évora (Pólo de Évora), a Universidade conta com diversos edifícios e herdades experimentais, dispersos por nove pólos, localizados no Alto e Baixo Alentejo.

É neste contexto que, aquando da sua re-instauração, em 1975, a Universidade adquire a Herdade da Mitra, cujas origens remontam ao século XVI, onde durante vários séculos o bispado eborense co-habitou com os frades Capuchos da Piedade.

Embora o legado arquitectónico existente tenha sido recuperado e reabilitado, face à crescente quantidade de cursos, à oferta de formação disponibilizada e ao conseqüente aumento do número de alunos, as instalações revelaram-se insuficientes tornando-se necessário a construção de novos espaços lectivos.

Assim, o concurso para as Novas Instalações da Universidade de Évora, com o fim de albergar espaços lectivos para aulas práticas no Pólo da Mitra (primeiro edifício a ser edificado neste pólo), foi lançado em 1991, tendo Vítor Figueiredo obtido o primeiro lugar. No momento, a primeira fase de construção encontra-se concluída e a segunda fase não tem ainda data prevista para início.

Este foi também um projecto importante no âmbito da produção arquitectónica do arquitecto Vítor Figueiredo que, após duas décadas de actividade a trabalhar sobretudo em habitação social (décadas de 60 e 70), passa a privilegiar, a partir da década de 80, outro tipo de programas, relacionados com equipamentos públicos e serviços, incluindo o programa universitário.

Para além do edifício para o Pólo da Mitra, dois outros edifícios foram posteriormente concebidos para o ensino superior, para o Instituto Politécnico de Leiria e para a Universidade de Aveiro.

## Objectivos

A presente dissertação tem como objecto de estudo um dos edifícios que integra o património arquitectónico contemporâneo da Universidade de Évora, o edifício projectado pelo arquitecto Vítor Figueiredo para o Pólo da Mitra. Não se pretende contudo uma monografia isolada do edifício, mas antes uma análise contextualizada no contexto da obra do arquitecto, do património arquitectónico da Universidade de Évora e da produção arquitectónica nacional do século XX, factores considerados basilares na classificação e definição do seu valor patrimonial.

A selecção deste edifício, para além do interesse no contributo para a Universidade de Évora (instituição acolhedora e da formação da candidata), prende-se com o facto de este ser um projecto sobre o qual não terão sido ainda efectuadas análises sistemáticas no âmbito da produção universitária de Vítor Figueiredo.

Assim, será desenvolvido um trabalho de investigação que terá como objectivos:

- . Enquadrar o edifício no contexto da Universidade de Évora e do seu património arquitectónico;
- . Procurar entender as lógicas e circunstâncias que originaram as principais ocupações do Pólo da Mitra e a intervenção do arquitecto Vítor Figueiredo;
- . Contextualizar a obra do arquitecto no âmbito da produção arquitectónica nacional realizada no final do século XX e enquadrar o Pólo da Mitra no contexto do património arquitectónico universitário nacional;
- . Perceber a importância da Universidade de Évora no contexto do ensino superior em Portugal;
- . Analisar os edifícios projectados por Vítor Figueiredo para o ensino superior e verificar se existe algum tipo de relação entre estes;
- . Proceder à caracterização arquitectónica do edifício para o Pólo da Mitra.

## Organização da dissertação

A estrutura do trabalho desenvolve-se em duas partes. A primeira parte da dissertação visa enquadrar o Pólo da Mitra no âmbito do património arquitectónico da Universidade de Évora e é constituída por dois capítulos. Esta primeira parte inicia-se com o capítulo acerca da Universidade de Évora, instituição na qual se integra o objecto de estudo desta investigação. Neste capítulo procurou-se compreender a evolução e as transformações ocorridas na Universidade, através de uma abordagem cronológica, que tem início no século XV, aquando da intenção de criar uma instituição de ensino superior em Évora. Após este primeiro enquadramento procura-se perceber o que é a instituição hoje, passados 450 anos após a sua fundação, com destaque para o seu património arquitectónico.

No segundo capítulo é realizado o enquadramento da ocupação do Pólo da Mitra, desde a fundação do Paço Episcopal na Herdade (1514), até à sua aquisição pela Universidade de Évora (1975), procurando entender as lógicas e circunstâncias que originaram as principais ocupações. Posteriormente, a partir deste registo, é realizada uma breve análise do seu património arquitectónico, histórico e contemporâneo.

A segunda parte da dissertação aborda o programa universitário na produção arquitectónica de Vítor Figueiredo. No primeiro de três capítulos que integram esta segunda parte, procura-se compreender os factores que possibilitaram o grande aumento do número de alunos verificado nas últimas décadas do século XX e o conseqüente investimento em instalações para o ensino superior. De seguida, a investigação aborda o programa universitário em Portugal, enquadrando as principais transformações ocorridas, desde a criação da primeira universidade (a Universidade de Coimbra) até às reformas ocorridas nas últimas décadas, que se traduziram no aumento exponencial do número de alunos e na criação de várias instituições de ensino superior (públicas e privadas). Ainda neste capítulo abordam-se as principais exigências e opções no que respeita aos edifícios para o ensino superior, assim como, se caracterizam os modelos resultantes da relação entre edifício universitário e a urbe.

O segundo capítulo contém o suporte metodológico de análise dos três edifícios projectados por Vítor Figueiredo para o ensino superior. Após um breve enquadramento do programa universitário na produção arquitectónica do arquitecto, é realizada a análise dos três edifícios para o ensino superior e, posteriormente procura-se realizar uma aproximação à arquitectura dos edifícios, onde se descrevem pontos de contacto e princípios comuns.

Por último, no capítulo três, a investigação incide no edifício para o Pólo da Mitra da Universidade de Évora a partir da análise das fases de concurso, projecto, construção e utilização.

## **Metodologia**

Na presente dissertação os diferentes temas a investigar e a natureza dos mesmos exigiram diferentes abordagens na obtenção de dados e no seu tratamento.

A investigação teve início com uma leitura atenta da bibliografia disponível sobre os temas a serem abordados. Criteriosamente a mesma foi pesquisada no Arquivo da Câmara Municipal de Évora, na Biblioteca Pública de Évora, no Arquivo e na Biblioteca da Universidade de Évora, na Biblioteca da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, na Biblioteca da Ordem dos Arquitectos e na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

Esta fase foi concluída com a consulta do espólio do arquitecto, que actualmente se encontra arquivado no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. A consulta do espólio permitiu o acesso a material não

publicado, como memórias descritivas, textos, desenhos técnicos, esboços, fotografias e maquetas, fundamentais para o entendimento da obra.

Perante todas as fontes bibliográficas consultadas, o passo seguinte foi o de seleccionar e gerir toda a informação recolhida, através da sua análise e cruzamento.

Quanto ao Pólo da Mitra, foi igualmente efectuada, nesta fase inicial, uma leitura cronológica das principais ocupações da Herdade (materializada em sete plantas), que irão completar a leitura teórica realizada.

Também as entrevistas realizadas a ex-colaboradores do arquitecto Vítor Figueiredo que participaram no projecto em estudo, revelaram-se um importante instrumento de recolha de informação, e enquanto diálogo intencional e orientado para determinados objectivos, permitiram o contacto directo com os intervenientes e o acesso a informação não documentada. Embora tenham sido contactados todos os arquitectos que colaboraram no projecto, apenas foi possível realizar as entrevistas, no tempo útil à investigação, ao arquitecto Jorge Cruz Pinto (a 5 de Maio de 2009) e ao arquitecto José Neves (a 22 de Junho de 2009).

Em simultâneo à recolha de informação, foi realizado o reconhecimento *in loco* onde, para além do levantamento fotográfico, se procurou, através da técnica de observação directa e posteriormente da observação indirecta, conhecer a realidade dos edifícios a partir do ponto de vista dos seus utilizadores, entre os quais, estudantes, docentes e restantes funcionários. O reconhecimento *in loco*, foi realizado nos três edifícios projectados por Vítor Figueiredo para o ensino superior, na Escola Superior de Arte e Design a 20 de Maio de 2009, no Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico a 21 de Maio de 2009, e no Pólo da Mitra inúmeras vezes durante a investigação (entre 2009 e 2010).

Numa segunda fase de investigação, numa perspectiva mais analítica e objectiva, foi elaborado e aplicado um questionário aos utilizadores do edifício com a avaliar a funcionalidade do edifício.

Após terminada a fase de recolha de dados, aplicado e recolhido o questionário, o passo seguinte passou pela análise quantitativa das respostas, obtidas através do questionário às questões fechadas, e pela análise de conteúdos (qualitativa), obtidos através das respostas às questões abertas, e respectivas conclusões.

Paralelamente, revelou-se igualmente fundamental a análise das peças desenhadas referentes aos três edifícios projectados por Vítor Figueiredo para o ensino superior. Os desenhos técnicos fornecidos (pelos Serviços Técnicos da Universidade de Évora e pelo Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana), construíram a base para a análise arquitectónica, da qual resultou a produção de desenhos síntese (de acessos, circulação, implantação e acessibilidade).



# 1. A UNIVERSIDADE DE ÉVORA

## 1.1 Contextualização histórica

A primeira universidade em Portugal, a Universidade de Coimbra, foi criada no século XIII. Apenas no século XVI surgiu a necessidade de criar uma segunda universidade que servisse o sul do país. O novo contexto social e económico e o consequente aumento do número de alunos interessados em prosseguir os estudos, constituem as principais razões que motivam a criação de uma nova universidade.

Évora, era na altura, e desde os finais da Idade Média, uma das cidades mais importantes do reino, segunda capital do país, residência temporária da Corte e palco de uma intensa vida cultural e artística. Ao nível eclesiástico, a cidade ocupava também um lugar de relevo a nível nacional, sendo um dos principais centros de decisão da Igreja (Domingos 1995).

A escolha de Évora como local indicado para a localização da nova instituição e a sua criação não foi um processo linear, mas antes bastante conturbado, que demorou cerca de 40 anos.

### **A fundação do Colégio do Espírito Santo (1553)**

A intenção de criar em Évora uma nova universidade partiu de D. Manuel I que, em 1520, adquiriu um terreno para esse fim, junto à Porta do Moinho de Vento, local hoje ocupado pelo Colégio do Espírito Santo, porém com a morte do monarca a ideia terá caído no esquecimento.

A intenção ressurgiu anos mais tarde, em 1550, com D. João III que, ao reconhecer o contributo dos jesuítas para o ensino em Portugal, lhes facilitou a fundação dos colégios de Lisboa e Coimbra e incentivou a Ordem a fundar um terceiro colégio em Évora. No entanto, a nova Ordem não dispunha ainda de meios humanos suficientes e optou por se concentrar em Lisboa e Coimbra, ficando adiada a presença dos jesuítas em Évora bem como a construção de um novo colégio (Carvalho 1981).

Coube ao Cardeal D. Henrique, em 1551, a concretização do projecto. Preocupado com o número reduzido de Clero bem formado na sua arquidiocese, o Cardeal mandou construir em Coimbra um colégio para a sua formação.

Durante o início da construção, a convite de D. Henrique, foram enviados seis jesuítas que percorreram o Alentejo desempenhando, através do contacto directo com os habitantes das vilas e aldeias, um importante papel de evangelização. O resultado foi de tal forma positivo que, para assegurar a permanência dos novos apóstolos em Évora, o Cardeal mandou suspender as obras que prosseguiam em Coimbra, para que o novo colégio fosse construído em Évora (Carvalho 1981).

A construção teve início no mesmo ano e, embora o edifício não estivesse ainda terminado, o Colégio do Espírito Santo foi inaugurado a 28 de Agosto de 1553.

## **PARTE I**

### **O PÓLO DA MITRA NO ÂMBITO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

### **Criação da Universidade (1559-1759)**

O número de estudantes interessados em prosseguir os estudos e a qualidade do Colégio, desde cedo fez emergir a ambição de elevar o colégio a universidade. Porém, só em 1558 se tratou da sua concretização ao escrever-se a D. Afonso de Lencastre, embaixador de Portugal em Roma, pedindo-lhe para que este intercedesse perante o Papa, para que fosse autorizada a criação da Universidade de Évora. A necessidade de criar uma segunda universidade é justificada pela falta de teólogos no reino e pela distância à Universidade de Coimbra, que dificultava a deslocação dos estudantes, principalmente dos provenientes do sul do país, muitos deles com dificuldades financeiras (Paiva 2005).

A 15 de Abril de 1559, o Papa Paulo IV publica a bula *Cum a nobis*, que consagraria a criação da Universidade de Évora (Universidade de Évora: 2009a). Inaugurada a 1 de Novembro desse mesmo ano é entregue à Companhia de Jesus que a dirigiu durante dois séculos (1559-1759).

### **A Reforma Pombalina e a expulsão dos Jesuítas (1759)**

Em 1759, as reformas políticas e culturais introduzidas pelo Marquês de Pombal revelaram-se adversas aos jesuítas, e culminaram na sua expulsão do território nacional e no conseqüente encerramento de todas as instituições de ensino em Portugal. A Universidade de Évora não foi excepção tendo sido alvo da política reformadora do Marquês de Pombal. Segundo J. Carvalho (1981), a 8 de Fevereiro de 1759, o Colégio do Espírito Santo foi cercado pelas cavalarias reais, os jesuítas ficaram enclausurados dentro do edifício e todas as actividades académicas foram proibidas. A resistência por parte dos Jesuítas cessou apenas sete meses depois, a 11 de Setembro, tendo os religiosos abandonando nesse dia a Universidade, durante a noite, e sido exilados (Vaz 2009).

Após o encerramento da universidade, o Colégio do Espírito Santo, onde funcionara a instituição, teve várias utilizações associadas ao ensino e à formação. A partir de 1775, o edifício é ocupado pela Terceira Ordem de S. Francisco, no século XIX alberga a Casa Pia de Évora (1836-1957), o Liceu Nacional de Évora (1841-1959) e a Escola Comercial e Industrial.

### **Instituto Superior Económico e Social (1964-1974)**

A 22 de Março de 1957, o artigo “Centenário da Fundação da Universidade de Évora”, assinado por José Manuel Guerreiro, e publicado no semánario eborense *a Defesa*, terá lançado o debate, que envolveu toda a comunidade, em torno da necessidade de restauração do ensino universitário em Évora. De acordo com Cassimiro Amado (2009), esta discussão terá desencadeado a realização do Congresso Comemorativo do IV Centenário da Fundação da Universidade de Évora, cuja oportunidade fora aproveitada para reivindicar a restauração do ensino superior na cidade.

Muitas foram as instituições e pessoas singulares que agiram e trabalharam para que a universidade fosse restaurada, entre os quais se encontram a Câmara Municipal de Évora e a Fundação Eugénio de Almeida. Em

1962, Vasco Maria Eugénio de Almeida terá contactado o Provincial da Companhia de Jesus, Padre Lúcio Silva, propondo a reabertura de uma instituição de ensino superior em Évora, a ser patrocinada pela Fundação Eugénio de Almeida (Amado 2009). O empenho e a vontade de várias personalidades eborenses, permitiram que a tradição jesuítica no ensino em Évora não fosse esquecida e, passados dois séculos após a sua expulsão, os jesuítas regressaram à cidade, aquando da criação do Instituto Superior Económico e Social, entregue à Companhia de Jesus.

O Instituto ocupou o Palácio da Inquisição, adquirido por Vasco Eugénio de Almeida agora adaptado para o novo fim e funcionou provisoriamente durante três anos, até 1967, data em que foi concedido o seu alvará de funcionamento pelo Ministério da Educação.

### **Do Instituto Superior à reinstalação da Universidade de Évora - 1973-1979**

Uma nova reestruturação do ensino, fruto da reforma política e educativa conduzida pelo Ministro Veiga Simão (Reforma Veiga Simão), defendia uma verdadeira democratização do ensino em Portugal, através da obrigatoriedade e gratuidade do ensino, que se pretendia que contribuisse para a modernização da própria estrutura económica e social.

A democratização levou a um consequente aumento da procura de formação superior, que por sua vez conduziu à abertura de novas universidades e institutos superiores em Portugal.

Assim, a 4 de Janeiro de 1974, na tomada de posse do então Ministro da Educação, José Veiga Simão, foi criado o Instituto Universitário de Évora, a Universidade Nova de Lisboa, a Universidade de Aveiro e a Universidade do Minho (Paiva 2005). As razões da criação do Instituto Universitário em Évora apontam para “Évora como um ponto de confluência na rede de acessos e um dos centros de maior potencial de população da região sul, decorrente da sua posição geográfica; como detentora de um conjunto de equipamentos e actividades urbanas que garante um razoável esteio à instituição universitária” (Carvalho 1981: 5).

Criado o novo Instituto Universitário, associaram-se à instituição os estabelecimentos de ensino médio da cidade (a Escola de Regentes Agrícolas e o ISEDE). O primeiro dia de aulas do recém-formado Instituto teve lugar no mesmo edifício (Colégio do Espírito Santo) onde funcionara a antiga universidade, a 10 de Novembro de 1975.

Justificado pelo aumento da quantidade e diversidade da sua oferta formativa, a 8 de Fevereiro de 1979, o Instituto foi extinto para dar lugar à nova Universidade de Évora, cuja inauguração solene decorreu no dia 1 de Novembro do mesmo ano (Centeio 2006), data ainda celebrada anualmente como o Dia da Universidade de Évora, através da cerimónia da abertura solene do ano académico.

## 1.2 A instituição

Hoje, passados 450 anos após a sua fundação, a Universidade de Évora apoia-se numa estrutura flexível, organizada em unidades orgânicas, que pretendem dar resposta às necessidades de desenvolvimento da região e do país.

A estrutura interna desta instituição de ensino superior público universitário é constituída pelo Conselho do Governo (Conselho Geral, Reitor e Conselho de Gestão) e outros Órgãos (Senado Académico, Conselho Científico e Conselho de Avaliação), por um conjunto de Unidades Orgânicas onde se integram as Escolas, o IIFA (Instituto de Investigação e Formação Avançada) e várias estruturas de carácter consultivo e administrativo (Universidade de Évora 2009).

A instituição disponibiliza cursos de Licenciatura, Mestrado, Pós-Graduação e Doutoramento e cursos de especialização tecnológica e de formação avançada. No ano lectivo 2009/2010 a Universidade conta com cerca de 5760 alunos inscritos em formação inicial, 1588 em Mestrado e 277 em Doutoramento, 577 docentes e 406 funcionários não docentes (Universidade de Évora 2009).

Previamente à implementação do Plano de Bolonha, segundo João Costa (2001), terão existido dois modelos principais de organização das universidades: o modelo europeu continental e o modelo inglês.

O modelo europeu continental, organizava-se tradicionalmente em Escolas, também designadas como Faculdades. Já o segundo se organizava em Departamentos, que se distinguiam pelo seu carácter científico e correspondiam a áreas consolidadas do saber e por isso mais numerosas do que as Faculdades das universidades não Departamentais.

Embora em Portugal tenham coexistido os dois modelos, as universidades criadas em 1973, de que são exemplo a Universidade de Aveiro, Trás-os-Montes, Açores e Madeira, optaram maioritariamente pelo modelo departamental e que a Universidade do Minho, da Beira Interior ou do Algarve terão optado pela organização em Escolas (Costa 2001). A Universidade de Évora também se organizava em Departamentos embora estes se organizassem em áreas mais vastas.

No ano lectivo 2008/2009, terminada a reestruturação com base no Plano de Bolonha, na estrutura orgânica da Universidade de Évora integraram-se as Escolas (conjunto de departamentos), fundadas em 2008, onde se apoiam os ensinamentos teóricos e práticos dos diferentes cursos, assim como, as actividades de investigação.

A Escola das Artes, instalada na Fabrica dos Leões e no Colégio Mateus de Arenda, acolhe o departamento de Arquitectura, Artes Cénicas, Artes Visuais e Música.

O Colégio Luís António Verney (Pólo de Évora) e o Pólo da Mitra recebem a Escola de Ciências e Tecnologia, constituída pelos departamentos de Biologia, Engenharia Rural, Física, Fitotecnia, Geociências, Informática, Matemática, Medicina Veterinária, Paisagem Ambiente e Ordenamento, Química, e Zootecnia.

O departamento de Filosofia, Economia, Gestão, História, Linguística e Literaturas, Pedagogia e Educação, Psicologia e Sociologia, encontra-se instalado no Colégio do Espírito Santo, Casa Cordovil, Palácio do Vimioso e no Colégio Pedro da Fonseca, e constituem a Escola de Ciências Sociais.

A Escola Superior de Enfermagem São João de Deus, recentemente integrada na Universidade de Évora (2004), ocupa um edifício construído para o efeito, junto do Hospital do Espírito Santo. Esta é uma unidade orgânica de ensino politécnico da Universidade de Évora, dotada de autonomia científica, pedagógica e administrativa (Universidade de Évora 2009).

A partir da década de 80 do século XX, as universidades tiveram necessidade de se reestruturar financeiramente, o que impulsionou o desenvolvimento de unidades comerciais. A Universidade de Évora conta com um conjunto de unidades científicas e pedagógicas, complementares às actividades lectivas como: biblioteca geral, Herdades experimentais, hospital veterinário e orquestra. A prestação de serviços à comunidade, através das unidades científicas e pedagógicas, permite que os alunos consolidarem os conhecimentos teóricos adquiridos.

Hoje, a instituição distribui-se por vários pólos de ensino (conforme anexo 1: 125), adquiridos após a sua reinstalação (1974), entre os quais se encontram o Pólo da Mitra, de Sines, de Alter do Chão, de Estremoz, de Castelo de Vide, de Marvão, Ferreira do Alentejo, Monsaraz e Beja. A Universidade de Évora é formada por estes dez pólos, contudo os principais espaços lectivos e administrativos da Universidade funcionam em Évora e na Herdade da Mitra, funcionando nos restantes oito pólos espaços e actividades complementares ao ensino e à investigação.

**Pólos da Universidade de Évora:**

1. Pólo de Marvão
2. Pólo de Castelo de Vide
3. Pólo de Alter do Chão
4. Pólo de Estremoz
5. Pólo de Évora
6. Pólo da Mitra
7. Pólo de Monsaraz
8. Pólo de Ferreira do Alentejo
9. Pólo de Beja
10. Pólo de Sines



Figura 1- Mapa de localização dos Pólos da Universidade de Évora, sem escala (desenho da autora)

### 1.3. O património arquitectónico

A Universidade de Évora, que aquando da sua criação, começou por ocupar apenas um edifício, o Colégio do Espírito Santo, trinta e seis anos depois da sua reimplantação na cidade, ocupa vinte edifícios no Pólo de Évora.

Nos primeiros séculos de funcionamento a instituição adquiriu e reabilitou edifícios no centro histórico da cidade, muitos deles de grande valor patrimonial, testemunhos de vários períodos históricos, como é o caso da Casa do Cordovil (1591) ou do Palácio do Vimioso (1758), que permitiram responder de forma eficaz às necessidades do programa e garantir uma correcta articulação com a urbe. Nas últimas décadas, após se verificar que, apesar das mais-valias inerentes à sua localização e relação com a cidade, a aquisição de edifícios pré-existentes já não permitia responder às crescentes necessidades, a instituição empenhou-se na edificação de novas instalações.

As residências não são excepção e também as primeiras correspondiam a habitações particulares ou antigas casas nobres adquiridas pela Universidade e posteriormente adaptadas. A maioria situava-se no centro histórico da cidade ou muito próximo do mesmo, como é o caso da Residência Bento Jesus Caraça (1999), a primeira residência a ser adquirida e reabilitada pela universidade. A sua reduzida dimensão e capacidade (que não excedia as 20/30 camas) e a procura crescente por esta opção de alojamento levou, no entanto, a que nos últimos anos se tenha optado pela construção de novas residências estudantis, são os casos das Residências Vista Alegre, Manuel Alves e António Gedeão.

Os edifícios inseridos no espaço urbano (como é o caso dos edifícios que integram o Pólo de Évora) permitem conciliar a autonomia da vida universitária com a sua inserção na vivência da cidade, o que traz benefícios tanto para os estudantes como para os habitantes. A disseminação dos edifícios, sobretudo no centro histórico, onde a maioria dos bens e serviços estão concentrados, permite o uso frutuoso dos espaços, equipamentos e serviços por parte dos estudantes e, em simultâneo, a sua proximidade física, permite a abertura da instituição ao exterior e desta forma dar resposta às funções sociais da universidade.

Os restantes pólos devem a sua localização a condições específicas, essenciais para a qualidade do ensino e investigação a realizar (quer sejam naturais, climatológicas, geológicas ou de proximidade física com a outras instituições de investigação paralelas), como é o caso do Pólo da Mitra ou do Pólo de Sines.

Os principais edifícios (lectivos e administrativos) da Universidade funcionam, no entanto, no Pólo de Évora e no Pólo da Mitra.

O Pólo de Évora (conforme o anexo 2:125) é constituído pelo Edifício de Santo Agostinho (1380), o Colégio do Espírito Santo (1551), o Colégio Mateus d'Aranda (1552), a Antiga Cadeia (1584), a Casa Cordovil (1591), o Palácio do



Figura 2 - Alçado principal do claustro do Colégio do Espírito Santo, Évora (foto da autora, 2009)



Figura 3 - Antiga Fábrica dos Leões | Escola das Artes, Évora (foto de Leonardo Finotti, 2009; fonte: <http://www.ilobo.pt>)

Vimioso (1758), o Colégio Luís António Verney (séc. XIX), o edifício dos Serviços de Acção Social/Alcaçarias (séc. XX), o Colégio Pedro da Fonseca (séc. XX), a Fábrica dos Leões (1916- 1926) e o Pavilhão Gimnodesportivo (1994). Para além dos edifícios referidos anteriormente, onde funcionam actividades lectivas e administrativas, o Pólo de Évora integra ainda nove residências de estudantes: seis das mesmas ocupam edifícios adquiridas e reabilitadas para a nova função, como a Residências Portas de Moura (séc. XVI), Florbela Espanca (séc. XIX), Eborim (1952), Soror Mariana (1964); Bento Jesus Caraça (1999) e Jaime Cortesão (1983), e três foram construídas pela universidade nas duas últimas décadas (Residências Vista Alegre; Manuel Álvares, 1995 e António Gedeão, 1997).

O Pólo da Mitra (conforme o anexo 2: 125) integra o Pátio Matos Rosa (Paço da Quinta de Valverde, 1514), o Convento de Bom Jesus de Valverde (1540), o Posto Agrário (Arquitecto Jorge Segurado, 1930), a Escola de Regentes Agrícolas (Arquitecto Manuel Tainha, 1965), as Novas Instalações (Arquitecto Vítor Figueiredo, 1996) e o Hospital Veterinário (Arquitecto Nuno Ramos 2005).

O património arquitectónico contemporâneo do Pólo do Pólo de Évora e do Pólo da Mitra inclui:

#### **.Colégio Luís António Verney**

Função original: Quartel 28 de Maio

Localização: rua Romão Ramalho, Évora

Data: séc. XIX (adquirido em 1990)

Projecto de reabilitação e ampliação: Arq. J. Farello Pinto, 1994-1999

Serviços: Directoria do Colégio Luís António Verney, Divisão de Gestão de Contratos, Serviços de Informática, Reprografia, Biblioteca Geral da Universidade de Évora, Departamento de Matemática, Física, Química, Informática, Ecologia, Geociências, Biofísica e Arquitectura Paisagista

#### **.Fabrica dos Leões**

Função original: Fábrica de massas “ LEÕES”

Localização: Farragial de São Bartolomeu, Évora

Data: 1916 (adquirido em 1990)

Projecto de reabilitação: Atelier Inês Lobo Arquitectos e João Trindade, 2008

Serviços: Escola de Artes (Departamentos de Arquitectura, Artes Cénicas, Artes Visuais e Música)

#### **.Escola de Regentes Agrícolas**

Função original: Escola de Regentes Agrícolas

Localização: Herdade da Mitra, Valverde



Figura 4- Colégio Luís António Verney, núcleo dos laboratórios (foto da autora, 2009)



Figura 5- Antiga Fábrica dos Leões, alçado Norte (foto da autora, 2009)



Figura 6- Escola de Regentes Agrícolas, Edifício do Anel (foto da autora, 2009)

Data: 1960-1965

Projecto: arq. Manuel Tainha

Serviços: Salas de aula, serviços administrativos, biblioteca e bar

#### **.Pavilhão Gimnodesportivo**

Localização: Travessa Reguengos de Monsaraz, Évora

Data: 1994-1996

Projecto: arq. Julião Azevedo e Luís Durão

Serviços: Pavilhão desportivo, ginásio de musculação e departamento de desporto.

Edifício construído pela Câmara Municipal de Évora e adquirido pela Universidade de Évora através de permuta de terrenos da mesma.

#### **. Residência Manuel Álvares**

Localização: Avenida da Universidade, Évora

Data: 1995

Projecto: arq. António Abel

Serviços: Residência mista (capacidade para 71 alunos)

#### **. Instalações projectadas por Vítor Figueiredo para o Pólo da Mitra**

Localização: Herdade da Mitra, Valverde

Data: 1991-1996

Projecto: arq. Vítor Figueiredo

Serviços: Salas de aula, laboratórios e anfiteatro

#### **.Residência António Gedeão**

Localização: Rua Amadeu Sousa Cardoso, Horta das Figueiras, Évora

Data: 1997-1998

Projecto: arq. José Manuel Macedo e arq. Maria Manuela Sousa

Serviços: Residência mista (capacidade para 290 alunos)

#### **.Hospital Veterinário**

Localização: Herdade da Mitra, Valverde

Data: 2000-2005

Projecto: arq. Nuno Ramos (Serviços técnicos da Universidade de Évora)

Serviços: Hospital Veterinário da Universidade de Évora, salas de aula e departamentos



Figura 7- Pavilhão Gimnodesportivo, alçado posterior (foto da autora, 2010)



Figura 8- Residência Manuel Álvares, alçado principal (foto da autora, 2009)



Figura 9- Instalações projectadas por Vítor Figueiredo para o Pólo da Mitra (foto da autora, 2009)



Figura 10- Residência António Gedeão (foto da autora, 2010)



Figura 11- Hospital Veterinário, alçado Poente (foto da autora, 2009)

## 2. PÓLO DA MITRA DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

### 2. 1. Contextualização histórica

O Pólo da Mitra, localizado próximo de Valverde, na Herdade da Mitra, (conforme o anexo 3:122) sofreu grandes transformações ao longo do tempo, testemunhando vários séculos de história.

Na ocupação da Herdade destacam-se três grandes fases, coincidentes com as acções e transformações mais relevantes. A primeira fase coincide com a implantação do Paço e do Convento na Herdade, a segunda tem início com a extinção das ordens religiosas, e a última, tem início com a ocupação da Herdade para fins educativos.

#### **Implantação do Paço Episcopal (1514) e do Convento de Bom Jesus de Valverde (1540) na Herdade da Mitra**

A permanência temporária da Corte em Évora terá feito da cidade um dos mais importantes focos culturais da época. Os constantes festins literários e artísticos na cidade, impulsionaram a mudança de mentalidades, e a alteração dos ideais e conceitos Humanistas. O clero encontrava-se então dividido entre o dever missionário e a vivência num ambiente pleno de recompensas materiais, e a ideia de servidão a Deus confundia-se com os interesses pessoais de auto-projectão (Domingos 1995).

É neste contexto que em 1514, o Cardeal Infante D. Afonso, mandou edificar na Herdade da Mitra um paço para descanso e retiro da Câmara Eclesiástica Eborense.

Anos mais tarde, o seu sucessor, Infante D. Henrique, funda nos terrenos da quinta um Convento integrado na Ordem dos Capuchos da Província da Piedade, para doze religiosos por ele sustentados. Entre 1540 e 1562, para além da construção do Convento terão sido ainda realizadas ampliações e melhoramentos no paço e foi construído um jardim e uma casa de campo, num espaço contíguo à cerca conventual.

O Padre Francisco da Fonseca (1728: 359) descreve as razões que motivaram a construção do Convento: “(...) o Cardeal D. Henrique, só lhe achava a taylor de não haver nele alguãs pessoas Religiosas, com cuja doce conservação e companhia pudesse moderar o tédio de vida solitária.”

Em 1540, após a sua conclusão, o Convento começou a ser habitado, porém os frades apenas permaneciam na Herdade sazonalmente, porque no verão as águas da Ribeira de Valverde estagnavam e tornavam-se perigosas para a saúde. Os frades Capuchos permaneceram no Convento de Bom Jesus de Valverde até 1607, data em que, após o Capítulo realizado em Coimbra e da vinda do arcebispo D. Alexandre de Bragança, os frades abandonaram o local e foram instalados no Convento de Santo António, construído expressamente com esse objectivo pelo Cardeal D. Henrique, em 1576 (Queimado 1975). O carácter sazonal da Ribeira de Valverde, e a consequente propagação de epidemias no local levou a que ideia de paraíso

terrestre, até então associado ao retiro bispal da Mitra depressa caiu-se por terra com a peste, e constituiu a principal razão de abandono do local (Queimado 1975).

O Convento permaneceu desabitado, durante três anos, até que, segundo Rafael Domingos (1991), o Provincial Fr. Pedro de Penalva considerou que não se deveria esquecer a devoção e dedicação do Cardeal D. Henrique àquele lugar pelo que o Convento deveria voltar a ser ocupado. Neste contexto, os frades regressam ao Convento de Bom Jesus de Valverde, em 1610.

Os bispos seguintes limitaram-se a conservar o Convento e auxiliar os Frades Capuchos, não se conhecendo outras alterações ou construções. Só entre 1678 e 1689, a nomeação de D. Fr. Domingos de Gusmão para arcebispo de Évora e a favorável situação económica por que passava a arquidiocese, permitiram que ocorressem grandes alterações e melhoramentos na Herdade (Patrocínio 2006). São deste período a construção do aqueduto, do tanque de Jericó e da ala nascente do Paço.

Em 1755, o terramoto atingiu o Paço e o Convento, obrigando a uma reedificação das áreas afectadas.

#### **Extinção das ordens religiosas (1834) e o conseqüente período de degradação e abandono da Quinta**

A 28 de Maio de 1834, é declarada a extinção das ordens religiosas e a quinta, o Convento e a cerca são também afectados por esta ordem e entregues à Fazenda Pública. A Herdade passa então para o domínio do estado. Porém, o facto dos terrenos onde está implantado o Convento pertencerem à Mitra Eborense, permitiu a sua devolução aos proprietários, em 1848, que o terão adaptado a Seminário Diocesano (Caeiro 2005).

A redução dos rendimentos do clero e a incorrecta administração das propriedades da Mitra, conduziram a um conseqüente período de degradação dando origem, após três séculos de existência, ao período de decadência e esquecimento do Paço da Mitra. A quinta terá sido então ocupada por rendeiros, cujo único objectivo se restringia ao lucro obtido através do cultivo daquelas terras, inclusive, a fase de indiferença e abandono foi de tal modo acentuada que a capela do Convento é utilizada para palheiro e curral (Domingos 1995). Neste período, que termina em 1910, onde tudo era permitido, pouco mais se sabe da sua utilização.

A implantação da República, a 5 de Outubro de 1910, marca o início de um período com muitas dificuldades financeiras onde, novamente, os bens da igreja são confiscados, tornando-se pertença do Estado e a Herdade da Mitra é novamente negligenciada.

#### **Ocupação da Quinta para fins educativos (1915)**

O período de abandono só terá terminado com a ocupação da quinta para fins educativos, em 1915, com a implantação do Posto Agrário no antigo Paço. Os resultados e a adesão não foram no entanto os esperados,

o Posto Agrário encerrou poucos anos depois, todavia, permaneceu o desejo de criação de uma Escola Agrícola em substituição do Posto Agrário existente. Só em 1918, o decreto do então Ministro da Agricultura, estabeleceu que uma das Escolas Secundárias de Agricultura a ser criada seria instalada em Évora (Pereira 2006).

Após um estudo prévio realizado por uma comissão constituída por quatro Engenheiros e um Médico Veterinário, onde foram analisadas as vantagens e desvantagens das duas possíveis localizações, o Convento de S. Bento de Cástris e a Herdade da Mitra, concluiu-se que, a última apresentava as características necessárias para a implantação da escola (Pereira 2006). Em 1920, já como Escola Elementar de Agricultura, é finalmente fixado o local do seu funcionamento. Ao fim de dez anos, a Escola é contudo extinta e, em 1921, é criada a Escola Prática de Agricultura. Novamente, os resultados não terão sido os pretendidos e, aliados às dificuldades económicas sentidas, levaram a que esta, apesar dos esforços, viesse a encerrar em 1932.

A remodelação no ensino médio agrícola, retoma a ideia que havia falhado anos antes, com a abertura da Escola de Regentes Agrícolas na Mitra. Após a conclusão do processo de compra da Herdade da Mitra pelo Estado, têm início, em 1965, as obras de adaptação dos edifícios existentes. A solução inicial contemplava a ampliação do Convento, no entanto, ao verificar-se que a opção tomada não seria suficiente, de imediato as obras de ampliação dos edifícios existentes foram canceladas e foi determinada a construção de um novo edifício projectado por Manuel Tainha.

Quase uma década depois, em 1973, a Escola de Regentes Agrícola foi incorporada no Instituto Universitário de Évora, criado a 11 de Agosto do mesmo ano e a 26 de Agosto de 1975, foi oficialmente integrada na reinstaurada Universidade de Évora (Universidade de Évora s./data)

Hoje, o Pólo da Mitra da Universidade de Évora inclui o Colégio da Mitra, que corresponde aos edifícios construídos após a aquisição da Quinta para fins educativos, o Colégio de Bom Jesus de Valverde, que integra o Paço episcopal e as casas térreas adjacentes a este, e o Convento de Bom Jesus de Valverde, o Complexo Habitacional e a Herdade Experimental da Mitra, antiga Quinta do Paço e cerca do Convento.

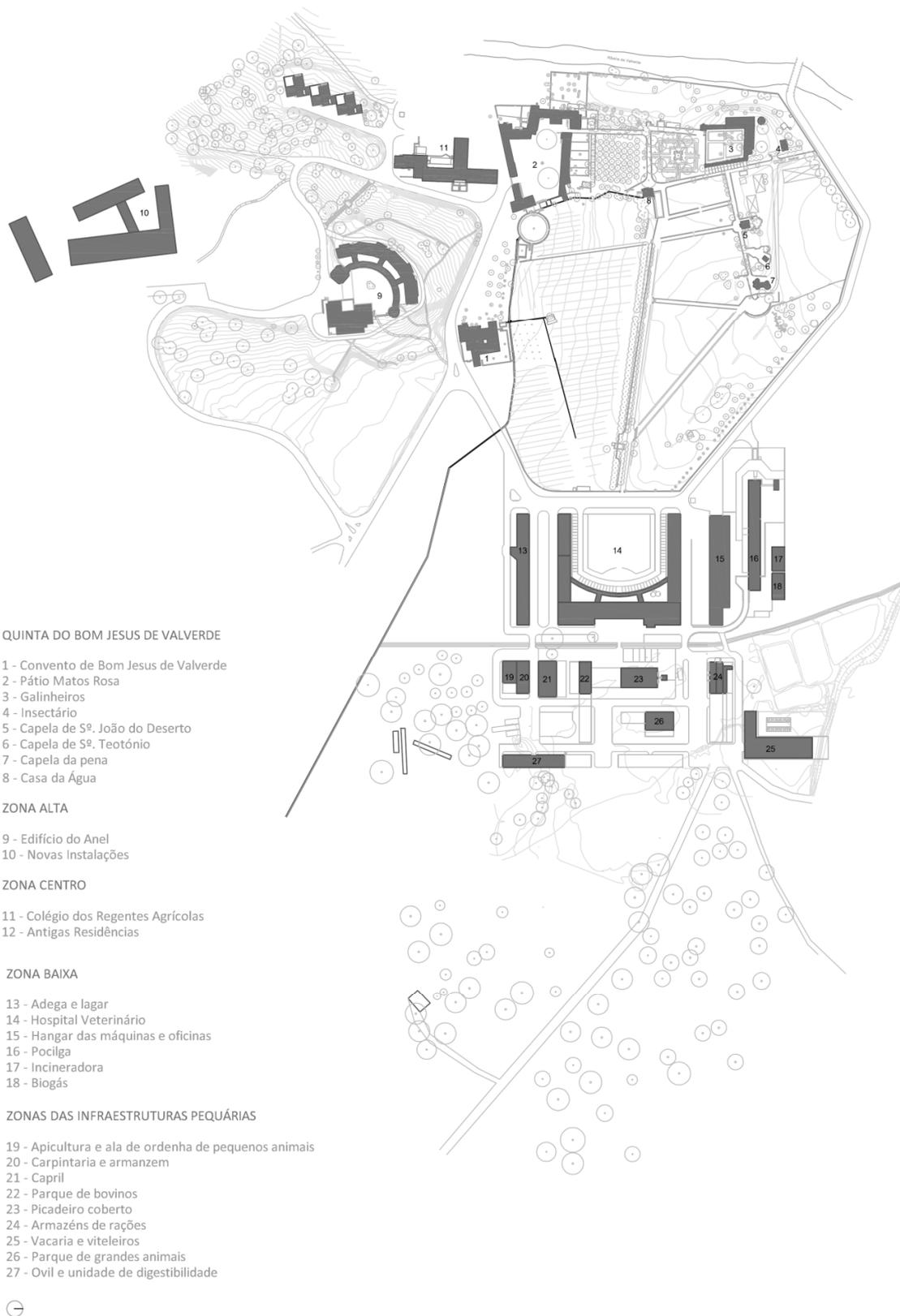


Figura 12- Pólo da Mitra da Universidade de Évora (tratamento gráfico do autora sobre levantamento aerofotométrico de 2000; fonte: Serviços Técnico da Universidade de Évora, arquitecto Nuno Ramos, Setembro de 2006)

## 2.2. O património arquitectónico do Pólo da Mitra

### 2.2.1. Quinta do Paço de Valverde

Herdade da Mitra, Évora, 1514.

A Quinta do Paço de Valverde, deve a sua criação: à favorável situação económica por que passava o país, à situação geográfica, às transformações ocorridas na estrutura social e cultural e à vontade de uma classe em ascensão, que pretendia demonstrar o seu poder económico através da religião e da fé.

Pretendia-se que o Paço de Valverde, o primeiro edifício construído na Herdade da Mitra, edificado em 1514, segundo concepções do gótico final (múdejar) (Domingos 1995), fosse um espaço de reflexão, meditação, introspecção e oração por excelência, onde se seguiam os preceitos religiosos, sem nunca esquecer o carácter recreativo e produtivo.

A quinta que no início do século XVI, se restringia a um pequeno núcleo de edificações de linhas austeras, hoje integra para além do Paço, as casas térreas do Paço, a Casa da Água, o complexo sistema hidráulico e várias capelas e ermitérios, que se encontram disseminadas pela quinta (anexo 4: 124).

O Paço e a quinta cresceram de forma orgânica, não tendo sido estruturados de uma só vez, o que leva a que não sejam construções de uma só época, mas sim, edificações que foram construídos ao longo do tempo, consoante as necessidades e por isso a sua matriz é constituída pela justaposição de várias épocas, fases, estilos e gostos. Inerentes ao apoio logístico, junto ao Paço foram construídos, ao longo do tempo, infra-estruturas de apoio às actividades agrícolas, entre as quais habitações para a criadagem, estribarias, estábulos e palheiros.

Para além do Paço Episcopal que actualmente, após as sucessivas ampliações, corresponde ao edifício designado pela Universidade como Pátio Matos Rosa, em todo o espaço da quinta, encontram-se pequenas construções de carácter religioso que estruturam e articulam o todo.

Por entre o verde da quinta, afastado dos restantes elementos construídos, surge o primeiro núcleo de pequenos nichos e capelas circulares obtidos através da escavação do afloramento rochoso, que procuram recrear o “deserto” (Caeiro 2005). A estes seguem-se as restantes capelas, que chegaram até aos dias de hoje, a capela de S<sup>o</sup> João do Deserto, a capela de S<sup>o</sup> Teotónio, localizada dentro de uma pequena lagoa, sobre um afloramento rochoso, e a capela de S<sup>o</sup> João Batista, datada do início do século XV.

Com a criação da Universidade, em 1975, a quinta foi integrada no seu património, e hoje o espaço de descanso eclesiástico do bispado eborense deu lugar a espaços de carácter lectivo e alojamento para docentes e convidados. É contudo evidente o avançado estado de degradação de toda a estrutura, tanto dos elementos arquitectónicos como de todo o legado natural.

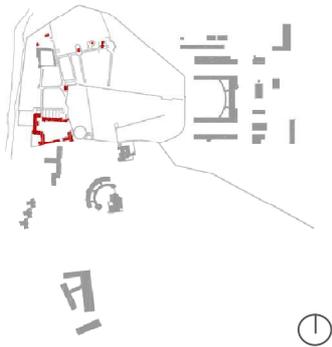


Figura 13- Quinta do Paço de Valverde, Herdade da Mitra, esquema de implantação (esquema da autora)

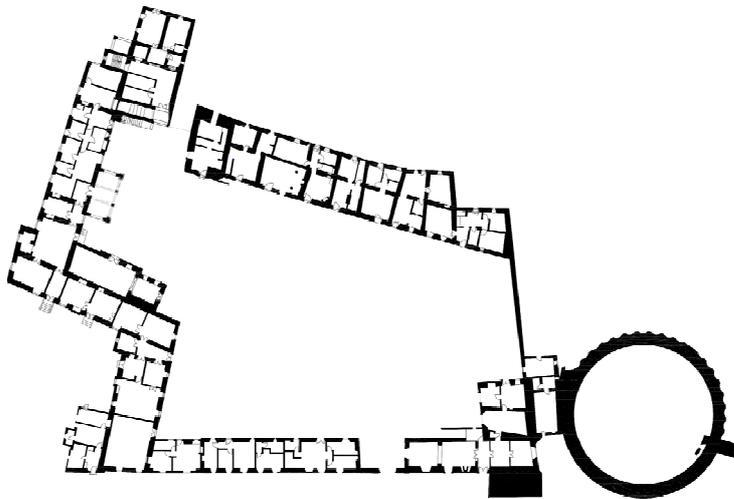


Figura 14- Pátio Matos Rosa, planta piso térreo, escala, 1:2000 (tratamento gráfico do autora; fonte: Serviços Técnico da Universidade de Évora, desenho de Valadas, sem data).



Figura 15 - Paço da Quinta de Valverde | Pátio Matos Rosa, Herdade da Mitra, Valverde (foto da autora, 2009)

## 2.2.2. Convento de Bom Jesus de Valverde

Herdade da Mitra, Évora, 1540

Ao longo dos cinco séculos de existência, o Convento de Bom Jesus de Valverde, foi alvo de várias intervenções de ampliação, adaptação e recuperação, entre as quais se destacam a ampliação do Convento (1703-1715), da qual foi responsável D. Simão da Gama e a reedificação do que foi destruído pelo terramoto de 1755, que coube a D. Frei Miguel de Távora.

A autoria do edifício não é consensual, sendo atribuída, conforme os autores consultados, a várias personalidades entre as quais Manuel Pires, Diogo de Torralva, Francisco de Holanda e Miguel Arruda.

Segundo Álvaro Duarte Almeida e Duarte Belo (2008) a igreja, que hoje se encontra novamente aberta ao culto, será o maior valor arquitectónico do Convento e um dos exemplares mais notáveis da arquitectura Renascentista em Portugal.

De planta centralizada em cruz grega, a igreja estrutura-se a partir da articulação concêntrica de octógonos regulares separados por séries de colunas. Ao octógono central, que corresponde ao cruzeiro, articulam-se quatro outros octógonos dispostos em cruz grega, que acolhem as capelas, cobertas por cúpulas em meia esfera. A cúpula do cruzeiro é elevada por um alto tambor rasgado por oito janelas por onde penetra a luz que se difunde homogeneamente pela pequenez do templo.

A entrada é feita lateralmente, em relação ao eixo da igreja, e no extremo oposto a esta encontra-se a capela-mor. A igreja integra ainda duas sacristias, uma das quais estabelecia a ligação ao Convento.

No espaço conventual destaca-se o pequeno claustro de planta quadrada, de dois andares, em torno do qual se distribuem as principais dependências. No piso térreo, encontram-se os espaços de utilização comum, entre os quais a sala do capítulo, na ala Norte o conjunto que corresponderia ao antigo refeitório e a cozinha, e a Este o acesso ao piso superior. As salas abrem para um terraço, que comunica visualmente com a cerca, e que constitui a cobertura de uma cisterna servida pelo aqueduto. O acesso e ligação à hospedaria são assegurados por pequenas salas, que estabelecem igualmente a ligação ao claustro e à sacristia.

No piso superior encontram-se as doze pequenas celas que outrora serviam os monges e que hoje, após terem sido adaptadas à função residencial, com a introdução de instalações sanitárias, funcionam como residência para docentes e convidados da Universidade de Évora.

Entre as doze celas de dimensões mínimas, encontra-se uma de maiores dimensões, que possivelmente seria ocupada pelo superior monástico.

O Convento, ao contrário dos restantes elementos que integram a cerca conventual e a Quinta do Paço de Valverde, encontra-se em bom estado de conservação e está classificado como Imóvel de Interesse Público, desde 5 de Julho de 1962 (pela portaria n.º 79/2010 do decreto 44 452). A Zona Especial de Protecção da referida classificação, a 13 de Janeiro de 2010, foi alargada a toda a Quinta do Paço de Valverde.

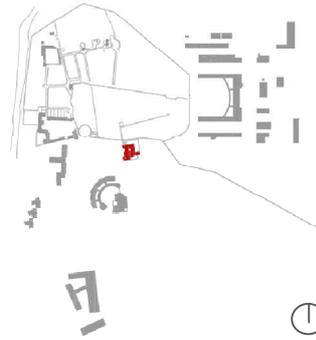


Figura 16- Convento de Bom Jesus de Valverde, Herdade da Mitra, esquema de implantação (esquema da autora)

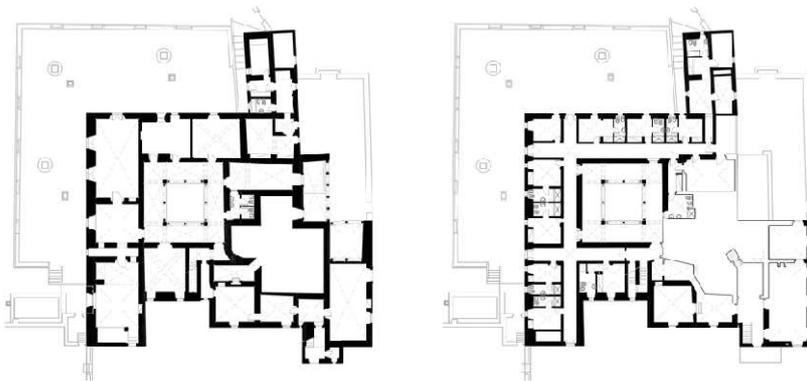


Figura 17- Convento de Bom Jesus de Valverde, escala 1:1000 (tratamento gráfico do autora; fonte: Serviços Técnico da Universidade de Évora, autor desconhecido, sem data)



Figura 18 – Convento de Bom Jesus de Valverde, vista a partir do Edifício do Anel, Herdade da Mitra, Valverde (foto da autora, 2009)

### 2.2.3. Escola de Regentes Agrícolas

Manuel Tainha | Herdade da Mitra, Évora | 1960-1965

Aquando do concurso para as novas instalações da Escola de Regentes Agrícolas, já existia na Herdade da Mitra um outro edifício do Ministério das Obras Públicas, projectado por Jorge Segurado (1930), onde funcionavam até então as salas de aula, o internato dos alunos e os serviços administrativos.

O programa para a construção das novas instalações incluía salas de aula, internato dos alunos, serviços administrativos, alojamento para os regentes e dependências agro-pecuárias.

No cimo de uma pequena colina, a sul do Convento, surge o núcleo das salas de aulas, também designado pela Universidade por “Edifício do Anel”. Apoiado na curva de nível, o novo corpo abraça o cume da colina “procurando dar corpo à ideia de agrupamento contida no programa: agrupamento centrado em torno de um espaço livre, em que predomina o traçado quase gestual do corpo das aulas (...)” (Pereira 1992: 27).

As salas organizam-se em quatro corpos autónomos de dois pisos e acesso independente a partir do exterior, formando um semi-círculo. Uma passadeira exterior coberta, rematada nos topos por dois corpos de geometria clara, interliga os volumes. A norte, esta é rematada por um corpo circular que acolhe as instalações sanitárias, enquanto o extremo oposto do semi-círculo é rematado por um corpo quadrado de arestas facetadas, que contém a biblioteca e as salas de professores.

A área do círculo que se encontra “incompleta” é delimitada por um corpo em “L” que acolhe o bar e espaços administrativos, delimitando o pátio central. Ao contrário da irregularidade do corpo das salas, cuja relação com a topografia é levada ao extremo, tanto em corte como em planta, este corpo é marcado por uma estrita ortogonalidade.

A relação forma-função é bastante clara em todo o projecto e às principais funções correspondem unidades definidas e distinguidas volumétrica e espacialmente.

A relação com a envolvente é limitada e bastante controlada. A centralidade e interioridade deste edifício remetem-nos para a introspecção exigida no Convento de Bom Jesus de Valverde, bem como para a centralidade do Pátio Matos Rosa. Manuel Tainha procura assim construir um novo lugar próximo dos outros que já existiam (Ribeiro 2000).

Para além do Edifício do Anel, Manuel Tainha projectou ainda três moradias para os regentes da Escola e a ampliação e adaptação do Pátio da Lavoura e do edifício projectado por Jorge Segurado (ambos os projectos, à data, já foram alvo de posteriores intervenções).

O edifício projectado por Jorge Segurado na década de trinta, localizado a sul do Paço, onde funcionavam salas de aula, hoje depois de, tal como toda a Herdade, ter passado a integrar o património da Universidade de Évora, alberga gabinetes, serviços administrativos e a cantina.

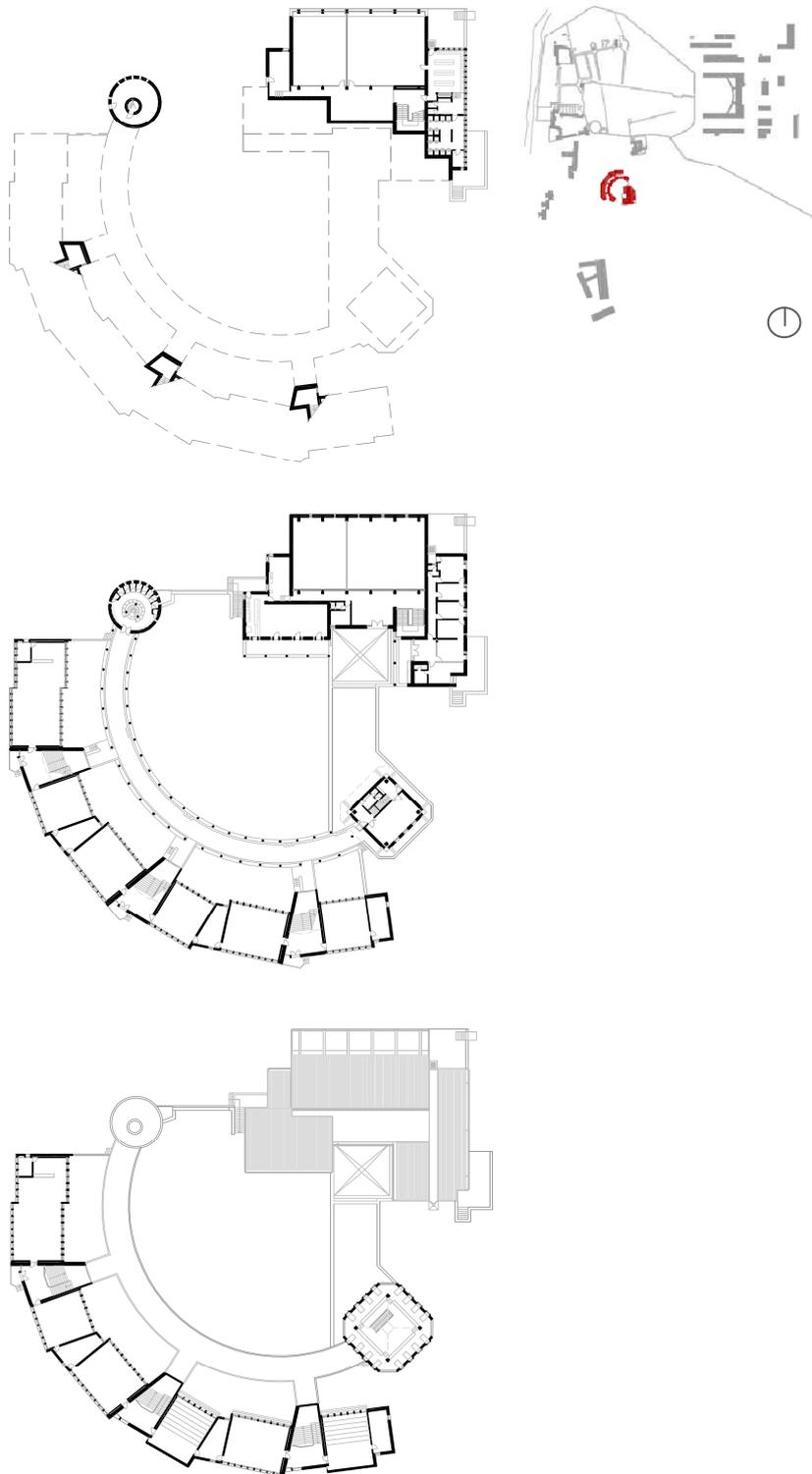


Figura 19- Edifício do Anel, Herdade da Mitra, esquema de implantação (esquema da autora)

Figura 20 - Edifício do Anel, plantas piso -1, 0 e 1, escala 1:1000 (tratamento gráfico da autora; fonte: Serviços Técnico da Universidade de Évora, autor desconhecido, sem data)

Também o Pátio da Lavoura, que remata o topo Este da Quinta do Paço de Valverde, foi ampliado e reabilitado. Para o edifício Manuel Tainha projectou dois volumes que unem os edifícios existentes fechando o grande pátio em U e paralelos aos corpos existentes, são ainda projectados dois outros corpos para o lagar, a moagem, a leitaria, as pocilgas e a enfermaria do gado.

Hoje, após um projecto de Vítor Figueiredo para uma segunda ampliação e adaptação do Pátio da Lavoura, que não chegou a ser construído, o edifício recebe o Hospital Veterinário da Universidade de Évora, projecto da autoria do Arquitecto Nuno Ramos, Serviços Técnicos da Universidade de Évora, 2005.

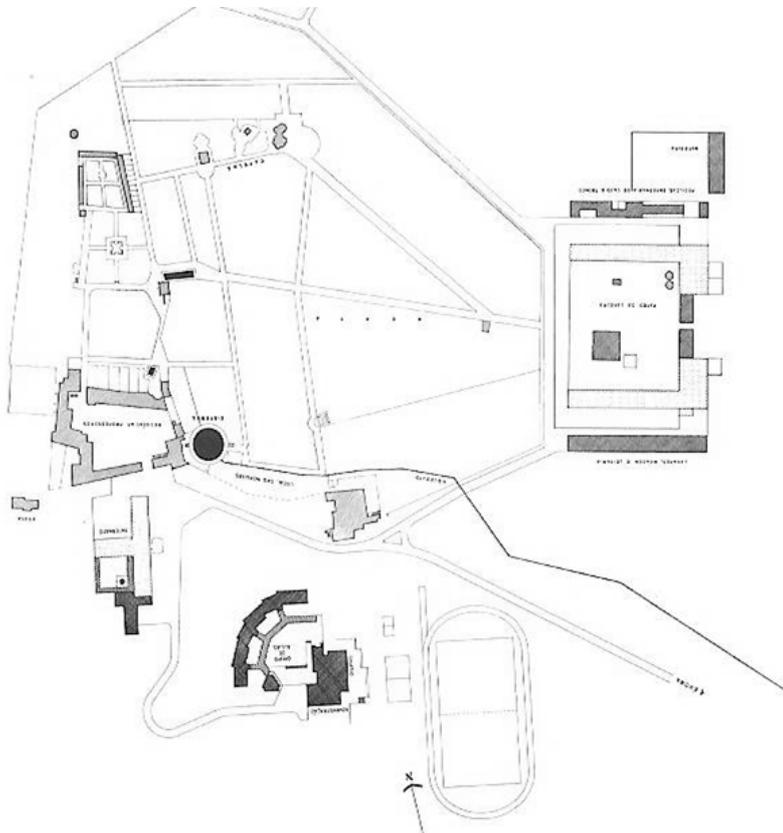


Figura 21- Planta geral da intervenção do arquitecto Manuel Tainha na Herdade da Mitra, sem escala (fonte: Pereira 1992: 31)



Figura 22 - Escola de Regentes Agrícolas, Edifício do anel (foto da autora, 2009)

## 2.2.4. Hospital Veterinário

Nuno Ramos | Herdade da Mitra, Évora | 2005

O Hospital Veterinário da Universidade de Évora, projectado pelo arquitecto Nuno Ramos (Serviços Técnicos da Universidade), foi construído com a finalidade de complementar as actividades lectivas do curso de Medicina Veterinária. Para além de permitir aos alunos o primeiro contacto com a profissão pretendia-se que a nova unidade pedagógica apoia-se a prestação de serviços à comunidade, nomeadamente aos proprietários e criadores das várias espécies animais da região (Ramos 2005).

O hospital implanta-se no antigo Pátio da Lavoura (1965) que alberga ainda departamentos, salas de aula e residências.

O programa contemplava a remodelação e adaptação do conjunto existente, que se encontrava bastante degradado, a construção de um novo edifício na ala Este e a ligação entre ambos.

De acordo com a memória descritiva (ramos 2005), o projecto procurou a adaptação das estruturas existentes às novas funções, para que respondessem de forma adequada às exigências. Contudo, devido as características espaciais e ao avançado estado de degradação, o edifício existente na ala Este foi destruído, e no mesmo local foi construído um novo edifício, onde hoje funciona a recepção do hospital, que completa o corpo em U e fecha o pátio.

O carácter unitário que o conjunto outrora terá tido, hoje resume-se à proximidade física e às semelhanças entre as várias adições que, embora tenham sido construídas em períodos distintos, ambicionam pertencer a um mesmo tempo, ter a mesma leitura.

Em comum às anteriores intervenções o edifício apresenta o recurso a alvenaria de tijolo, posteriormente pintada a branco, o uso dos telhados de duas águas cobertos com telha cerâmica, a expressão controlada dos vãos e a relação com o pátio.

Dispersos pela área adjacente ao edifício foram construídos consoante as necessidades (antes e depois da construção do Hospital Veterinário), inúmeros outros edifícios de menor dimensão, e estruturas de apoio às actividades agrícolas, como a adega, o lagar, as salas de ordenha, o picadeiro, o ovil ou as instalações para os animais.

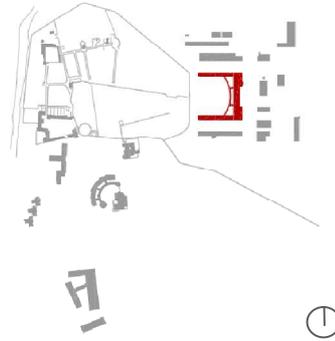


Figura 23- Hospital Veterinário, Herdade da Mitra, esquema de implantação (esquema da autora)

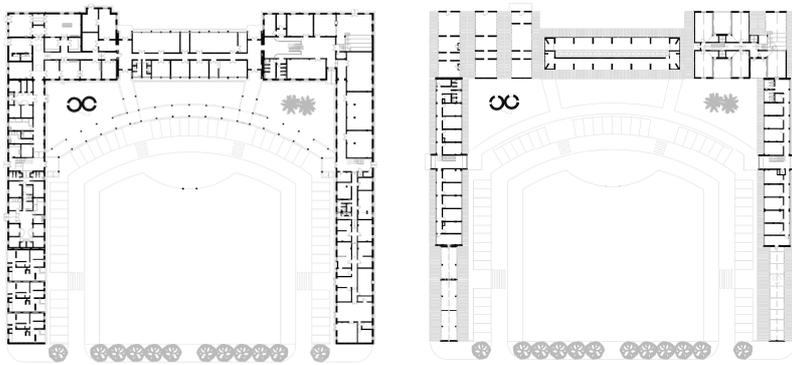


Figura 24 – Hospital Veterinário, plantas piso 0 e 1, escala 1:4000 (tratamento gráfico do autora; fonte: Serviços Técnico da Universidade de Évora, arquitecto Nuno Ramos, 2000)



Figura 25 – Hospital Veterinário, vista a partir do Edifício do anel, Herdade da Mitra, Valverde (foto da autora, 2009)



Património Arquitectónico da Universidade de Évora. Pólo de Évora e da Mitra<sup>1</sup>

	Nome	Função	Função actual	Morada	Data de Construção	Autor	Data de intervenção	Autor da Intervenção	Classificação	Outros Dados
Pólo de Évora	Edifício de Santo Agostinho	Antigo Convento de Santa Mónica	Directoria do Colégio, Serviços Académicos e de Computação, Escola de Línguas, Escola de São Mamede	Largo Dr. Evaristo Cutileiro	1380	Fundado por D. Constância Meira e D. Maria Fernandes)	1992		Sem protecção patrimonial específica	
	Colégio do Espírito Santo	Colégio do Espírito Santo (companhia de Jesus)	Reitoria, Conselho Científico, Vice-Reitoria, Pró-Reitoria de Avaliação, Sala do Senado, Sala dos Professores, Biblioteca, Conselho Pedagógico (...)	Largo dos Colegiais	1759	Fundado pelo Cardeal D. Henrique. Mestres empreiteiros Jerónimo de Torres, Afonso Fernandes e Baltazar Fernandes			Monumento Nacional, pelo 16-06-1910, DG 136 de 23-06-1910. Abrangido em conjunto inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO, que, ao abrigo do n.º 7 do art.º 15.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, se encontra classificado como MN	
	Colégio Mateus d'Aranda	Antiga Academia de Música Eborense	Departamento de Música e Teatro	Rua do Raimundo	1552				Sem protecção patrimonial específica	
	Antiga Cadeia	Hospital Real da Piedade, Cadeia dos Estudantes	Núcleo de Gestão de Contratos, Direcção de Serviços, Secção do Ordenamento do Pessoal, Tesouraria, Secção de Orçamento e Contas, Secção de Contabilidade, Secção de Expediente, Secção de Aprovisionamento e Património, Gabinete de Gestão de Recursos Humanos, Núcleo de Formação Continua, Núcleo de Apoio à Gestão do PRODEP, Auditoria de Gestão, Assessoria Jurídica, Gabinete de Gestão das Áreas Departamentais	Largo Senhora da Natividade	1584		1993		Sem protecção patrimonial específica	A U.E. adquiriu o edifício em 1990
	Casa Cordovil	Habitação particular de D. Inês de Brito Cordovil e Bernardo Lobo de Figueiredo Homem	Directoria do Colégio, Serviços Técnicos, Departamento de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Línguas e Literatura, Salas de aula	Rua da Mesquita	1591		1992	Arq. José A. Vieira	Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto 8252, DG 138 de 10 de Julho de 1922. Abrangido em conjunto inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO, que, ao abrigo do n.º 7 do art.º 15.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, se encontra classificado como MN	
	Palácio do Vimioso	Residência do Conde do Vimioso	Departamento de História, Centro Interdisciplinar de História Cultura e Sociedade, Centro de História de Arte, Centro de História e Filosofia das Ciências, Núcleo de Estudantes de História de Arte, Associação Académica da Universidade de Évora, Biblioteca, Salas de aula, Salas de Exposição, Áreas de Estudo, Departamento e Saúde e Bem-estar	Largo Marquês de Marialva	1758				Sem protecção patrimonial específica	

<sup>1</sup> Embora a Universidade de Évora integre 10 pólos, é no pólo de Évora e no da Mitra que se encontram os principais espaços lectivos, de investigação e administrativos. Estes são também os pólos de dimensão mais significativo. Os restantes edifícios da Universidade, disseminados pelos restantes pólos, funcionam apenas como espaços complementares ao ensino e a investigação.

	Nome	Função	Função actual	Morada	Data de Construção	Autor	Data de intervenção	Autor	Classificação	Outros Dados	
Pólo de Évora	Colégio Luís António Verney	Quartel 28 de Maio	Directoria do Colégio Luís António Verney, Divisão de Gestão de Contratos, Serviços de Informática, Reprografia, Biblioteca Geral da Universidade de Évora, Departamento de Matemática, Física, Química, Informática, Ecologia, Geociências, Biofísica e Arquitectura Paisagista	Rua Romão Ramalho	Séc. XIX		1994-1998	Arq. J. Farelo Pinto (apenas a 3ª fase)	Sem protecção patrimonial específica	A U.E. adquiriu o edifício em 1990	
	Edifício das Alcaçarias	Habitação particular	Serviços de Acção Social, Cantina	Rua das Alcaçarias	Séc. XX		2008	Serviços Técnicos da Universidade de Évora - Nuno Ramos	Sem protecção patrimonial específica		
	Fábrica dos Leões	Fabrica de massas e farinha "LEÕES"	Escola das Artes - Departamento de Artes Visuais, Design, Arquitectura	Farragal de S. Bartolomeu	1916- 1926			2008	Arq. Inês Lobo Arquitectos	Sem protecção patrimonial específica	A U.E. adquiriu o edifício em 1998
	Colégio Pedro de Fonseca	UNESUL	Laboratório de águas, Curso de Pedagogia da Educação, Curso de Psicologia, Gabinetes da antiga UNESUL	Rua da Barba Rala						Sem protecção patrimonial específica.	
	Pavilhão Gimnodesportivo	Pavilhão Gimnodesportivo, Ginásio de musculação, Departamento de Desporto		Travessa Reguengos de Monsaraz	1994- 1996	Arq. Julião Azevedo e Luís Durão				Sem protecção patrimonial específica	O Pavilhão foi construído pela C.M.E e adquirido pela U.E. por permuta de terrenos
Pólo da Mitra	Convento	Convento (destinado a acolher 12 monges da ordem dos Capuchos)	Igreja aberta ao culto. Espaço conventual destinado a alojamento temporário de professores e convidados	Herdade da Mitra, Valverde	1514	Fundado pelo Cardeal D. Henrique. Diogo de Torralva e Manuel Pires				Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto nº. 44 452, DG. Nº 152 de 5 de Julho de 1962 (a classificação abrange somente a igreja e o espaço conventual)	
	Paço de Valverde	Paço episcopal	Herdade Experimental da Mitra	Herdade da Mitra, Valverde	1540- 1562	Fundado pelo Cardeal D. Henrique. Diogo de Torralva e Manuel Pires				Imóvel de Interesse Público, pela Portaria nº79/2010, de 13 de Janeiro, pelo Decreto nº. 44 452, DG. Nº, do Decreto-Lei nº12, de 19 de Janeiro	
	Escola de Regentes Agrícolas	Escola de Regentes Agrícolas - espaço lectivo	Salas de aula, laboratórios, biblioteca, bar, e espaços administrativos.	Herdade da Mitra, Valverde	1960-65	Arq. Manuel Tainha				Sem protecção patrimonial específica	
	Hospital Veterinário	Pátio da Lavoura (Pocilgas, enfermaria de gado, lagares, moagem e leitaria)	Hospital Veterinário da Universidade de Évora	Herdade da Mitra, Valverde	1960-65	Arq. Manuel Tainha		1998-2005	Serviços Técnicos da Universidade de Évora - Arq. Nuno Ramos	Sem protecção patrimonial específica	
	Edifício para o Pólo da Mitra	Departamentos, salas de aula, laboratórios		Herdade da Mitra, Valverde	1991-1996	Arq. Vítor Figueiredo				Sem protecção patrimonial específica	

	Nome	Função	Função actual	Morada	Data de Construção	Autor	Data de intervenção	Autor	Classificação	Outros Dados
Residências	Residência Portas de Moura	Antiga Casa Nobre	Residência de Estudantes (feminina)	Rua D. Augusto Eduardo Nunes, nº18	Séc. XVI			Serviços Técnicos da Universidade de Évora	Sem protecção patrimonial específica	
	Residência Florbela Espanca	Habitação particular, adquirida pela U.E. em 1987	Residência de Estudantes (feminina)	Rua da Rampa, nº 2	Séc. XIX			Serviços Técnicos da Universidade de Évora	Sem protecção patrimonial específica	
	Residência Eborim	Habitação particular	Residência de Estudantes (feminina)	Rua Eborim, nº 7	1952		1995	Serviços Técnicos da Universidade de Évora	Sem protecção patrimonial específica	
	Residência Soror Mariana	Habitação particular de D. Lopes Marçal	Residência de Estudantes (feminina)	Rua Diogo Cão	1964		1999	Arq. Miguel Lima	Sem protecção patrimonial específica	
	Residência Bento Jesus Caraça	Habitação particular	Residência de Estudantes (masculina)	Av. Leonor Fernandes			1999		Sem protecção patrimonial específica	
	Residência Jaime Cortesão	Habitação particular	Residência de estudantes (mista)	Rua Jaime Cortesão			1983	Serviços Técnicos da Universidade de Évora	Sem protecção patrimonial específica	
	Residência Vista Alegre		Residência de estudantes (mista)	Rua Sá da Miranda				Serviços Técnicos da Universidade de Évora	Sem protecção patrimonial específica	A U.E. adquiriu o terreno em 1983
	Residência Manuel Álvares		Residência de estudantes (mista)	Av. Da Universidade	1995	Arq. António Abel			Sem protecção patrimonial específica	A U.E. adquiriu o terreno em 1991
	Residência António Gedeão		Residência de estudantes (mista)	Rua Amadeu Sousa Cardoso, Horta das Figueiras	1997	Arq. José António Sousa Macedo e Maria Manuela Sousa			Sem protecção patrimonial específica	A U.E. adquiriu o terreno em 1995

## **ANEXO 3**

**Pólo de Évora da Universidade de Évora, Património Edificado**

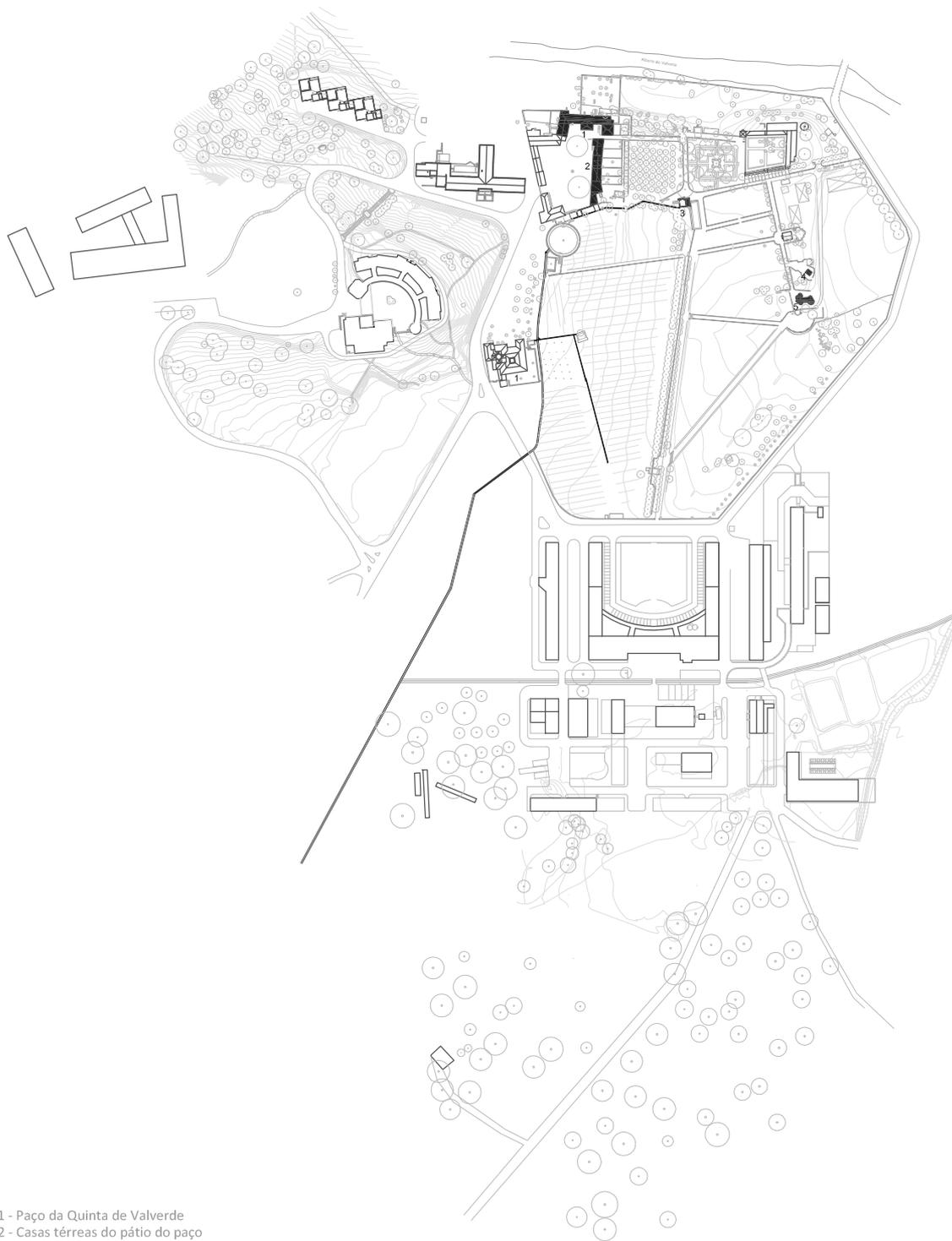


Figura 87 - Planta do património edificado do Pólo de Évora da Universidade de Évora. Esc: 1:10000 (tratamento gráfico do autora sobre levantamento aerofotométrico de 2000; fonte: Câmara Municipal de Évora)

## **ANEXO 4**

**Pólo da Mitra da Universidade de Évora. Plantas evolutivas da ocupação da  
Herdade da Mitra**

Anexo 4 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora  
4.1 - Construções anteriores a 1540

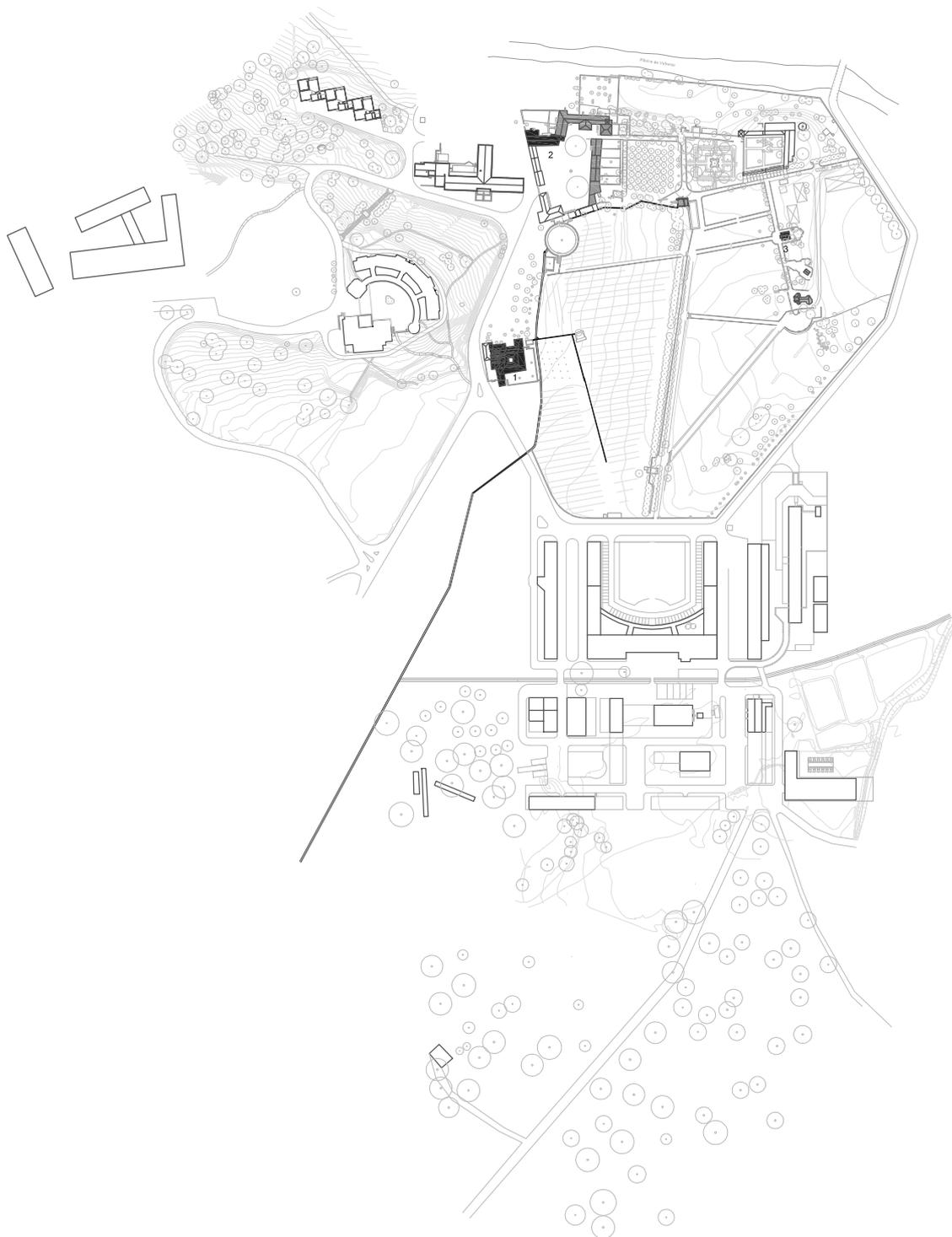


- 1 - Paço da Quinta de Valverde
- 2 - Casas térreas do pátio do paço
- 3 - Casa da água
- 4 - Capela de Sª Teotónio
- 5 - Eremitério e gruta



Figura 88 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções anteriores a 1540, escala 1:12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora)

#### 4.2 - Construções realizadas entre 1540 e 1678

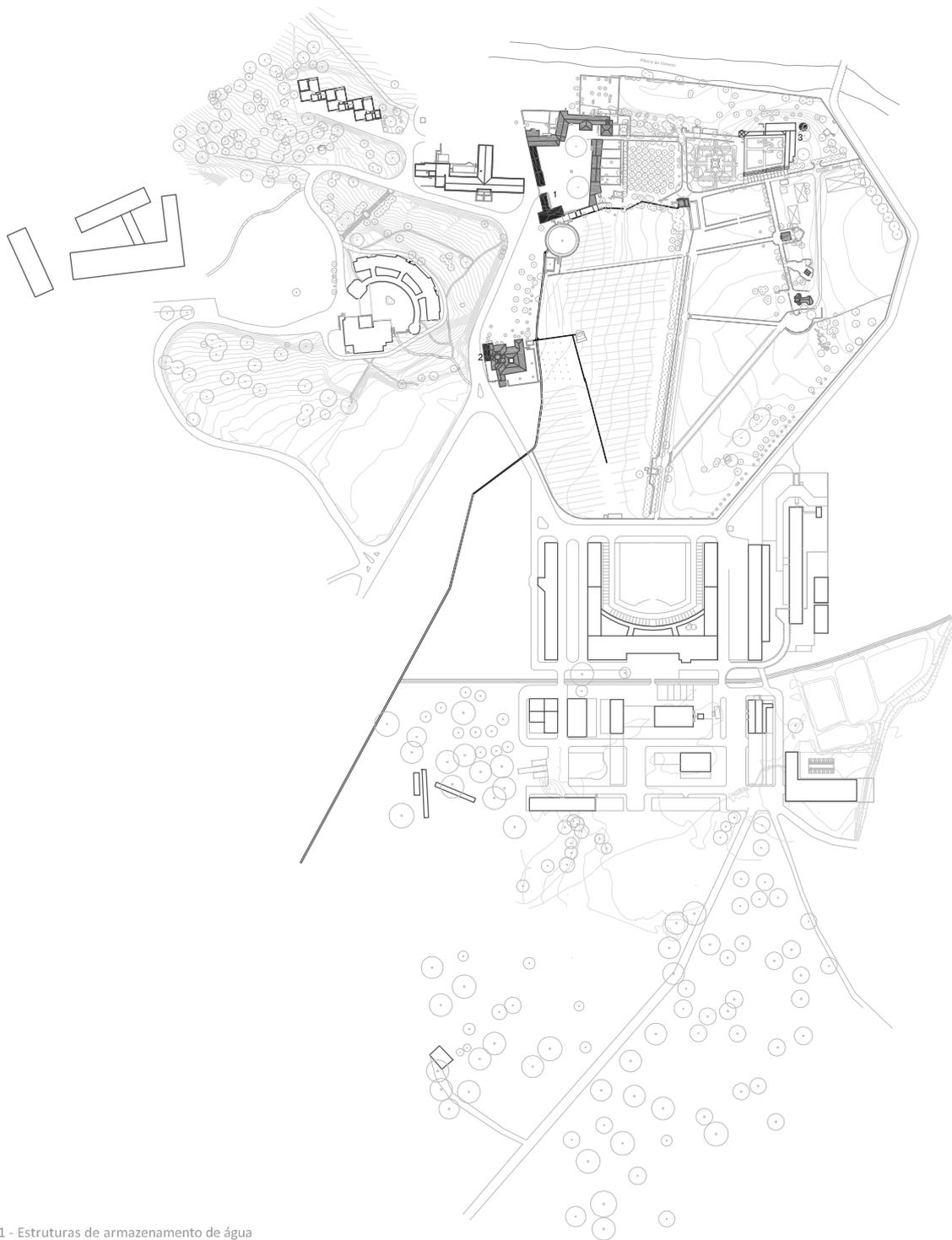


- 1 - Convento de Bom Jesus de Valverde
- 2 - Paço da Quinta de Valverde
- 3 - Capela de S<sup>o</sup> João do Deserto



Figura 89 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções realizadas entre 1540 - 1678, escala 1:12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora)

#### 4.3 - Construções realizadas entre 1678 e 1834

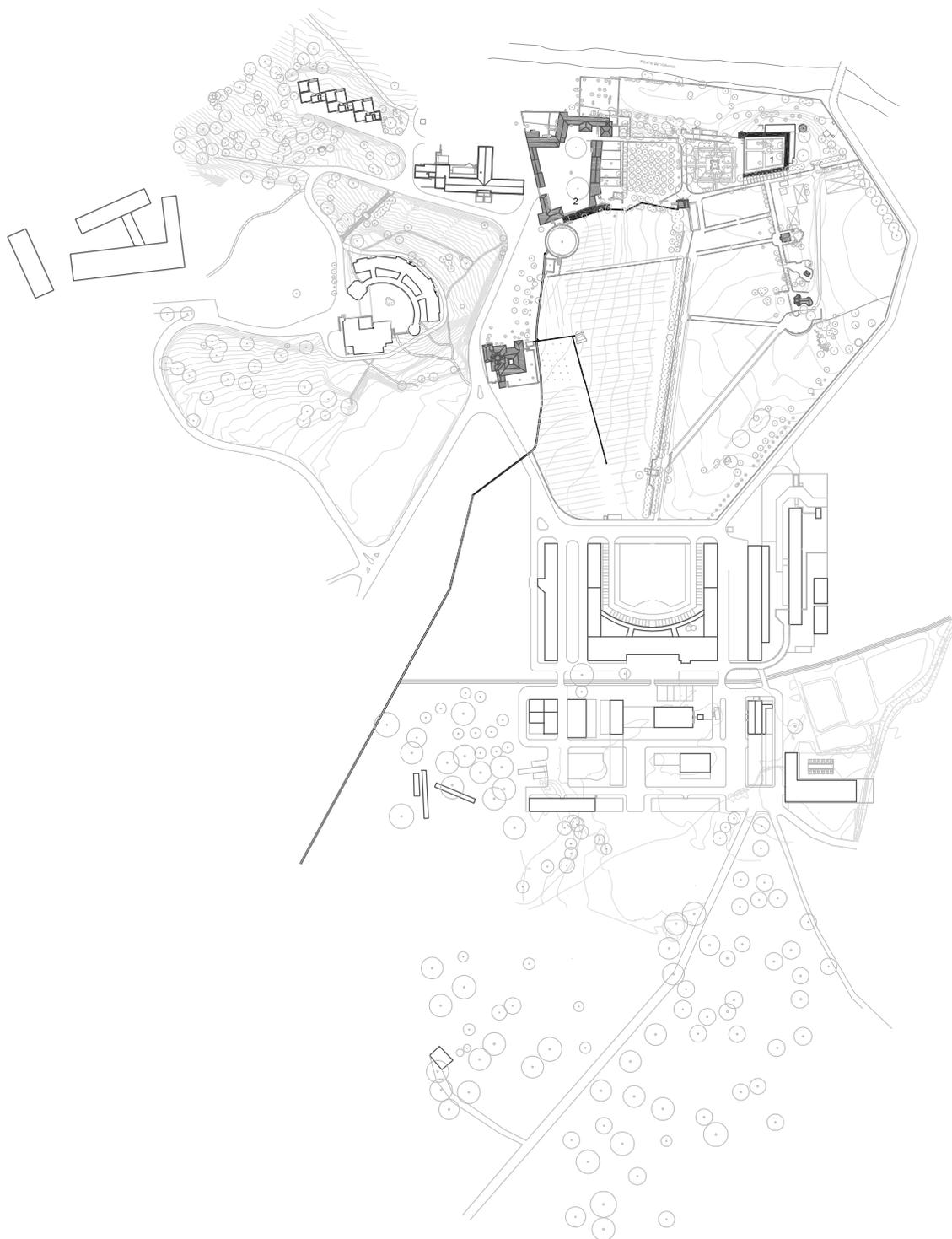


- 1 - Estruturas de armazenamento de água  
- Quarto do Paço
- 2 - Convento de Bom Jesus de Valverde
- 3 - Capela circular



Figura 90 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções realizadas entre 1678 - 1834, escala 1:12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora)

#### 4.4 - Construções realizadas entre 1834 e 1969

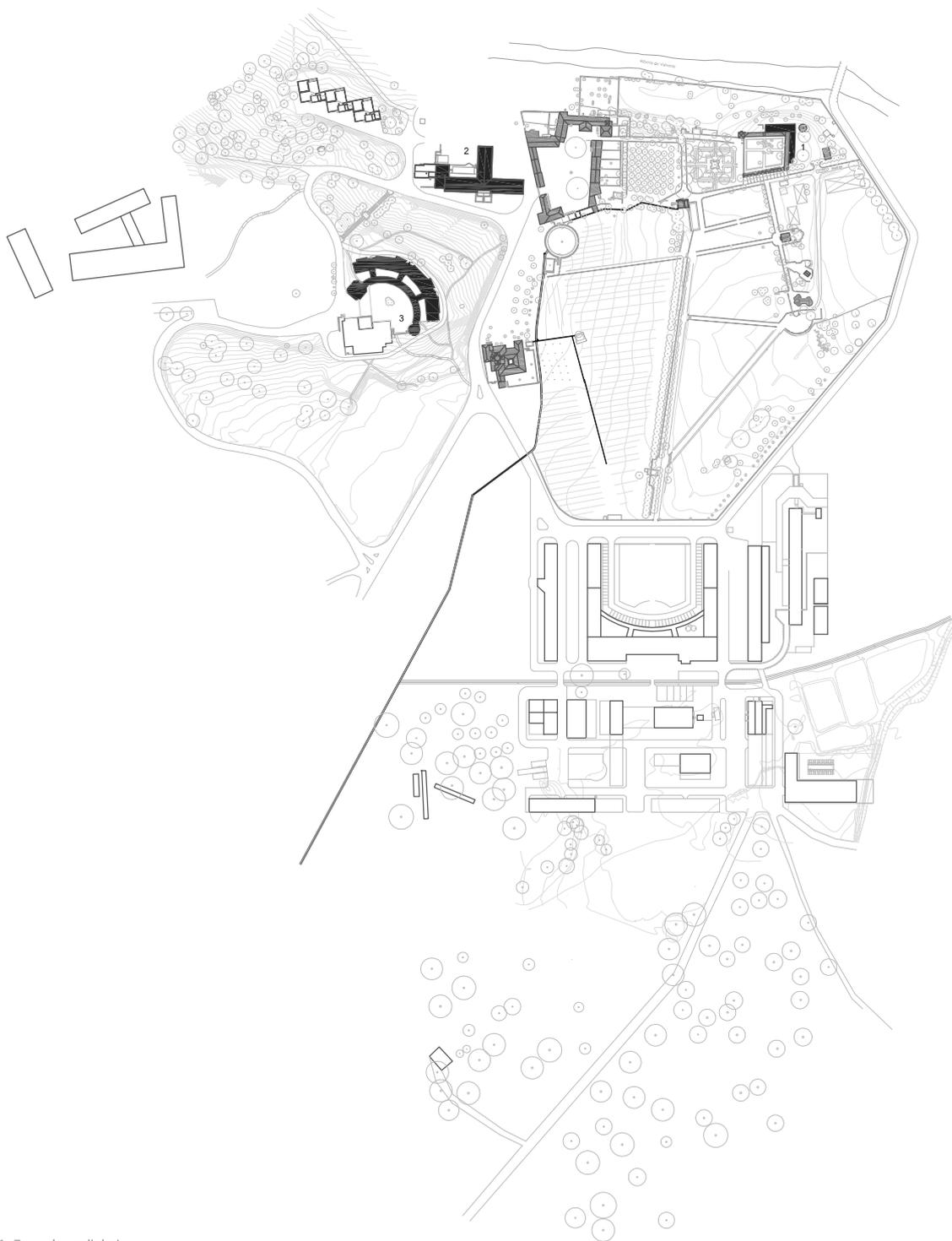


- 1 - Área laboratorial
- 2 - Casas térreas do pátio do paço



Figura 91 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções realizadas entre 1834 - 1969, escala 1:12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora)

#### 4.5 - Construções realizadas entre 1969 e 1975



- 1 - Zona dos galinheiros
- 2 - Colégio dos Regentes Agrícolas
- 3 - Edifício do Anel



Figura 92 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções realizadas entre 1969 - 1975, escala 1:12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora)

4.6 - Construções realizadas entre 1975 e 1995

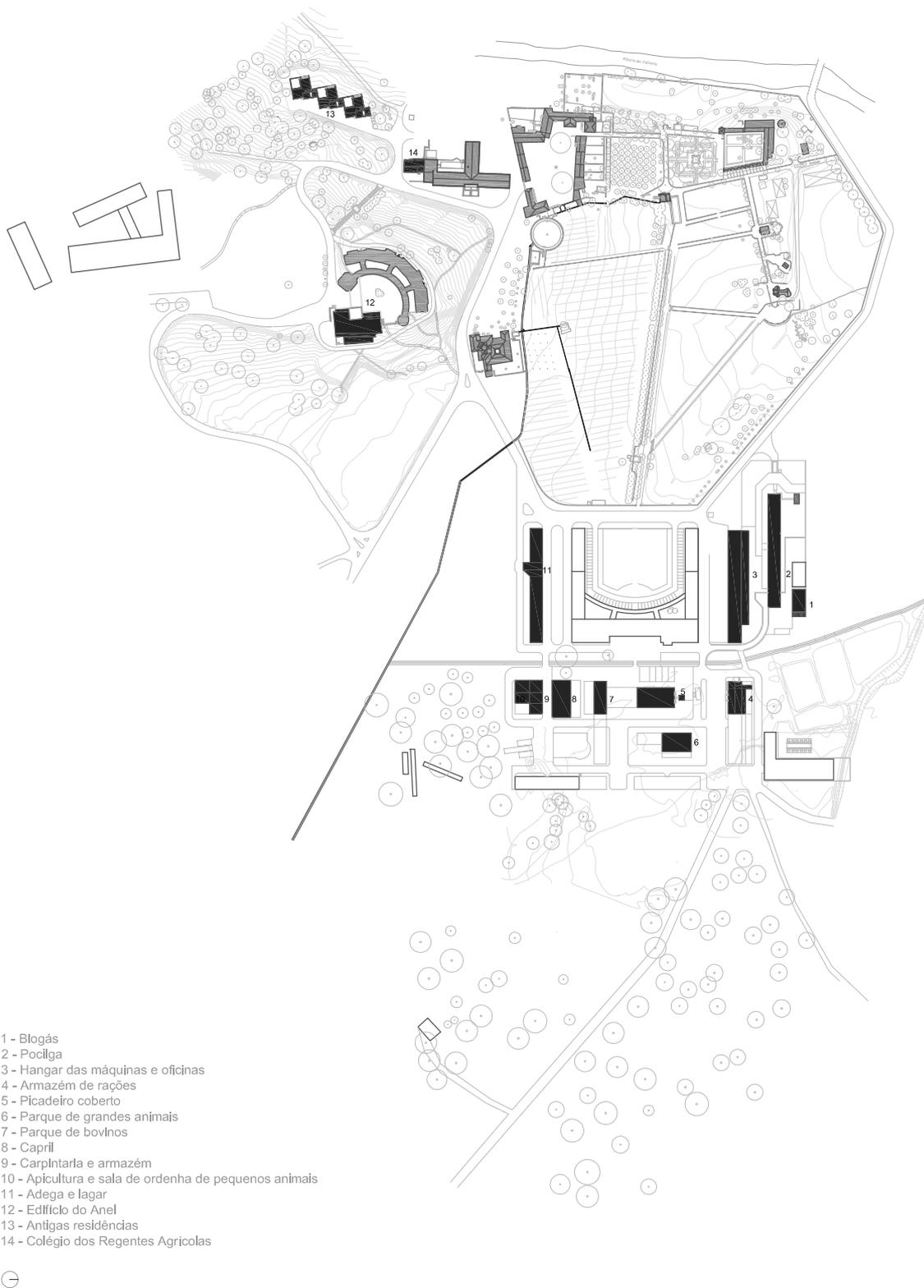


Figura 93 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções realizadas entre 1975 - 1995, escala 1:12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora)

#### 4.7 - Construções posteriores a 1995

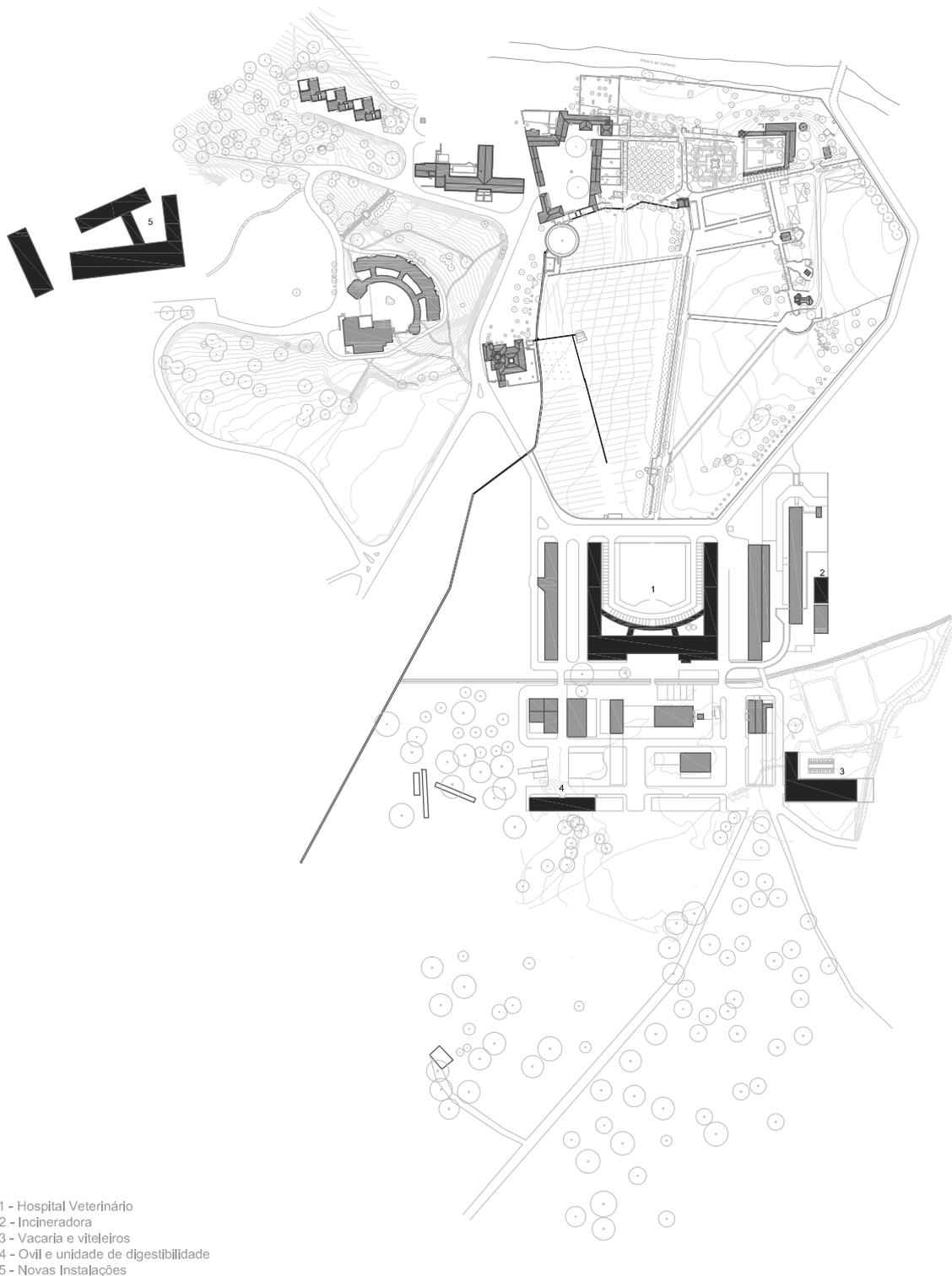


Figura 94 - Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta de ocupação, construções posteriores a 1995, escala 1:12500 (tratamento gráfico da autora sobre desenho do arquitecto Nuno Ramos, 2006; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora)

## **ANEXO 5**

**Arquitecto Vítor Manuel de Almeida Figueiredo**

## Arquitecto Vítor Manuel de Almeida Figueiredo

- 1929 Nasce na Figueira da Foz.
- 1958 Habitação em S. João de Estoril.
- 1959 Diplomado em arquitectura pela Escola de Belas Artes do Porto (com média de 19 valores).
- 1960 Inicia actividade profissional independente.  
Unidades de Habitação Olivais Sul, Lisboa (Com Vasco Lobo).
- 1962 Unidades de habitação no Barreiro. 168 fogos.  
Conjunto habitacional em Benavente. 81 fogos.
- 1963 Conjunto habitacional em St.º Estevão. 42 fogos.
- 1964 Estudo. Unidade hospitalar da CUF, Barreiro.  
Conjunto habitacional em Torres Novas.
- 1965 Unidades habitacionais em Alcobaça.
- 1966 Unidades de habitação em Beja. 104 fogos (projecto).
- 1968 Habitações em banda, em Torres Novas. 52 fogos.  
Conjunto habitacional em Estarreja. 76 fogos (projecto).
- 1969 Conjunto habitacional em Peniche. 240 fogos.  
Conjunto habitacional em Peniche, 100 fogos (projecto).  
Habitações em banda, em Pataias, 64 fogos.  
Unidades de habitação em Chelas, Lisboa. 560 fogos (com Eduardo Trigo de Sousa).  
Conjunto habitacional em Peniche. 102 fogos.  
Conjunto habitacional em Constância. 70 fogos (projecto).
- 1970 Habitação unifamiliar em Cascais.
- 1971 Habitação unifamiliar em Vale do Lobo.
- 1972 Conjunto habitacional na Nazaré. 141 fogos (com Eduardo Trigo de Sousa) (projecto).  
Conjunto habitacional em Peniche. 210 fogos (com Eduardo Trigo de Sousa) (projecto).
- 1973 Conjunto habitacional em Chelas. 321 fogos (com Eduardo Trigo de Sousa).  
Conjunto turístico de Tavira. 25 fogos (projecto).

- 1975 Conjunto habitacional no Alto do Zambujal, Lisboa. 791 fogos (com Duarte Cabral de Mello).
- 1976 Unidades habitacionais em Setúbal (Azeda). 156 fogos (com Duarte Cabral de Mello).
- 1978 Conjunto habitacional, Setúbal, Praça de Portugal. 257 fogos.  
Agência da Caixa Geral de Depósitos no Lumiar, Lisboa.
- 1979 Quarteirão na Av. Almirante Reis, Lisboa. Serviços e Equipamento (com Eduardo Trigo de Sousa) (estudo).  
Conjunto habitacional no Pinhal Novo (concurso).
- 1987 Escola de Formação Profissional de Pescas. Viana do Castelo (estudo).  
C.G.D. Dependência de Beja.
- 1988 Ampliação do Pavilhão A.D.O. em Oeiras (com Diogo Zuquete).  
Centro Cultural e Recreativo de Almada (estudo).
- 1990 Convento dos Remédios em Évora, projecto de Recuperação (estudo).  
Pavilhão desportivo de Miraflores, Algés (com Jorge Cruz Pinto e José Marrafa).
- 1991 Igreja de Albergaria dos Fusos em Cuba (com Jorge Cruz Pinto).
- 1996 Novas Instalações do Pólo da Mitra da Universidade de Évora (com Jorge Cruz Pinto, Teresa de Almeida, Isabel Martins, Rui Marrafa, Rui Leão e José Neves).
- 1998 Escola Superior de Arte e Design, Caldas da Rainha (com Eduardo Trigo de Sousa e Nuno Arenga).
- 2000 Complexo Pedagógico Científico – Tecnológico, do Pólo de Santiago em Aveiro (com Rui Ruivo, Manuel Lemos Barros, e João Pernão).
- 2004 Faleceu, com 74 anos.

#### Prémios

- 1986 Prémio da Associação Portuguesa de Críticos de Arte (com o conjunto urbano-arquitectónico do Alto do Zambujal, em Alfragide).
- 1989 Prémio dos Programas Habitacionais de Setúbal (com o conjunto habitacional da Azeda).
- 1998 Prémio Secil de Arquitectura (com o projecto para a Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha).

#### Obras a concurso por selecção do Júri

- 1996 Edifício para o Pólo da Mitra, Herdade da Mitra, Valverde. Nomeada em 1996 para o prémio Secil e para o prémio Mies Van der Rohe.
- 1997 Escola Superior de Arte e Design, Caldas da Rainha. Nomeada em para a 1ª Bienal Iberoamericana de Arquitectura e para o prémio Mies Van der Rohe.
- 1998 Escola Superior de Arte e Design, Caldas da Rainha. Nomeada para o prémio Secil. (atribuído)
- 1999 Complexo Pedagógico Científico – Tecnológico, do pólo de Santiago em Aveiro. Nomeado para a Bienal Iberoamericana de Arquitectura.
- 2001 Complexo Pedagógico Científico – Tecnológico, do Campus de Santiago em Aveiro. Nomeado para o Prémio Mies Van der Rohe.

#### Exposições

- 1986 III Exposição de Artes Plásticas - FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, Lisboa.
- 1990 Exposição EUROPÁLIA, Bruxelas.
- 1993 Exposição "Arquitectura Contemporânea" - FUNDAÇÃO DE SERRALVES, Porto.
- 1997 Exposição Portugal Frankfurt, Frankfurt.
- 2003 Exposição "Desenho nas Cidades, Arquitectura em Portugal 2003" - V Bienal de São Paulo.
- 2004 Exposição "Designare nelle Città" - PALAZZO DELL'ARTE, Trienal de Milão.

(DIAS et al 1994)

## **ANEXO 6**

**Edifício para o Pólo da Mitra**



















## **ANEXO 7**

### **Questionário**

Embora não sendo objecto principal deste trabalho o estudo do modo de utilização deste edifício do ponto de vista do utilizador, relativamente ao conforto térmico, acústico, lumínico e de acessibilidades, damos conta de um pequeno estudo efectuado no âmbito da disciplina de Projecto de Arquitectura Sustentável.

## Anexo 7.1. População e amostra

Na presente investigação foi utilizado o método de amostragem aleatória simples (onde a amostra é retirada ao acaso entre a população), que segundo Almeida e Freire (2003), consiste na modalidade que alcança maior rigor científico ao permitir que qualquer indivíduo possua a mesma probabilidade de integrar a amostra e pelo facto de a saída de um elemento não afectar a probabilidade de saída dos restantes.

A população é constituída por todos os utilizadores do edifício do Pólo da Mitra, projectado por Vítor Figueiredo, entre os quais alunos, docentes e restantes funcionários. Contudo, visto não ser possível recolher e analisar os dados referentes a todos os elementos que constituem a população, foi necessário proceder à selecção de um subconjunto, a uma amostra.

Departamentos	Cursos	Alunos	Docentes	Outros Funcionários
<b>Fitotécnia</b>	Agronomia	134	19	18
<b>Zootecnia</b>	Ciência e Tecnologia Animal	94		
	Medicina Veterinária	290		
<b>Engenharia Rural</b>	Eng. Civil	195		
	Eng. de Recursos Hídricos	1	26	4
<b>Biologia</b>	Biologia	181	34	12
<b>Total</b>	-	895	100	41

**População:** 1036 utilizadores

**Amostra:** 14,48% da população

150 Utilizadores:

- . 130 alunos (14,52% dos 895)
- . 15 docentes (15 % dos 100)
- . 5 outros funcionários (12,19% dos 41)

## 7.2 – Questionário. Utilização do edifício

A elaboração final do questionário foi antecedida por um estudo preliminar (pré-inquérito), aplicado a trinta utilizadores, que permitiu detectar erros, reformular perguntas e escalas de resposta, que não se revelaram suficientemente claras, e seleccionar quais as perguntas a incluir na versão final do questionário.

O questionário, é constituído por vinte e quatro perguntas, integradas em dez secções e tanto as questões como as respectivas escalas de respostas, foram elaboradas com o auxílio do Prof. Engenheiro Peixeiro Ramos.

O pré-teste foi aplicado na primeira semana de Junho de 2009 e o questionário na última semana de Outubro de 2009.

**PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CONTEMPORÂNEO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA:**

**ARQUITECTO VÍTOR FIGUEIREDO E O EDIFÍCIO PARA O PÓLO DA MITRA**

Leia atentamente cada afirmação e responda assinalando com uma cruz (x) a sua opção.

Nas questões com escala (classificação 1 a 5), deverá considerar que o nº1 corresponde ao nível mais baixo, enquanto que, ao nível 5 corresponde ao mais elevado na avaliação efectuada.

**1. Utilização**

1.1. Que espaços utiliza com mais frequência (indique mais que uma resposta, caso se verifique):

Salas de aula

Laboratórios

Departamentos

**2. Conforto térmico**

**Verão**

2.1. Temperatura. Sensação de:

Muito Quente

Quente

Ligeiramente quente

Neutro

Ligeiramente frio

Frio

Muito frio

**Inverno**

2.2. Temperatura. Sensação de:

Muito Quente

Quente

Ligeiramente quente

- Neutro
- Ligeiramente frio
- Frio
- Muito frio

2.3.Com que frequência sente correntes de ar:

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Muitas vezes
- Sempre

### 3. Acústica:

3.1. Com que frequência ouve ruído proveniente do exterior:

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Muitas vezes
- Sempre

3.2. Com que frequência ouve ruído proveniente do interior:

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Muitas vezes
- Sempre

3.2.1. Os ruídos resultam:

- Reverberação (eco)
- Utilização do piso superior
- Outro

3.3 Caso tenha respondido outra fonte de ruído indique qual:

---

---

---

#### 4. Iluminação

##### 4.1. Qualidade

Muito boa

Boa

Razoável

Má

Muito má

##### 4.2. É frequente o recurso a iluminação artificial durante o dia:

Sim

Não

##### 4.3. Caso tenha respondido “sim” justifique as razões da sua utilização:

---

---

---

#### 5. As condições de conforto actuais, interferem nas actividades:

Sim

Não

Às vezes

##### 5.1. Em caso afirmativo:

Física

Mentalmente

##### 5.2. Que perturbações sente (indique mais que uma resposta, caso se verifiquem):

Irritações nos olhos

Dores de cabeça

Mau estar

Dificuldades de respiração

Sonolência

Alteração na capacidade de concentração

Irritabilidade

Outro

5.3.Caso tenha respondido “outro” indique qual:

---

---

---

**6. Funcionalidade:**

Acha que o espaço é adequado a função:

Sim

Não

6.1.Caso tenha respondido “não” indique a razão:

---

---

---

**7. Qualidade do ar**

Classifique numa escala de 1 a 5 os seguintes parâmetros:

7.1. A saturação do ar

Nada satisfatório

Excelente

<input type="checkbox"/>				
1	2	3	4	5

7.2. Odores

Nada satisfatório

Excelente

<input type="checkbox"/>				
1	2	3	4	5

**8. Acessibilidade:**

Nada satisfatório

Excelente

<input type="checkbox"/>				
1	2	3	4	5

**9. Segurança:**

Nada satisfatório

Excelente

<input type="checkbox"/>				
1	2	3	4	5

**10. Qualidade dos espaços exteriores**

Nada satisfatório

Excelente

<input type="checkbox"/>				
1	2	3	4	5

10.1. É frequente a permanência nos espaços exteriores:

Sim

Não

10.1.2. Caso tenha respondido “não” indique a razão:

---

---

---

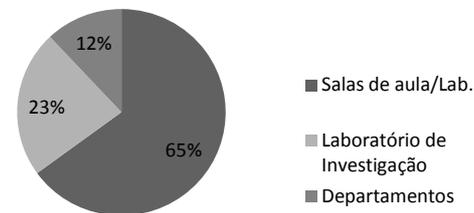
OBRIGADO

### 7.3 - Análise do inquérito.

Análise quantitativa. Não foi usado software específico na análise dos resultados.

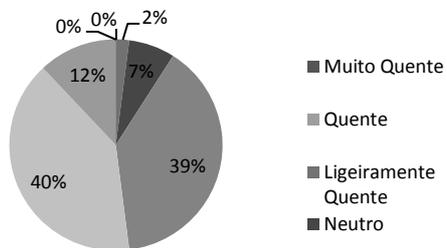
#### 1.Utilização

##### 1.1.Que espaços utiliza com mais frequência

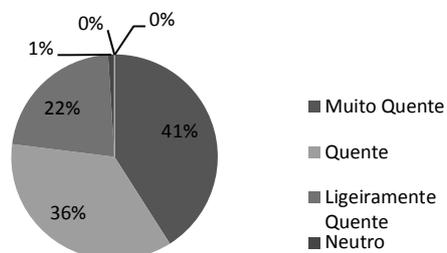


#### 2. Conforto térmico

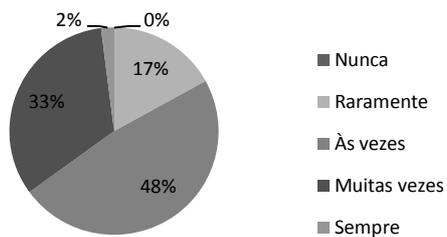
##### 2.1. Verão. Temperatura. Sensação de:



##### 2.2. Inverno. Temperatura. Sensação de:

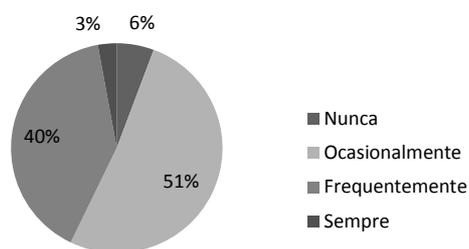


##### 2.3. Com que frequência sente correntes de ar:

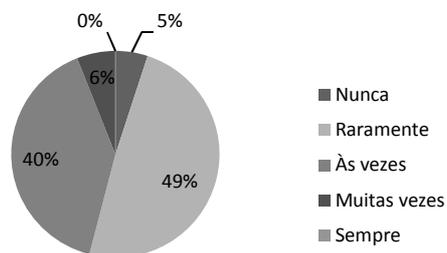


### 3. Acústica

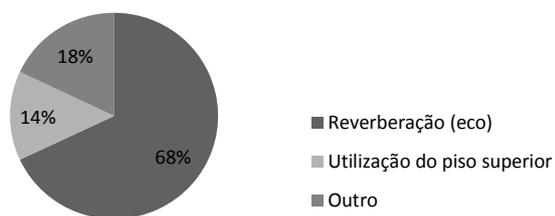
#### 3.1. Com que frequência houve ruído proveniente do exterior



#### 3.2. Com que frequência houve ruído proveniente do interior

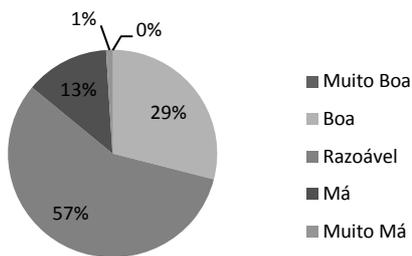


##### 3.2.1. Os ruídos resultam:

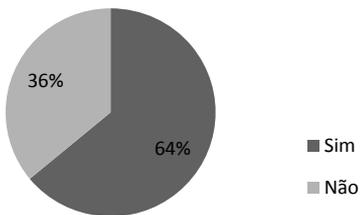


### 4. Iluminação

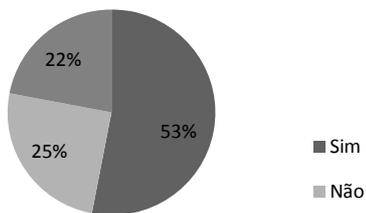
#### 4.1. Qualidade



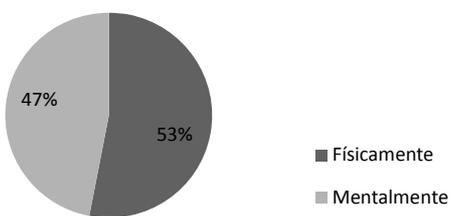
4.2. É frequente o recurso a iluminação artificial durante o dia:



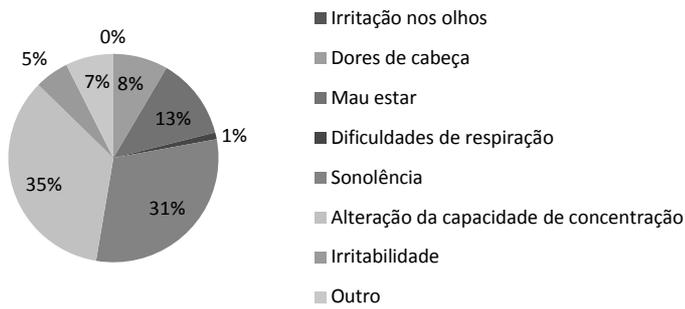
5. As condições de conforto actuais interferem nas actividades



5.1. Em caso afirmativo:

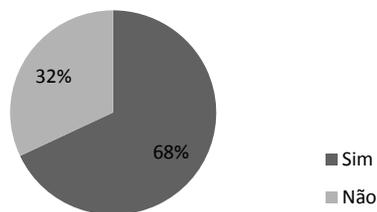


5.2. Que perturbações sente:



## 6. Funcionalidade

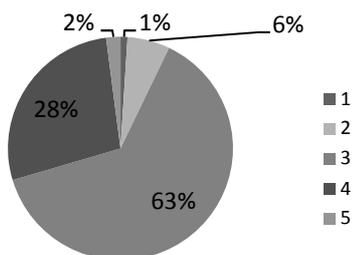
6.1. Acha que o espaço é adequado a função:



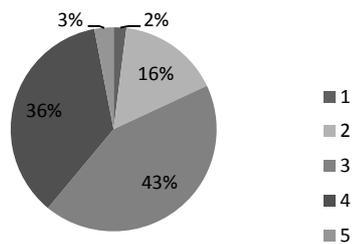
## 7. Qualidade do ar

Classifique numa escala de 1 a 5 os seguintes parâmetros, considerando que o nº1 corresponde ao nível mais baixo enquanto ao nível 5 corresponde ao mais elevado na avaliação efectuada:

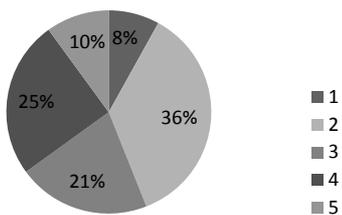
5.1. Saturação do ar



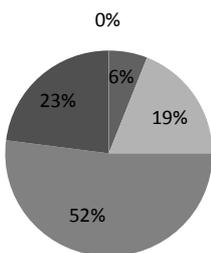
7.2. Odores



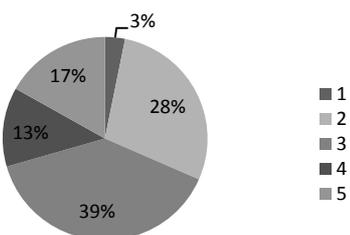
**8. Acessibilidade**



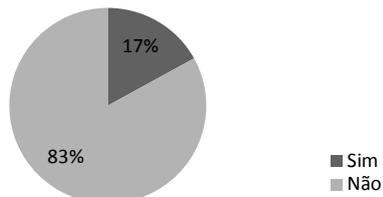
**9. Segurança**



**10. Qualidade dos espaços exteriores**



**10.1. É Frequente a permanência nos espaços exteriores:**





## **ANEXO 8**

**Guião das entrevistas**

Embora tenham sido contactados todos os arquitectos que colaboraram com Vítor Figueiredo no projecto para o Pólo da Mitra, apenas foram entrevistados o arquitecto Jorge Cruz Pinto e o arquitecto José Neves, por indisponibilidade dos restantes no tempo útil à investigação.

### **Guião**

- . Em que fases colaborou no projecto?
- . Como surgiu o projecto no atelier? Foi por convite?
- . Que outros projectos estavam a ser desenvolvidos em simultâneo no atelier?
- . Após duas décadas de trabalho em habitação de custo controlado, na década de 90 assistiu-se a uma redescoberta da arquitectura de Vítor Figueiredo com os três projectos para o ensino superior. Como ocorreu esta transição para o programa universitário?
- . Quais foram as referências para este projecto?
- . As visitas ao local eram frequentes? Em todas as fases de projecto? Recordar-se da primeira ida à Herdade da Mitra?
- . Projectava-se no local, ou principalmente em atelier?
- . Era Vítor Figueiredo quem acompanhava a obra ou por vezes eram aos colaboradores que se deslocavam a Évora?
- . As opções projectuais eram discutidas por todos os membros do atelier? Vítor Figueiredo legava decisões aos colaboradores?
- . Dos cinco corpos que constituem o projecto, à data só três estão concluídos. Acha que hoje o projecto teria de ser reequacionando? Que justificação foi dada para a não conclusão da obra?
- . O edifício apresenta alguns problemas de utilização, como mau funcionamento térmico e acústico. O orçamento condicionou as opções projectuais?
- . Vítor Figueiredo referiu:  
  
“Limitamo-nos a desenhar o que já lá existia, era como se a construção sempre ali estivesse, e apenas agora fosse ocupada”.  
  
“ A ambição para a Mitra, era desenhá-la como se sempre lá estivesse existido. Só!”

Pode comentar esta afirmação, tendo em conta a sua experiência no projecto?

. Poderá o projecto do Pólo da Mitra, ser considerado a base fundadora do programa universitário na obra de Vítor Figueiredo? Em que medida?

## **ANEXO 7**

### **Questionário**

Embora não sendo objecto principal deste trabalho o estudo do modo de utilização deste edifício do ponto de vista do utilizador, relativamente ao conforto térmico, acústico, lumínico e de acessibilidades, damos conta de um pequeno estudo efectuado no âmbito da disciplina de Projecto de Arquitectura Sustentável.

## Anexo 7.1. População e amostra

Na presente investigação foi utilizado o método de amostragem aleatória simples (onde a amostra é retirada ao acaso entre a população), que segundo Almeida e Freire (2003), consiste na modalidade que alcança maior rigor científico ao permitir que qualquer indivíduo possua a mesma probabilidade de integrar a amostra e pelo facto de a saída de um elemento não afectar a probabilidade de saída dos restantes.

A população é constituída por todos os utilizadores do edifício do Pólo da Mitra, projectado por Vítor Figueiredo, entre os quais alunos, docentes e restantes funcionários. Contudo, visto não ser possível recolher e analisar os dados referentes a todos os elementos que constituem a população, foi necessário proceder à selecção de um subconjunto, a uma amostra.

Departamentos	Cursos	Alunos	Docentes	Outros Funcionários
<b>Fitotécnia</b>	Agronomia	134	19	18
	Ciência e Tecnologia Animal	94		
	<b>Zootecnia</b>	Medicina Veterinária	290	
<b>Engenharia Rural</b>	Eng. Civil	195		
	Eng. de Recursos Hídricos	1	26	4
<b>Biologia</b>	Biologia	181	34	12
<b>Total</b>	-	895	100	41

**População:** 1036 utilizadores

**Amostra:** 14,48% da população

150 Utilizadores:

- . 130 alunos (14,52% dos 895)
- . 15 docentes (15 % dos 100)
- . 5 outros funcionários (12,19% dos 41)

## 7.2 – Questionário. Utilização do edifício

A elaboração final do questionário foi antecedida por um estudo preliminar (pré-inquérito), aplicado a trinta utilizadores, que permitiu detectar erros, reformular perguntas e escalas de resposta, que não se revelaram suficientemente claras, e seleccionar quais as perguntas a incluir na versão final do questionário.

O questionário, é constituído por vinte e quatro perguntas, integradas em dez secções e tanto as questões como as respectivas escalas de respostas, foram elaboradas com o auxílio do Prof. Engenheiro Peixeiro Ramos.

O pré-teste foi aplicado na primeira semana de Junho de 2009 e o questionário na última semana de Outubro de 2009.

**PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CONTEMPORÂNEO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA:**

**ARQUITECTO VÍTOR FIGUEIREDO E O EDIFÍCIO PARA O PÓLO DA MITRA**

Leia atentamente cada afirmação e responda assinalando com uma cruz (x) a sua opção.

Nas questões com escala (classificação 1 a 5), deverá considerar que o nº1 corresponde ao nível mais baixo, enquanto que, ao nível 5 corresponde ao mais elevado na avaliação efectuada.

**1. Utilização**

1.1. Que espaços utiliza com mais frequência (indique mais que uma resposta, caso se verifique):

Salas de aula

Laboratórios

Departamentos

**2. Conforto térmico**

**Verão**

2.1. Temperatura. Sensação de:

Muito Quente

Quente

Ligeiramente quente

Neutro

Ligeiramente frio

Frio

Muito frio

**Inverno**

2.2. Temperatura. Sensação de:

Muito Quente

Quente

Ligeiramente quente

- Neutro
- Ligeiramente frio
- Frio
- Muito frio

2.3. Com que frequência sente correntes de ar:

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Muitas vezes
- Sempre

### 3. Acústica:

3.1. Com que frequência ouve ruído proveniente do exterior:

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Muitas vezes
- Sempre

3.2. Com que frequência ouve ruído proveniente do interior:

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Muitas vezes
- Sempre

3.2.1. Os ruídos resultam:

- Reverberação (eco)
- Utilização do piso superior
- Outro

3.3 Caso tenha respondido outra fonte de ruído indique qual:

---

---

---

#### 4. Iluminação

##### 4.1. Qualidade

Muito boa

Boa

Razoável

Má

Muito má

##### 4.2. É frequente o recurso a iluminação artificial durante o dia:

Sim

Não

##### 4.3. Caso tenha respondido “sim” justifique as razões da sua utilização:

---

---

---

#### 5. As condições de conforto actuais, interferem nas actividades:

Sim

Não

Às vezes

##### 5.1. Em caso afirmativo:

Física

Mentalmente

##### 5.2. Que perturbações sente (indique mais que uma resposta, caso se verifiquem):

Irritações nos olhos

Dores de cabeça

Mau estar

Dificuldades de respiração

Sonolência

Alteração na capacidade de concentração

Irritabilidade

Outro

5.3.Caso tenha respondido “outro” indique qual:

---

---

---

**6. Funcionalidade:**

Acha que o espaço é adequado a função:

Sim

Não

6.1.Caso tenha respondido “não” indique a razão:

---

---

---

**7. Qualidade do ar**

Classifique numa escala de 1 a 5 os seguintes parâmetros:

7.1. A saturação do ar

Nada satisfatório

Excelente

<input type="checkbox"/>				
1	2	3	4	5

7.2. Odores

Nada satisfatório

Excelente

<input type="checkbox"/>				
1	2	3	4	5

**8. Acessibilidade:**

Nada satisfatório

Excelente

<input type="checkbox"/>				
1	2	3	4	5

**9. Segurança:**

Nada satisfatório

Excelente

1

2

3

4

5

**10. Qualidade dos espaços exteriores**

Nada satisfatório

Excelente

1

2

3

4

5

10.1. É frequente a permanência nos espaços exteriores:

Sim

Não

10.1.2. Caso tenha respondido “não” indique a razão:

---

---

---

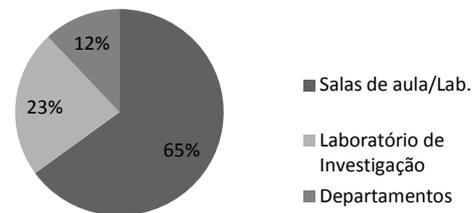
OBRIGADO

### 7.3 - Análise do inquérito.

Análise quantitativa. Não foi usado software específico na análise dos resultados.

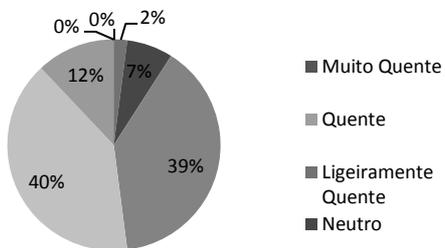
#### 1. Utilização

##### 1.1. Que espaços utiliza com mais frequência

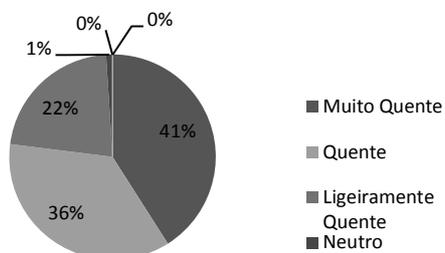


#### 2. Conforto térmico

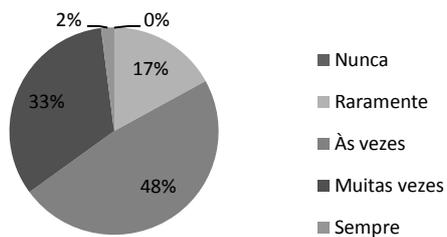
##### 2.1. Verão. Temperatura. Sensação de:



##### 2.2. Inverno. Temperatura. Sensação de:

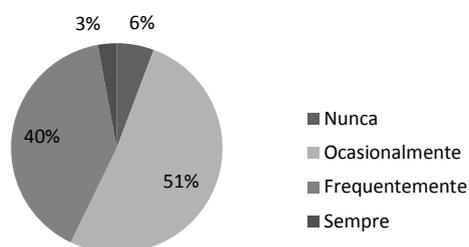


##### 2.3. Com que frequência sente correntes de ar:

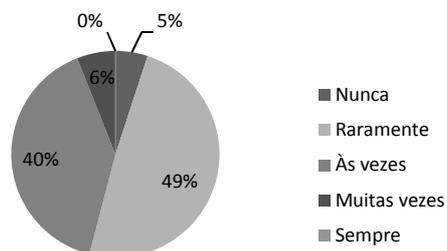


### 3. Acústica

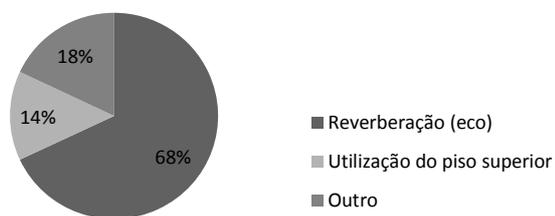
#### 3.1. Com que frequência houve ruído proveniente do exterior



#### 3.2. Com que frequência houve ruído proveniente do interior

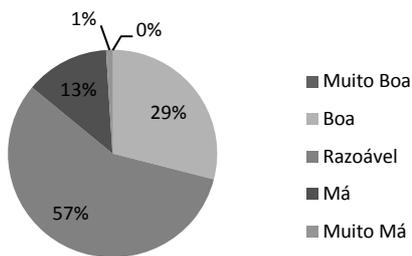


#### 3.2.1. Os ruídos resultam:

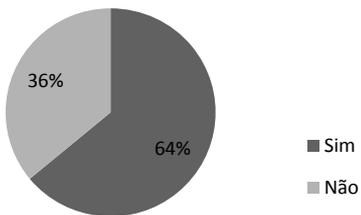


### 4. Iluminação

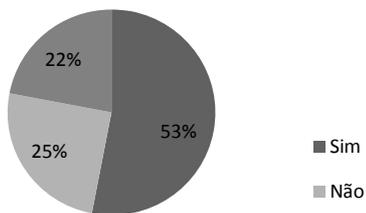
#### 4.1. Qualidade



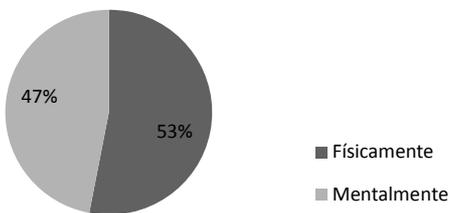
4.2. É frequente o recurso a iluminação artificial durante o dia:



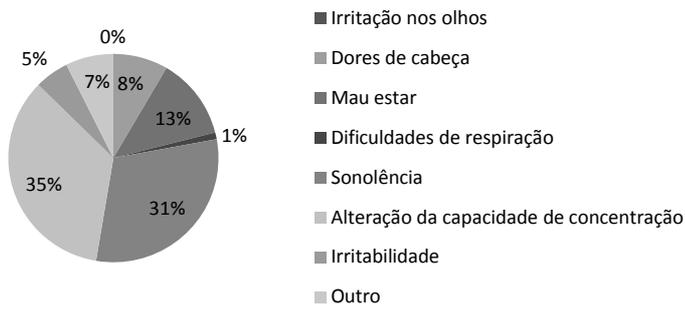
5. As condições de conforto actuais interferem nas actividades



5.1. Em caso afirmativo:

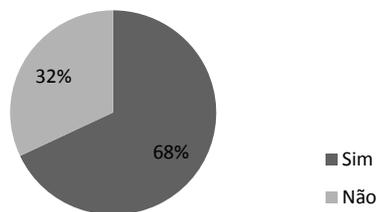


5.2. Que perturbações sente:



## 6. Funcionalidade

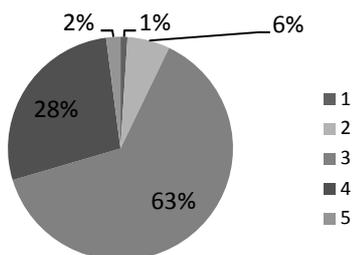
6.1. Acha que o espaço é adequado a função:



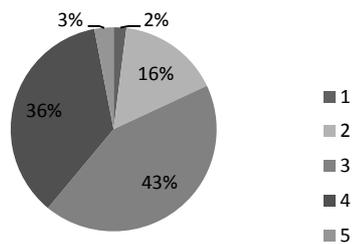
## 7. Qualidade do ar

Classifique numa escala de 1 a 5 os seguintes parâmetros, considerando que o nº1 corresponde ao nível mais baixo enquanto ao nível 5 corresponde ao mais elevado na avaliação efectuada:

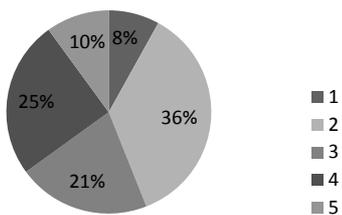
5.1. Saturação do ar



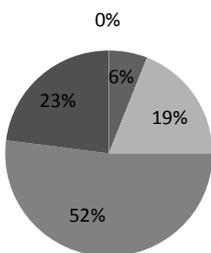
7.2. Odores



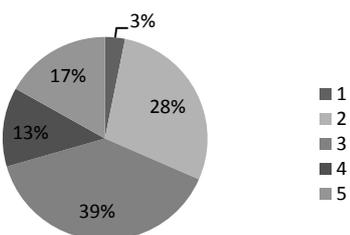
**8. Acessibilidade**



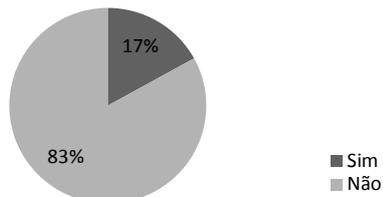
**9. Segurança**



**10. Qualidade dos espaços exteriores**



**10.1. É Frequente a permanência nos espaços exteriores:**





## **ANEXO 8**

**Guião das entrevistas**

Embora tenham sido contactados todos os arquitectos que colaboraram com Vítor Figueiredo no projecto para o Pólo da Mitra, apenas foram entrevistados o arquitecto Jorge Cruz Pinto e o arquitecto José Neves, por indisponibilidade dos restantes no tempo útil à investigação.

### **Guião**

- . Em que fases colaborou no projecto?
- . Como surgiu o projecto no atelier? Foi por convite?
- . Que outros projectos estavam a ser desenvolvidos em simultâneo no atelier?
- . Após duas décadas de trabalho em habitação de custo controlado, na década de 90 assistiu-se a uma redescoberta da arquitectura de Vítor Figueiredo com os três projectos para o ensino superior. Como ocorreu esta transição para o programa universitário?
- . Quais foram as referências para este projecto?
- . As visitas ao local eram frequentes? Em todas as fases de projecto? Recordar-se da primeira ida à Herdade da Mitra?
- . Projectava-se no local, ou principalmente em atelier?
- . Era Vítor Figueiredo quem acompanhava a obra ou por vezes eram aos colaboradores que se deslocavam a Évora?
- . As opções projectuais eram discutidas por todos os membros do atelier? Vítor Figueiredo legava decisões aos colaboradores?
- . Dos cinco corpos que constituem o projecto, à data só três estão concluídos. Acha que hoje o projecto teria de ser reequacionando? Que justificação foi dada para a não conclusão da obra?
- . O edifício apresenta alguns problemas de utilização, como mau funcionamento térmico e acústico. O orçamento condicionou as opções projectuais?
- . Vítor Figueiredo referiu:  
  
“Limitamo-nos a desenhar o que já lá existia, era como se a construção sempre ali estivesse, e apenas agora fosse ocupada”.  
  
“ A ambição para a Mitra, era desenhá-la como se sempre lá estivesse existido. Só!”

Pode comentar esta afirmação, tendo em conta a sua experiência no projecto?

. Poderá o projecto do Pólo da Mitra, ser considerado a base fundadora do programa universitário na obra de Vítor Figueiredo? Em que medida?

## **PARTE II**

### **O PROGRAMA UNIVERSITÁRIO E O PÓLO DA MITRA NA PRODUÇÃO ARQUITECTÓNICA DE VÍTOR FIGUEIREDO**

## 1. A ARQUITECTURA PORTUGUESA E O PROGRAMA UNIVERSITÁRIO EM PORTUGAL NO SÉCULO XX

### 1.1. A arquitectura portuguesa no século XX

Durante o último século podemos definir, em síntese, alguns ciclos sociais, económicos e políticos, que permitiram grandes transformações e progressos na arquitectura nacional. Entre estes encontram-se, o recurso aos novos materiais e tecnologias, a afirmação do Estado Novo (1938-1948), a adopção e questionamento dos princípios do Movimento Moderno, o Congresso dos Arquitectos (1948), a realização do Inquérito à Arquitectura Portuguesa (1955-1960) e a Revolução de Abril de 1974. No entanto, é ainda importante destacar a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (1986) sendo que, para além de permitir transformações na arquitectura nacional, permitiu ainda um grande investimento no programa universitário.

O atelier de Nuno Teotónio Pereira, em Lisboa, constituiu, desde o final da década de 50 do século XX, um importante espaço de aprendizagem, partilha e experimentação em torno da arquitectura. Constituindo um contraponto à clássica e académica escola de Lisboa, no atelier encontravam-se entre os temas a debate a valorização e integração do espaço urbano, a utilização e usufruto dos espaços e a reflexão e subversão dos programas (Tostões 2008).

Vítor Figueiredo, recém-chegado do Porto, onde concluiu o curso de arquitectura (1959), foi um dos vários estudantes e recém licenciados da sua geração que passaram pelo atelier. Inevitavelmente esta colaboração, que lhe permitiu participar, entre outros projectos, no concurso público para a Igreja do Sagrado Coração (1975), terá constituído um importante contributo para a sua formação.

O início da década de 60, marcado pela guerra em África e pela grande contestação do país, prenuncia um período de grandes transformações no território nacional. As grandes alterações na estrutura social e económica permitem que, a par do crescente número de alunos e de universidades, o número de arquitectos aumente assim como a sua dispersão.

Neste decénio surgem os primeiros grandes empreendimentos turísticos, cuja consequente vaga de construção, conduz à formação de muitas empresas de projecto e gestão de obra. Também Vítor Figueiredo, em 1960, um ano após a conclusão da formação académica, inicia a sua actividade profissional independente. Em nome próprio ou em colaboração com outros arquitectos, como Eduardo Trigo de Sousa ou Vasco Lobo, os seus primeiros projectos são para habitação social, programa a que se dedicará durante as duas décadas seguintes.

Já nos anos 70 Vítor Figueiredo projecta um conjunto habitacional em Chelas que ficaria conhecido por “cinco dedos”. O edifício é constituído por cinco edifícios lâmina radiais, de nove pisos, que partem de um centro invisível. A poucos anos do 25 de Abril, que veio abrir novos caminhos aos programas habitacionais com as Operações SAAL, Vítor Figueiredo desenha um conjunto urbano que antecipa algumas destas

aspirações e pressupostos conceptuais explorados nos anos seguintes. Os lugares, que nunca foram uma condição determinante na sua obra, ao contrário da sua geração que defendia um certo contextualismo (histórico, sociológico e tipológico) acabam por integrar este edifício e a partir dele trabalhar novos significados, desde o momento em que este é integrado no quotidiano daqueles que os habitam.

O processo revolucionário iniciado com a Revolução de Abril de 1974 desencadeou vários movimentos reivindicativos, entre os quais no sector da habitação. Esta preocupação na resolução do problema habitacional não era contudo recente, e já se havia expressado, nomeadamente no I Congresso Nacional de Arquitectura (1948) através de um dos temas proposto a debate: “O Problema Português da Habitação” (Rodeia 2008). A habitação de custos controlados e o direito à habitação por parte da população é, não apenas um dos temas em debate como, um dos programas do momento.

Neste contexto, desencadearam-se profundas alterações no sector habitacional, surgiram vários movimentos reivindicando o direito à habitação e, de forma a dar resposta aos problemas de carência habitacional, é criado o SAAL: Serviço Ambulatório de Apoio Local. Segundo Bandeirinha (2007), o SAAL consistia num serviço descentralizado (Norte, Lisboa/Centro, Sul/Algarve), criado com a finalidade de dar apoio às populações que se encontravam alojadas em situações precárias e que, através do apoio dado pelas várias brigadas, oferecia condições habitacionais às populações carenciadas.

A convite das Câmaras Municipais, do Fundo Fomento Habitação, da Caixa de Providências ou do próprio SAAL, encontram-se a ser desenvolvidos neste período, e nos anos seguintes, inúmeros projectos de habitação social. Estas operações, dispersas pelo território nacional, constituíram para muitos arquitectos a oportunidade de trabalharem em escalas pouco frequentes até então, e sobretudo a possibilidade de intervirem na transformação da cidade. Este contexto e necessidade justificam o facto da obra do arquitecto Vítor Figueiredo, nas décadas de 60 e 70, ser exclusivamente dedicada ao referido programa.

Este período corresponde ainda ao início da internacionalização da arquitectura portuguesa, onde o interesse pela Escola do Porto, pelo SAAL e sobretudo pela obra do arquitecto Álvaro Siza Vieira acabaria por despertar o interesse dos críticos internacionais por outros arquitectos nacionais, até então desconhecidos fora de Portugal. É o caso de Raúl Lino, Ventura Terra, Marques da Silva, Pardal Monteiro, Jorge Segurado, Cristino da Silva, Cottinelli Telmo, Keil do Amaral, Alberto Pessoa, Abel Manta, Nunes de Almeida, Conceição Silva, Nuno Teotónio Pereira, Hestnes Ferreira, Vítor Figueiredo e Souto Moura (Milheiro 2008). Este interesse na arquitectura nacional é um dos resultados do fim da ditadura, contudo a fácil mobilidade de pessoas e a intensificação das redes de informação, também terão contribuído para a sua divulgação.

Na década de 80, a recuperação da sociedade após o fim do período revolucionário, trouxe a confiança e o conseqüente investimento por parte dos grandes grupos económicos. Este investimento permitiu repor a promoção e actividade terciária nos centros urbanos, bem como o investimento no sector imobiliário e turístico nas periferias urbanas. Tais projectos eram porém geralmente entregues a equipas estrangeiras e

raramente arquitectos nacionais eram convidados a participar em projectos ligados ao turismo ou a imobiliária.

A recuperação da sociedade e da economia veio a reflectir-se ainda, sobretudo no final da década de 80, e início da seguinte, no investimento em equipamentos urbanos verificado nas principais cidades portuguesas. Agências bancárias, paços do concelho ou tribunais foram alguns dos principais programas neste período.

Vítor Figueiredo, que se encontrava até então, tal como grande parte dos arquitectos referidos anteriormente, a trabalhar em habitação de custos controlados, passa a privilegiar por esta altura outro tipo de programas, nomeadamente equipamentos e serviços, mais de acordo com as novas necessidades da sociedade. Os seus clientes são neste período essencialmente privados, e entre os projectos desenvolvidos destacam-se as agências bancárias (do Lumiar, em 1978, e de Beja, em 1987) e os pavilhões gimnodesportivos (de Oeiras, em 1988, e de Miraflores, em 1990).

O programa público estende-se ainda as construções escolares, secundárias e superiores, o que constituiu um primeiro impulso e primeira manifestação do grande investimento no ensino que marcou as décadas seguintes.

A adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986 inicia um novo período igualmente estimulante que permitiu dotar o país de infra-estruturas básicas inexistentes em grande parte do território, como auto-estradas, instituições públicas e equipamentos urbanos, culturais e desportivos.

Entre os temas predominantes há que destacar o investimento no ensino superior e na sua descentralização, que permitiu dotar as várias universidades portuguesas de instalações adaptadas às crescentes necessidades, nomeadamente do aumento do número de alunos e da oferta formativa.

A procura crescente de formação e a disponibilização de fundos (através de programas como o PRODER e CIÊNCIA) pela CEE, levam a um crescente investimento no património arquitectónico das instituições de ensino superior e a que este momento corresponda ao período de maior crescimento a nível nacional de equipamentos universitários (lectivos, para alojamento ou investigação). Este investimento conduz a que este seja um dos programas arquitectónicos do final da década de 80 e da década 90, existindo então vários projectos e concursos públicos em curso para instalações para o ensino superior. Esta nova condição justifica igualmente a participação de Vítor Figueiredo no concurso para o Pólo da Mitra e o facto do arquitecto ter projectado três edifícios para o ensino superior neste período. O novo contexto social e económico, a necessidade e o acaso, são assim as razões que justificam que a última década da sua obra seja dedicada ao programa universitário.

Em simultâneo às tendências dominantes, verifica-se neste período, segundo Tostões (2006) “a existência de casos híbridos, que demonstram uma total disponibilidade para aceitar as mais díspares referências e fontes”.



Figura 26 – Residência de estudantes, Aires Mateus, Coimbra, 1999 (Foto de João Sousa, 2007; fonte: <http://www.flickr.com/photos/asimplemind/1302500837//>)



Figura 27 – Pólo de Santiago da Universidade de Aveiro, Aveiro, Nuno Portas e CEFAUP, 1988- (foto da autora, 2009)

Estas pelas suas características singulares no panorama da arquitectura nacional produzida no final do século XX, constituem referências importantes, e a Escola do Porto e os seus alunos (dos anos de 1960-90), constituem a afirmação mais perene e forte deste processo. (Fernandes 2006).

Vítor Figueiredo que, segundo Ana Tostões (2006), no início da década de 90, ressurgiu com três obras de elevada qualidade, é um dos casos singulares. A sua obra e os referidos projectos para o ensino superior distinguem-se pela “severa autenticidade, procurando na simplicidade das construções e das opções tomadas uma austeridade conceptual que se aproxima da sabedoria das formas primordiais, e o seu percurso marginal tende a ser descoberto como uma das mais qualificadas obras da produção portuguesa” (Tostões 2006: 96). A sua obra destaca-se pelo distanciamento das correntes então mais divulgadas ao procurar o sentidos dos lugares e dos valores genuínos e ao conseguir integrar a herança do passado no presente.

## 1.2. O programa universitário em Portugal

### 1.2.1. Contextualização

Durante vários séculos existiram apenas duas universidades em Portugal, no entanto actualmente, após o grande investimento no ensino superior verificado nas últimas décadas, existem várias instituições de ensino superior, públicas e privadas, dispersas pelo território nacional.

A Universidade de Coimbra, criada no final do século XIII, corresponde à primeira universidade portuguesa, e à única durante os três séculos seguintes.

O Estudo Geral, fundado por iniciativa de D. Dinis, foi instituído através da bula de 9 de Agosto de 1290, publicada pelo Papa Nicolau IV, e instalado (primeiramente) em Lisboa. Há a destacar-se que na referida bula, para além de estabelecer questões organizativas e administrativas, o Papa mostrava-se já preocupado, com questões tão actuais como o alojamento dos estudantes e a qualidade do mesmo (Torgal s/data).

O Estudo Geral não se manteve contudo muito tempo em Lisboa, sendo transferido para Coimbra em 1308. Esta não foi a única transferência da instituição, que 30 anos depois, é deslocada para Lisboa, onde a Corte permanecia então a maior parte do tempo e, em 1354, restabelece-se novamente em Coimbra. A universidade mantém-se na cidade até 1377, data em que se terá instalado em Lisboa (onde permanece 150 anos). A reforma do ensino empreendida por D. João III, entre 1530 e 1540, resulta na transferência definitiva da Universidade para Coimbra, a 1 de Março de 1537, onde permanece até hoje.

O sucesso da reforma terá superado de tal forma as expectativas iniciais, que se tornou necessário prover a Universidade de mais espaços lectivos e encontrar resposta para as necessidades de alojamento dos estudantes. Os resultados, tiveram impactos aos níveis urbano e urbanístico e materializaram-se na fundação da Rua da Sofia e na ocupação de estruturas preexistentes na Alta da cidade (Rossa 2006). Pretendia-se que a nova rua funcionasse como um *campus* universitário em forma linear contínua e ali se agrupassem todos os espaços da Universidade.

Nesse mesmo ano, embora a Universidade fosse a estrutura mais importante ao nível do ensino, são criados vários colégios na cidade, na sua maioria ligados às ordens religiosas, cuja função passava pelo apoio material e espiritual à Universidade. Estes novos colégios estabelecem-se na Rua da Sofia, uma vez que, embora tenha sido pensada para acolher a Universidade, esta nunca chegou a se sediar aí, mas sim na Alta de Coimbra que, ao contrário da primeira, que impossibilitava a expansão da Universidade, permitiu que a instituição se desenvolvesse.

Ainda que em 1535 se tenha colocado a hipótese de transferência do Estudo Geral, então a funcionar em Lisboa, para Évora em vez de Coimbra, só em 1553 é criado o Estudo Geral de Évora, e em 1559, três séculos depois da criação do Estudo Geral de Coimbra, é criada a Universidade de Évora, em substituição do Estudo

Geral que funcionava na cidade e cuja finalidade seria a de servir o sul do país (Carvalho 1981).

Embora com alguns encerramentos e reaberturas desde então, até ao século XX, estas foram as únicas instituições de ensino superior em Portugal. Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, e o conseqüente encerramento da Universidade de Évora, dois séculos depois da sua fundação, a Universidade de Coimbra torna a ser a única Universidade existente em Portugal.

Após a proclamação da República, a 5 de Outubro de 1910, ocorre uma reestruturação, não só das Universidades como do ensino em geral, e entre as novas medidas tomadas destacou-se a criação das Universidades de Lisboa e do Porto, em 1911. Nas décadas seguintes, entre os temas a debate, encontram-se os projectos das cidades universitárias de Lisboa e Coimbra.

Cinco décadas depois, António Oliveira Salazar é afastado do governo, por motivo de doença, e é Marcelo Caetano quem o sucede (em 1968), e quem efectua reformas significativas no ensino em Portugal (como o alargamento da rede escolar), que levam à criação de novas Universidades (Paiva 2005). Segundo Costa (2001), o maior desafogo económico, a ascensão social de largas camadas da pequena burguesia e a reforma introduzida por Veiga Simão, criam uma enorme e súbita procura no acesso às universidades que conduz a que, em muito poucos anos, o sistema universitário passe das quatro universidades tradicionais para doze.

Por esta altura a sociedade começa a perceber a necessidade de se alargarem as saídas profissionais das universidades, até então limitadas às profissões liberais e de ensino, o que contribui para a “democratização” do ensino. Para dar resposta ao crescente número de alunos são criadas, em 1974, a Universidade do Minho, a Universidade de Aveiro, a Universidade Nova de Lisboa e o Instituto Universitário de Évora (Paiva 2005). Com o início da democracia (1974), muitas outras instituições são criadas e, desde então, os conjuntos arquitectónicos e edifícios para o ensino superior, quer sejam lectivos, administrativos ou para alojamento, aumentaram exponencialmente, sobretudo nas últimas décadas do século XX.

A falta de capacidade do governo em dar resposta ao progressivo aumento de alunos, justifica igualmente o aparecimento e o aumento do número de universidades privadas verificado a partir da década de 80 (cerca de 10, com vários pólos dispersos pelo país).

Para além do aumento exponencial do número de alunos a frequentar o ensino superior, a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, em muito contribuiu para o aumento das instituições e edifícios universitários verificada nas últimas décadas, através da disponibilização de fundos comunitários aplicados a programas específicos (PRODEP e CIÊNCIA) (Júnior 1990).

Do Pólo de Santiago da Universidade de Aveiro (projecto coordenado pelo Arquitecto Nuno Portas no quadro do CEFAUP -Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1987) ao Pólo II da Universidade de Coimbra (projecto dos Arquitectos Camilo Cortesão e Mercês Vieira, 1988), da Escola Superior de Educação (projecto do arquitecto Álvaro Siza Vieira, 1986) à Escola Superior de Música (projecto do Arquitecto Carrilho da Graça, 2008) ou da Residência de Estudantes da Universidade de Coimbra (projecto dos Arquitectos Aires Mateus, 1999) às Residências Universitárias das Laranjeiras em

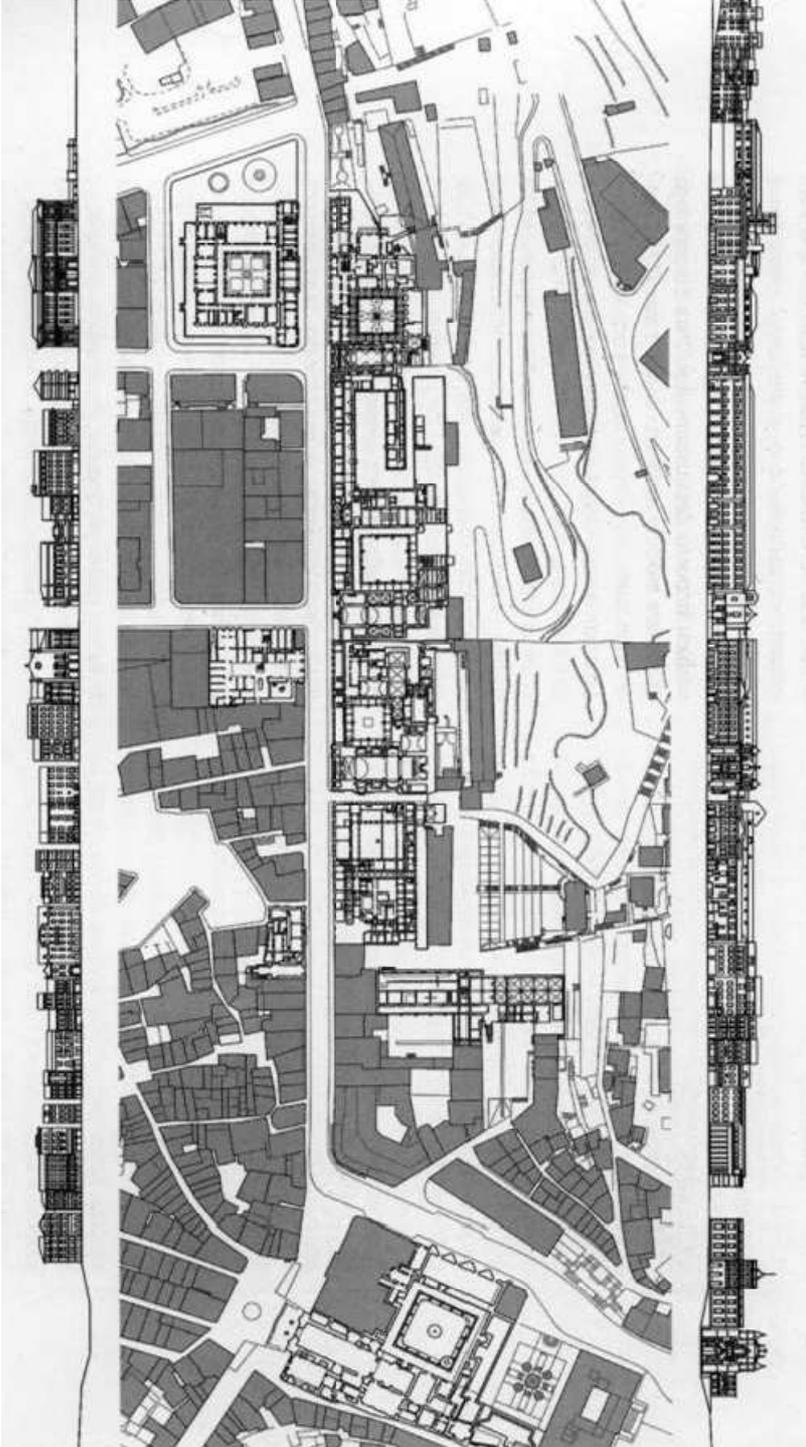


Figura 28 – Rua da Sofia, Coimbra, sem escala (fonte: ROSSA 2006:22)

Ponta Delgada (dos Arquitectos as\* - Atelier dos Santos, 2007), os edifícios para o Ensino Superior multiplicaram-se pelo território nacional.

### **1.2.2. O património arquitectónico universitário**

De acordo com Teixeira (1993), nas construções universitárias em Portugal identificam-se duas ordens de valores bastante distintas: o carácter educacional e que se encontra expresso na qualidade didáctica dos espaços, e a natureza económica condicionada pelos reduzidos orçamentos disponíveis. Os edifícios são vistos como importantes instrumentos do processo educativo, e como tal, as instituições ambicionam que a sua arquitectura reflecta os seus ideias e a sua filosofia.

Muitas universidades instalam-se em estruturas preexistentes, de valor histórico e arquitectónico, que são reabilitados para o efeito, outras investem em novos edifícios, com uma tipologia concebida para responder da melhor forma às exigências programáticas, outras ainda, como se verifica na Universidade de Évora, optam por ambas as soluções.

Enquanto muitos dos edifícios, sobretudo as construções de valor histórico, apresentam espaços rígidos, na sua forma e função, nos quais eventuais alterações funcionais seriam complexas, nos edifícios construídos de raiz, os espaços flexíveis e funcionalmente adaptáveis são possíveis e pretendidos (Teixeira 1993). Existem ainda casos em que o edifício é definido formalmente mas que poderia facilmente acolher qualquer outro programa. Ao contrário dos anteriores a flexibilidade destes espaços reside na sua ocupação.

De acordo com Lobo (2006), a ocupação e adaptação de edifícios pré-existentes não é exclusivo da Universidade de Évora, nem do caso português, tendo-se verificado igualmente em países como a França ou a Espanha, onde eram adaptados edifícios preexistentes e reformuladas casas senhoriais. Embora Portugal não tenha desenvolvido tipologias colegiais destacou-se, no entanto, pelo investimento em novas instalações, o que se verifica desde a fundação da primeira instituição de ensino superior em Portugal, no século XIII (Lobo 2006).

### **1.2.3. Os modelos: *campus* universitários, pólos de ensino inseridos no espaço urbano e edifícios de ensino disseminados na cidade**

Teixeira (1993) refere que os edifícios universitários em Portugal estabelecem diferentes tipos de relações com a cidade, podendo ser integrados em três modelos: os *campus* universitários, pólos de ensino inseridos no espaço urbano e edifícios de ensino disseminados na cidade.

Os *campus* universitários correspondem a conjuntos isolados, normalmente localizados na periferia da cidade ou distantes desta, que funcionam de forma autónoma. Estes integram no mesmo lugar, edifícios

para o ensino e investigação, espaços administrativos, residências para estudantes e docentes e, em alguns casos equipamentos sociais e culturais.

Segundo Lobo (2006a), o *campus* corresponde a um conjunto de edifícios, dotados de plano de conjunto e que se destinam ao uso universitário e que poderá ser de natureza linear (Rua da Sofia, séc. XVI, ou *Campus* de Santiago da Universidade de Aveiro, 2000) ou distribuição em rede, sendo que o último corresponde a uma evolução e expansão dos *campus* em linha (Pólo II da Universidade de Coimbra, 1988).

Já os pólos de ensino inseridos no espaço urbano (de que é exemplo o ISCTE, Lisboa, 1974-2005), também designados como *campus urbanos*, são constituídos por diversos edifícios de uma mesma instituição, que mantêm um certo grau de autonomia, mas que também se localizam na cidade.

Por último, os edifícios de ensino disseminados na cidade, onde os edifícios da instituição, embora não funcionem de forma autónoma, encontram-se dispersos no espaço urbano, são integrados tanto na urbe como na vivência da própria cidade. Este é o caso do Pólo de Évora da Universidade de Évora. A opção por este modelo constitui uma oportunidade de revitalizar e de impulsionar um crescimento mais qualificado das cidades, uma vez que surgem por acréscimo necessidades físicas de expansão e de criação de novos equipamentos que servem em simultâneo a população efectiva e a população estudantil.

Frequentemente, as instituições adoptam em simultâneo por diferentes modelos. Por norma, a opção por um modelo ao invés de outro, com excepção do *campus* universitário, deriva de razões circunstanciais, como a doação de terrenos e edifícios ou de acordos com outras instituições (Júnior 1990).

Qualquer um dos três modelos referidos anteriormente naturalmente terá vantagens e desvantagens. Se os *campus*, favorecem o contacto entre a comunidade estudantil, o diálogo e a multidisciplinaridade, já os *campus* urbanos e os pólos disseminados permitem conciliar a vida universitária e a vida na cidade assim como potenciam a relação entre a comunidade universitária e a evolvente urbana e territorial. Estes possibilitam ainda o desenvolvimento de alguns equipamentos e serviços que só a existência de estruturas de ensino o potenciam e o permitem.

No caso da Universidade de Évora, para além do Pólo de Évora, que corresponde a vários edifícios dispersos pela malha urbana da cidade, dos vários pólos de ensino de utilização esporádica, e orientados para actividades específicas, a Universidade conta com o Pólo da Mitra (o único pólo, para além do Pólo de Évora, onde ocorrem diariamente actividades lectivas).

Tal como referido anteriormente e como acontece em muitas outras Universidades, este pólo emerge de razões circunstanciais, é testemunho de épocas e utilizações muito distintas e da fusão de vários modelos.

Este modelo, não classificado por Teixeira (1993), conjuga o modelo do *Campus* e a lógica na origem dos pólos de ensino disseminados na malha urbana.

Embora se trate de uma localização rural, distante da cidade e que permite que os alunos usufruam das principais vantagens de um *Campus* Universitário, o Pólo da Mitra não detém total autonomia, tanto administrativamente como para alojamento dos alunos, dependendo do Pólo de Évora, e como tal, não poderá ser denominado como *Campus*. A classificação também não será possível, pelo facto do pólo não ter sido dotado de um plano de conjunto ou de expansão, e desta forma não ter sido pensado de raiz para acolher espaços lectivos. Do segundo modelo apresenta o facto de ser formado por um conjunto de edifícios próximos fisicamente, construídos em épocas distintas, onde nem todos os edifícios foram projectados para albergarem programas universitários ou lectivos e cuja autonomia é apenas parcial.

As mais-valias passam, para além da relativa proximidade física entre as diferentes instalações, pela partilha de equipamentos comuns como biblioteca, cantinas, cafetarias e salas de estudo que, para além de facilitar a sociabilização permite a cooperação, interdisciplinaridade e troca de conhecimentos entre os diferentes cursos. A principal desvantagem prende-se com a distância a Évora onde, onde se encontra o alojamento dos alunos e os principais serviços tanto da Universidade como da cidade.

Para além do património histórico e dos vários edifícios contemporâneos, projectados por Jorge Segurado e Manuel Tainha, já existentes no Pólo da Mitra, aquando da sua aquisição pela Universidade de Évora, em 1991, a instituição lança um concurso público para a construção de novas instalações, no qual Vítor Figueiredo obtém o primeiro lugar.

Para além deste edifício, o primeiro construído pela Universidade no Pólo da Mitra, terminado na última década da sua vida, e dos dois seguintes, o arquitecto destacou-se em edifícios de Habitação Social, como o Conjunto Habitacional "Cinco Dedos" (1973), ou em edifícios para entidades públicas e privadas, como a capela para Albergaria de Fusos, em Cuba (1990-91), ou o pavilhão desportivo de Miraflores (1990).

## 2. VÍTOR FIGUEIREDO E O PROGRAMA UNIVERSITÁRIO

### 2.1.A obra do Arquitecto

#### A obra

Vítor Figueiredo nasceu na Figueira da Foz, em 1929. Filho único de mãe doméstica e pai negociante, foi também nesta cidade que descobriu o interesse pelo cinema e pelas lides do mar. Embora durante o ensino primário, tenha revelado apetência para o desenho, sobretudo para o desenho à vista, a arquitectura estava ainda longe dos seus sonhos e ambições, que na altura passavam pelo ingresso na Escola Náutica. Factos imprevistos, como alguma falta de vista, afastaram-no da carreira marítima e levaram-no a repensar o futuro e a colocar a hipótese de seguir pintura. Porém, os prenúncios de um futuro incerto colocaram de parte esta possibilidade.

Aos dezassete anos, pouco tempo depois de concluir o ensino secundário, foi transferido para a Escola de Belas Artes do Porto onde, sem ceder a pressões familiares e ainda sem um fascínio pela arquitectura, se inscreve em arquitectura.

Em 1946, quando chega ao Porto, depressa se integra nas tertúlias e ambientes boémios, então frequentados por inúmeros estudantes da Escola de Belas Artes. Nestas tertúlias, e ao lado de colegas como Alcino Soutinho, Pádua Ramos ou João Carlos Segurado, conversava-se sobre pintura, escultura, cinema e arquitectura, esquiçava-se, discutiam-se livros ou artigos de revistas como a *Domus* ou a *Architecture D'Aujourd'hui*.

Estudante interessado e eclético, Vítor Figueiredo terá aproveitado as tertúlias e pausas entre as actividades académicas para ampliar conhecimentos, praticar pintura, ler ou assistir a filmes.

Em paralelo, terá ainda participado na fundação do Cine-Clube do Porto, dirigido nos períodos de férias académicas o Cine-Clube da Figueira da Foz e acompanhado, com José Fonseca e Costa, Henrique Espírito Santo ou Manuel Pina, a tertúlia do Cine-Clube Imagem, em Lisboa (Silva 2006).

Tal como este terá referido (Silva 2006), estes interesses são mais tarde reflectidos na obra do arquitecto, uma vez que, "na prática profissional de um arquitecto reflecte-se tudo o que o constitui. Os livros que li, as mulheres que amei, os momentos que vivi, as coisas que tive. Mas não sou pessoa para eleger um Deus, seja em literatura, em pintura, em cinema ou em arquitectura...". Assim, a arquitectura não se esgota na sua condição disciplinar, alarga-se ao mundo da cultura e da vida, das vivências e interesses de cada um. Este ponto de vista acerca da função e importância da arquitectura justificam igualmente o facto de, no debate arquitectónico, frequentemente serem referidos Velàzquez, Kandinsky, Klee, Fontana, Hogan, O. Wells, Murnau, Cimino, Borges, Argan, Adorno, Lacan entre outros dos seus interlocutores preferidos.

Durante o percurso académico, Vítor Figueiredo colaborou com vários arquitectos, entre os quais Leonardo Castro Freire, Januário Godinho, Maurício de Vasconcelos e Nuno Teotónio Pereira (Fernandes 2005).

Em 1959, concluiu o curso de Arquitectura com média de dezanove valores e de seguida rumou a Lisboa movido pela possibilidade de um primeiro trabalho, o projecto para uma moradia em S<sup>o</sup>. João do Estoril.

Em Lisboa, colabora com o atelier de Nuno Teotónio Pereira que, enquanto espaço de experimentação e aprendizagem por excelência, terá sido um importante espaço de debate e experimentação em torno da arquitectura nacional, que inevitavelmente constituiu um importante contributo para a formação de Vítor Figueiredo e de muitos outros arquitectos da sua geração (Tostões 1997).

Em 1960, passa a exercer actividade profissional independente e instala o seu atelier, numa fase inicial, no atelier de Nuno Teotónio Pereira e mais tarde num segundo andar da Rua da Escola Politécnica. No mesmo ano é chamado pelo Gabinete Técnico da Habitação (GTH) a projectar uma parcela do Conjunto dos Olivais Sul. Em co-autoria com o arquitecto Vasco Lobo projecta então o conjunto requerido, e a partir de então e durante as duas décadas seguintes (conforme anexo 5:158), a sua obra é dedicada à habitação de custos controlados, para a Federação das Caixas de Providência, Câmaras Municipais e para o Fundo de Fomento da Habitação. Inventando e reinventando novas soluções, técnicas e estéticas, para as construções que recusava denominar como “habitação social”, Vítor Figueiredo procurava, segundo Ricardo Carvalho et al (2004:1), “não criar singularidades ou frívolos maneirismos formais, para permitir que a arquitectura, com a sua poética velada mas determinante e intencional, funcionasse como pano de fundo para a vida”. A arquitectura deverá ser o cenário onde a vida humana tem lugar, e apenas isso. Assim, independentemente do programa em questão cada projecto constituiu uma possibilidade de procura de espaços com qualidade, que dignifique a vida, independentemente da estética ou da ética. Era este o papel de Vítor Figueiredo, o da construção destes “cenários”.

São deste período, entre outros, os 360 fogos para o Gabinete Técnico de Habitação nos Olivais (1960); o Bairro de “Habitação Económica”, em Peniche (1969); o Bairro da Azeda em Setúbal (1976) e o Conjunto Habitacional “Cinco Dedos” em Chelas (1973).

Nestas primeiras décadas de actividade, os seus principais projectos passam ainda pelo desenho urbano através do controlo e coordenação dos vários intervenientes na criação da imagem urbana, incluindo a renovação de tecidos existentes, nomeadamente no Barreiro, em Peniche, no alto do Zambujal ou na Azeda e na Praça de Portugal em Setúbal.

Em simultâneo e episodicamente participa em projectos com uma base programática distinta, para clientes privados e entidades públicas. Em 1961 participou com Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira no Concurso da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, concluída em 1970 e distinguida com o Prémio Valmor (1975); em 1970 projecta a moradia Mota Maia, em Cascais; em 1971, a da Farrajota Cavado, em Vale de Lobo; em 1987, assina a Escola Profissional de Pescas, em Viana do Castelo, e a dependência da Caixa Geral de Depósitos de Beja; em 1988, projecta a ampliação do Pavilhão Gimnodesportivo ADO, em Oeiras; em 1990,



Figura 29- Arquitecto Vítor Figueiredo (Foto de Francisco Gomes, 1999. Fonte: <http://www.oesteonline.pt/noticias/noticia.asp?nid=2583>)

a agência bancária para a Caixa Geral de Depósitos no Lumiar e o Pavilhão Gimnodesportivo para Miraflares, e em 1991, a capela em Albergaria de Fusos, Évora.

No início da década de 90 o arquitecto participa no concurso público, lançado pela Universidade de Évora, para a construção de um novo edifício no Pólo da Mitra, onde lhe é finalmente possível experimentar hipóteses de projectos com programas nobres, e assim, o programa universitário surge na sua obra. Muitos dos projectos surgiram através de concursos públicos, e dada a favorável situação económica, a que contribuiu a adesão de Portugal à CEE (1986), e o grande investimento na educação, o programa universitário era o um dos programas do momento, existindo vários concursos e projectos em curso.

Ao projecto para o Pólo da Mitra (1991-1996), seguiram-se dois outros projectos para o ensino superior, a Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (1993-1998) e o Complexo Científico e Pedagógico da Universidade de Aveiro (1995-2000), e o arquitecto dedica assim a última década da sua obra ao programa universitário.

Vítor Figueiredo desempenhou ainda, nas últimas décadas da sua vida, actividade enquanto docente convidado, no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra e no Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa.

Ao longo do seu percurso profissional foi galardoado com o Prémio da Associação Portuguesa de Críticos de Arte (1986) pelo conjunto urbano-arquitectónico do Alto do Zambujal, em Alfragide, projectado em 1977; com o Prémio dos Programas Habitacionais de Setúbal (1989) com as Unidades Habitacionais da Azeda, Setúbal; e recebeu o Prémio Secil de Arquitectura (1998), com o projecto para a Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha.

Identificado, pelo júri responsável pela atribuição do Prémio Sécil de Arquitectura 98 (Ordem dos Arquitectos 1998) ao o seu projecto para a Escola Superior de Arte e Design como “arquitecto sem truques”, Vítor Figueiredo por convicção e resultado da sua experiência em habitação de custos controlados, rejeita em cada novo projecto o supérfluo e acessório. A austeridade das suas concepções, o gesto comedido na linguagem arquitectónica que, segundo Duarte (1989), se situa próximo dos limites da “minimal art”, marca um percurso dissonante na arquitectura portuguesa produzida na segunda metade do século XX.

Segundo Zúquete (2005:7), a obra do arquitecto não se destaca pelos gestos monumentais, mas antes, pelo dramatismo e simplicidade dos edifícios, aparentemente banais, cuja “beleza é próxima, visível”.

Embora tenha procurado manter-se distante das tendências dominantes da arquitectura portuguesa, a obra de Vítor Figueiredo será, segundo Milheiro (2006a) marcada pelas referências arquitectónicas da arquitectura moderna europeia produzidas nas décadas de 20 e 30 do século XX, onde se destaca a Escola Superior de Arte e Design.

A excepção no panorama de inspiração moderna encontra-se no Edifício para o Pólo da Mitra ou na Capela de Albergaria de Fusos (Fernandes 2005). O “Estilo Chão”, cuja influência foi dominante em todo o Alentejo a partir da segunda metade do século XVI e do qual Évora foi um dos principais centros difusores, e a



Figura 29- Conjunto Habitacional “Cinco Dedos”, 1973 (Foto de Catarina Botelho, 2004. Fonte: CARVALHO e tal 2004: s. /p.)



Figura 30- Escola Superior de Artes e Design, piso 1, corpo A (foto da autora, 2009)

arquitectura popular alentejana, divulgada no Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, realizado entre 1955-60 e publicado em 1961, terão constituído as suas principais referências (Becker e tal 1997).

Tido como iconoclasta, irónico e crítico, renegou o sucesso fácil, procurando distanciar-se das “modas” e aparências (Pinto 2004).

Nos últimos anos da sua vida, e com o mesmo desprendimento que marca o seu percurso profissional, continuava a afirmar que a sua vida não gravitava em torno da prática da arquitectura e, como tal, limita-se a exercer uma actividade profissional. Realizava-a com uma postura comédia, rejeitando os tiques de vedeta e os elogios descabidos.

Vítima de uma doença prolongada, faleceu a 30 de Janeiro de 2004, com 74 anos. Por terminar ficou o projecto para a reitoria da Universidade de Aveiro, no qual se encontrava a trabalhar.

## O atelier

Para além de espaço de trabalho por excelência, onde se desenvolveram muitos dos projectos referidos anteriormente, o atelier de Vítor Figueiredo foi um importante espaço de debate, partilha, experimentação e aprendizagem, tanto para arquitectos como para estudantes (Fernandes 2005).

Em Lisboa, a formação académica era frequentemente continuada nos ateliês e tal como em tantos outros, no atelier de Vítor Figueiredo sempre terão estado presentes estudantes e jovens arquitectos que, durante e após a conclusão do percurso académico, encontravam no atelier um importante espaço de aprendizagem debate e partilha. Eduardo Trigo de Sousa, Adalberto Tenreiro, Jorge Cruz Pinto e José Neves, foram alguns dos arquitectos que colaboraram com Vítor Figueiredo. Foram igualmente muitos os arquitectos com quem o arquitecto colaborou ao longo da sua obra e os amigos que, com frequência, se dirigiam ao atelier apenas para conversar sobre arquitectura, cinema ou pintura (outra das paixões do arquitecto). Segundo Jorge Cruz Pinto (2009), as conversas sobre arquitectura eram frequentemente acompanhadas de referência a Buñuel e Velázquez, entre tantos outros pintores ou cineastas.

A partir da pesquisa efectuada e das entrevistas realizadas, é possível prever que o método de trabalho se apoiava em desenhos, esboços, perspectivas e maquetas, realizadas em todas as fases de projecto. Com frequência eram realizadas maquetas à escala real, onde se pretendia antecipar a realidade, avaliar opções de projecto ou testar pequenas variações da forma, proporção ou modelação da luz... (PINTO 2004). Em cada novo projecto todos os membros do atelier se envolviam de forma incessante e dedicada, e após cada discussão de ideias, cada colaborador explorava uma hipótese, um aspecto que posteriormente era novamente discutida.

Também o atelier era impregnado com o projecto em curso, quer seja através de desenhos, esboços, fotografias, textos ou fotocópias (onde durante vários anos foram ensaiadas pequenas variações compositivas de alçados) que se multiplicavam nas suas paredes.

Por norma, apenas se encontravam a ser desenvolvidos pelo atelier um ou dois projectos em simultâneo, uma vez que, embora todos os elementos do atelier tivessem uma participação activa em todas as fases do projecto, Vítor Figueiredo fazia questão de acompanhar de perto tanto o projecto como a obra, preferindo um atelier pequeno, com poucos colaboradores, mas onde pudesse controlar todas as fases de projecto, a um grande atelier (Neves 2009). A rotatividade de tarefas era outra das preocupações do arquitecto, que fazia questão de tratar todos os membros de igual forma.

Segundo Jorge Cruz Pinto (2009), Vítor Figueiredo procurava incessantemente libertar-se do uso gratuito de soluções pré-concebidas ou do recurso a “tiques” e “modas”, renegando “receitas” ou “modos de fazer” arquitectura, tal como defendia frequentemente, recorrendo à expressão: “num baile de senhoras sê rameira e num baile de rameiras sê senhora”.

## 2.2. O programa universitário na obra do arquitecto

Como anteriormente referido, os últimos anos de vida e obra do arquitecto Vítor Figueiredo foram dedicados ao estudo e desenvolvimento do programa universitário. Esta investigação e interesse, que teve início com o concurso para o Pólo da Mitra da Universidade de Évora, não se restringiu a este projecto, tendo sido sucessivamente explorada e aprofundada nos edifícios projectados nos anos seguintes, para o Instituto Politécnico de Leiria, nas Caldas da Rainha, e para a Universidade de Aveiro, no *Campus* de Santiago, em Aveiro.

Tendo em consideração o curto espaço temporal que medeia estes três projectos, com a mesma base programática (o primeiro com início em 1991 e o último em 1995), a sua compreensão e análise será fundamental, não só para a análise do programa universitário no âmbito da obra do arquitecto, como para o entendimento do edifício para o Pólo da Mitra.

Não obstante o facto dos referidos projectos terem sido edificados numa mesma época, logicamente os lugares, os contextos, os programas e as áreas de ensino e investigação em que estes se inserem são distintos. Em comum, numa primeira análise, os projectos apresentam apenas o facto de serem edifícios para o ensino superior projectados pelo arquitecto Vítor Figueiredo. No entanto, como veremos, a sua relação não se limita às circunstâncias referidas, existindo diversos pontos de relação.

Pretendeu-se que a análise fosse particularizada a cada edifício, uniformizada e conduzida a partir de critérios claramente identificados e previamente estabelecidos.

Esta será iniciada com uma breve contextualização, onde serão abordados critérios gerais de interpretação arquitectónica (como implantação, localização, programa e intenções) e será complementada através da análise de elementos essenciais ao estudo de edifícios educacionais. Após esta primeira aproximação, procurar-se-á descrever correlações e aspectos comuns entre os edifícios.

Como base teórica para a selecção dos critérios a analisar foram tidas como referência as obras *“Lições de Arquitectura”* (1991) de Herman Hertzberger e a obra de Mark Dudek *“Architecture of schools: the new learning environments”* (2000).

Tendo em conta que a arquitectura é influenciadora e influenciada pela utilização, Hertzberger (1991), debruça-se sobre aspectos que considera fundamentais para o correcto funcionamento e optimização da utilização de espaços educacionais (entre outros programas). Segundo o autor, o espaço exterior, a relação entre o interior e o exterior (a que denominada de “visão II”), e o espaço habitável entre as coisas, são alguns dos critérios essenciais à análise de edifícios educativos.

Hertzberger (1991) defende que o espaço exterior dos edifícios educativos deve funcionar como uma sala de estar comunitária, um lugar onde o contacto social deve ser estabelecido e onde as relações sociais e a aprendizagem poderão ser estimuladas, nomeadamente, através dos recursos arquitectónicos.

Mais do que um espaço "restante", o exterior deverá ser pensado como um espaço útil, onde para além da interacção quotidiana entre utilizadores será possível a realização de actividades lectivas ou recreativas.

A relação entre o interior e o exterior, física e visual, tal como influência as relações pessoais e a aprendizagem poderá também determinar a forma como os utilizadores se relacionam com o espaço exterior e o uso que fazem deste (Hertzberger 1991). A quantidade, a dimensão e o desenho dos vãos são alguns dos elementos que podem condicionar esta relação. O autor destaca ainda a importância dos espaços de transição (interiores ou exteriores) na determinação da relação e da continuidade entre o interior e o exterior dos edifícios.

O "espaço habitável entre as coisas", segundo Hertzberger (1991), corresponde aos espaços de circulação, recepção ou distribuição. Na sua óptica, o espaço e as oportunidades de aprendizagem vão para além das convencionais salas de aula, e defendendo que, os espaços e as formas devem permitir diversos usos, sob circunstâncias mutáveis, devendo o arquitecto criar as condições necessárias para usos diferenciados. Os "espaços entre as coisas", que no caso dos edifícios educacionais corresponde aos espaços entre os "espaços lectivos" (salas de aula, ateliers, laboratórios, etc.), deverão constituir oportunidades de aprendizagem, trabalho, divulgação de actividades, partilha de conhecimento e interacção entre utilizadores, e simples elementos, como parapeitos ou degraus, podem constituir uma oportunidade e um estímulo constante para o uso quotidiano. Desta forma, os espaços deverão ser flexíveis, sempre que possível, de forma a oferecer ao usuário liberdade para interpretar a sua função de acordo com a sua necessidade ou vontade.

Estes correspondem a alguns dos critérios que, segundo Hertzberger (1999: 214), "podem ser tão importantes quanto o gesto grandioso da arquitectura na sua totalidade", porque a arquitectura e os edifícios, correspondem à soma de todos os pequenos gestos, e juntos criaram o todo.

Dudek (2000) sustenta a mesma opinião e refere que a relação entre arquitectura e utilizadores também se reflectirá e contribuirá para a aprendizagem devendo por isso existir uma integração entre a arquitectura e a educação. O autor acrescenta que, a luz (tal como a cor ou as texturas), embora tenha sido tratada e encarada de formas distintas, ao longo da história e segundo as teorias e reformas educativas introduzidas, é um dos parâmetros influenciadores da aprendizagem. De acordo com o autor, a sua importância vai para além da sua qualidade e tratamento nas salas de aulas, sendo que todos os espaços são lugares de sociabilização, vivência e aprendizagem.

Tendo em conta que a forma como a luz chega ao interior altera a sua qualidade e as suas características, a iluminação zenital, que se aproxima da luz recebida no exterior, é apropriada e de grande importância nos espaços de uso comum, onde se deseja estabelecer uma relação mais directa com o mundo exterior (Dudek 2000). Nas salas de aula a correcta iluminação é de extrema importância. Esta deverá ser natural e abundante, de forma a criar ambientes agradáveis e que contribuam para estimular a aprendizagem e as actividades. Segundo Dudek (2000) deverão ser pensados elementos (interiores ou exteriores) que permitam a protecção do vão e o controle da iluminação.

No início do século XX, os novos materiais e sistemas construtivos possibilitaram o emprego de uma estrutura independente, que permitiu a desvinculação das funções de sustentabilidade e vedação e possibilitou o aumento das potencialidades da fachada. Assim, distante dos tempos em que a fachada constituía parte do sistema estrutural, esta ganha independência e, gradualmente, é precedida por uma “pele exterior” independente da estrutura portante (Mendonça 2005).

A construção dos primeiros abrigos era feita com o recurso a vários materiais e sistemas construtivos e cada material desempenhava então uma função específica. Nestas primeiras construções era já possível distinguir os elementos estruturais e não estruturais das construções, no entanto, se esta distinção sempre teve influências na arquitectura, em termos teóricos apenas se tornou relevante durante o último século. Em 1860, G. Semper dividia pela primeira vez, na análise arquitectónica, estrutura portante e encerramento. Esta abordagem teve posteriormente grande influência nos primeiros tempos do Modernismo nas obras (por exemplo) de Otto Wagner ou Henri Van de Velde (Mendonça 2005).

Este conceito de esqueleto versus pele/estrutura versus encerramento tem evoluído e se alterando ao longo do tempo. No início do século XIX, a Revolução Industrial trouxe novos materiais e métodos construtivos. A standardização dos processos de construção e o surgimento da indústria do vidro são alguns dos factores que possibilitaram que, gradualmente, a relação entre superfície aberta (vãos) e superfície fechada aumentasse e que os vãos ocupassem cada vez mais percentagem da fachada. No entanto, não foi apenas a introdução do vidro em grande escala nas construções que impulsionou a desmaterialização das fachadas e a diluição entre parede e vão. Esta separação está antes associada à progressiva independência entre a estrutura portante e a pele exterior, possível pela introdução dos novos materiais e sistemas construtivos.

Nas primeiras experiências, a pele era frequentemente do mesmo material que a estrutura contudo, com o crescente enfoque na superfície, os materiais tornaram-se um dos elementos principais de preocupação arquitectónica, emergindo como um conceito estético. Hoje, vários arquitectos apostaram também na sua valorização e na estética que a sua utilização poderá proporcionar.

O tema da pele exterior de um edifício continua a ser ainda um tema pertinente de discussão arquitectónica, e embora a translucidez continue a ser uma das suas principais temáticas, várias experiências tem sido realizadas onde se explora a pele tecnológica e a introdução de novas tecnologias.

Desta forma, e tendo em conta os projectos em análise e que os parâmetros que se apresentam correspondem a hipóteses de trabalho, os critérios a analisar serão:

- . Contexto;
- . Espaço exterior;
- . Relação interior – exterior;
- . “O espaço habitável entre as coisas”;
- . A luz;
- . A fachada/pele.

### **2.2.1. Edifício para o Pólo da Mitra, Herdade da Mitra, 1991-1996**

#### **. Contexto**

Embora os primeiros cursos leccionados na Herdade da Mitra estivessem apenas associados as Ciências Agrárias, com a reabertura da Universidade de Évora, e a implementação de um dos seus Pólos na Herdade, muitos outros cursos passaram a ser leccionados. Face ao crescente número de alunos, as instalações existentes revelaram-se insuficientes e, em 1991, a Universidade de Évora abre um concurso público para a construção de novas instalações, no qual Figueiredo obtém o primeiro lugar.

A quando da aquisição da Herdade pela Universidade já existiam, para além do Paço e do Convento de Bom Jesus de Valverde (séc. XVI), quatro outros edifícios projectados por Jorge Segurado (em 1930) e Manuel Tainha (em 1965) para a Escola Prática de Agricultura e para a Escola de Regentes Agrícolas, respectivamente, que acolhiam até então os espaços lectivos, o alojamento de alunos e regentes, e estruturas de apoio às actividades agrícolas.

Era pretendido que o novo edifício albergasse os cursos que actualmente integram a Escola de Ciência e Tecnológica, dotando-os de espaços específicos para o ensino e investigação, e em simultâneo espaços de uso comum a todos os cursos, tendo em consideração que já existiam espaços lectivos de carácter mais geral em número suficiente. Desta forma, o programa procurava dotar o referido Pólo com novas estruturas de apoio ao ensino e investigação, nomeadamente, laboratórios, salas de estudo, gabinetes para docentes e secretariado, dois anfiteatros, um auditório, biblioteca, videoteca, reprografia e um bar/cafetaria.

Relativamente à implantação, o novo edifício apresenta uma relação com o terreno e uma disposição que nos remete para a informalidade dos pequenos Montes, que ocupam o topo das pequenas colinas que povoam a planície alentejana. (Figueiredo 1996).

Os volumes agrupam-se formando um “U” irregular, rematado a nascente por um outro corpo que prolonga e encerra o vazio informal do terreiro, um quarto corpo localiza-se a poente, numa situação de charneira entre o núcleo principal e o edifício do Anel. Uma passadeira coberta interliga dois dos volumes e assegura a circulação.

#### **. Espaço exterior**

Na proposta para a Mitra identificam-se três espaços exteriores de caracteres distintos: um terreiro central que relaciona todos os volumes, e que é definido por estes, e dois pátios.

O terreiro enquanto elemento unificador dos vários volumes, espaço de estar, circulação e distribuição, constitui o principal espaço exterior do edifício. Embora se identifique a sua génese claustral, reforçada pela *loggia* que o percorre, este destaca-se pelo seu desenho informal e irregular, mas também pela constante relação com a sua envolvente e o território.

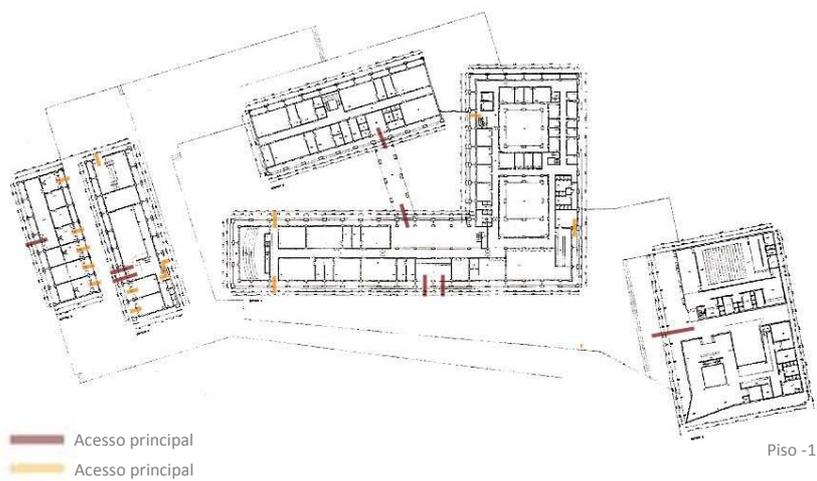


Figura 31 - Edifício para o Pólo da Mitra, esquema de acessos ao edifício, escala 1:2000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

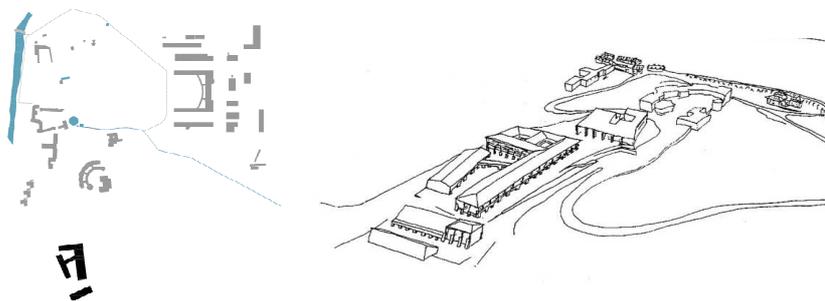


Figura 32- Edifício para o Pólo da Mitra, Herdade da Mitra, esquema de implantação (esquema da autora)

Figura 33- Edifício para o Pólo da Mitra, esboço por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre papel, n/ass., sem data (fonte: Arquivo Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana - IHRU).

O arquitecto projecta ainda dois outros pátios, onde se destaca o rigor, o ritmo e a ordem, remetendo-nos para o Convento adjacente e asseguram desta forma a iluminação dos departamentos e salas de trabalho.

#### **. Relação interior – exterior**

A relação entre o interior e o exterior do edifício é constante e diversificada. Visualmente, esta é estabelecida quer nos espaços lectivos e administrativos, quer nos espaços de circulação. Embora a relação com o exterior seja mais franca e directa nos espaços lectivos, nas zonas de circulação e distribuição a envolvente surge em vários momentos do percurso, de forma imprevista, enquadrada pelos pórticos e vislumbrada por entre os volumes ou através das grelhas de betão.

O programa, e as inúmeras restrições e exigências funcionais dos laboratórios (onde a relação com a luz e com o exterior deverá ser bastante controlada) não permitem um prolongamento das actividades ao exterior, restringido a relação física entre o interior e o exterior.

#### **. “O espaço habitável entre as coisas”**

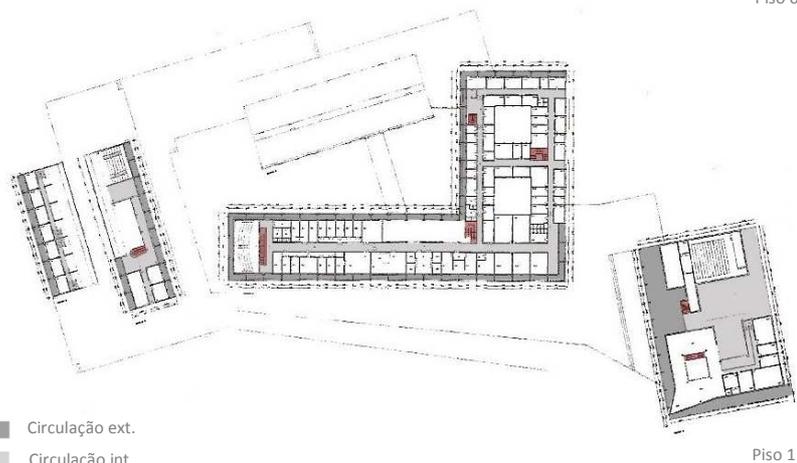
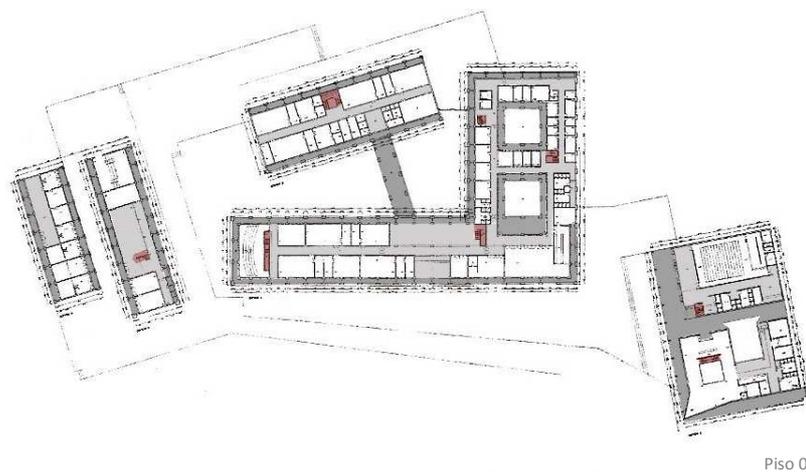
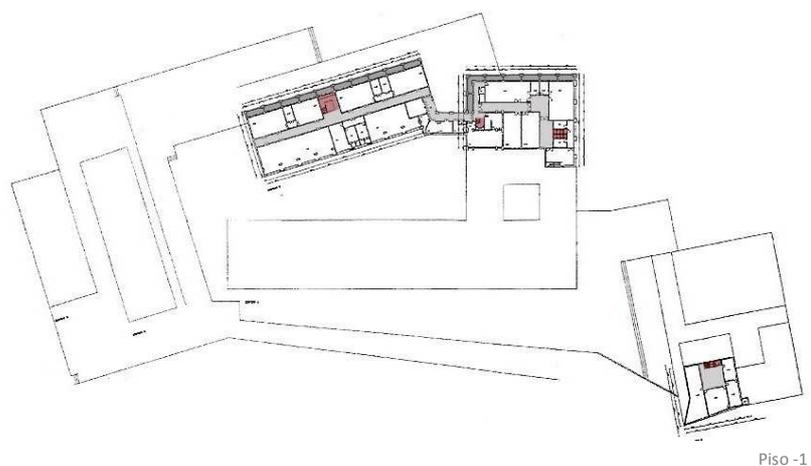
Os alunos apenas se deslocam ao edifício para assistirem às aulas e restantes actividades lectivas. Nas pausas entre estas deslocam-se ao “Edifício do Anel”, onde se encontram instalados os principais serviços e espaços de utilização comum. Embora o tempo de permanência no edifício não estimule a apropriação dos espaços pelos utilizadores e não proporcione condições para usos diferenciados, as galerias e o átrio principal são frequentemente usados como espaços expositivos.

#### **. A luz**

No projecto para o Pólo da Mitra a iluminação é um dos elementos mais trabalhados. A luz caracteriza e diferencia os diferentes espaços: nas galerias de circulação a ténue luz que chega ao interior, através de controladas aberturas zenitais, dramatiza o espaço e revela as formas; no átrio principal, semi-exterior, a malha apertada das grelhas de betão filtram a luz e originam jogos de luz/sombra; por sua vez, nos espaços lectivos e administrativos a luz invade o espaço a partir dos vãos que rasgam a fachada.

#### **. A fachada/pele**

A fachada, marcada pela horizontalidade dos vãos, é precedida por uma *loggia* de pé direito duplo que, como uma segunda pele, envolve o edifício e ampara as circulações e vivências. A *loggia*, criada a partir da repetição de um sistema de pórticos, apresenta porém, pequenas variações resultantes da adaptação às diferentes orientações. A fachada Sul e Nascente do corpo A, são precedidas por grelhas de betão, que filtram a luz para o átrio e asseguram o sombreamento dos vãos (Figueiredo 1996).



- Circulação ext.
- Circulação int.
- Acessos verticais

Figura 34 - Edifício para o Pólo da Mitra, esquema de circulação, escala 1:2000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

## **2.2.2. Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha, 1992-1998**

### **. Contexto**

O edifício do Instituto Politécnico de Leiria localiza-se na periferia do centro urbano das Caldas da Rainha, na clareira de um extenso pinhal.

Do programa inicial constavam instalações lectivas (salas de aula e ateliers de pintura, escultura e desenho), biblioteca, sala de exposições, secretariado, um núcleo de gabinetes para docentes e serviços complementares de apoio, constituídos por refeitório, bares e serviços sociais (Figueiredo 1998).

Pretendia-se que o edifício pré-existente, o antigo Hospital de Santo Isidro, cujo projecto original é da autoria do arq. Rodrigo Berquó (1893) e que se encontrava em ruína, fosse recuperado para albergar a expansão do programa da Escola Superior de Artes e Design.

Vítor Figueiredo projecta dois longos corpos, cuja horizontalidade se contrapõe a verticalidade do pinhal adjacente. O primeiro corpo constitui um paralelepípedo, pousado sobre o terreno, enquanto o segundo desenvolve-se através de uma suave curva, assente no terreno a Nascente e, no extremo oposto, apoiado sobre espessos pilares, que suspendem o volume e o projectam sobre o pinhal. Os dois núcleos interligam-se por uma passadeira coberta, ao nível do piso térreo, e por uma passagem aérea, encerrada ao nível do piso superior. Segundo Vítor Figueiredo (1998), os gestos que definem o projecto procuraram a qualificação daquele lugar mais do que a construção de um “sítio”.

### **. Espaço exterior**

A proximidade entre os dois volumes projectados por Vítor Figueiredo e o hospital pré-existente delimita um terreiro contido, que constitui o principal espaço exterior da ESAD (Figueiredo 1998). Destacam-se porém três outros espaços exteriores de menores dimensões e caracteres distintos: a passadeira coberta que liga os volumes ao nível do piso térreo, o vazio criado a Poente pela projecção horizontal do corpo curvo e um pátio de serviço, no topo nascente do corpo B).

### **.Relação interior – exterior**

A relação entre o interior e o exterior é constante ao longo de todo o percurso, sobretudo visualmente.

Os tradicionais panos de betão ou alvenaria dão lugar ao vidro, permitindo uma grande transparência e reforçando a relação entre o interior e o exterior. Os vãos marcadamente horizontais, delimitados pela estrutura de betão, surgem nas salas de aula, ateliers, salas de exposição, gabinetes, espaços de estar comuns ou galerias de circulação, indistintamente.

Por sua vez, a relação física e a permeabilidade entre o interior e o exterior do edifício é reforçada através dos acessos independentes aos vários ateliers (localizados no piso térreo do volume recto) a partir do terreiro, que possibilitam o prolongamento das actividades para o exterior, sempre que as condições

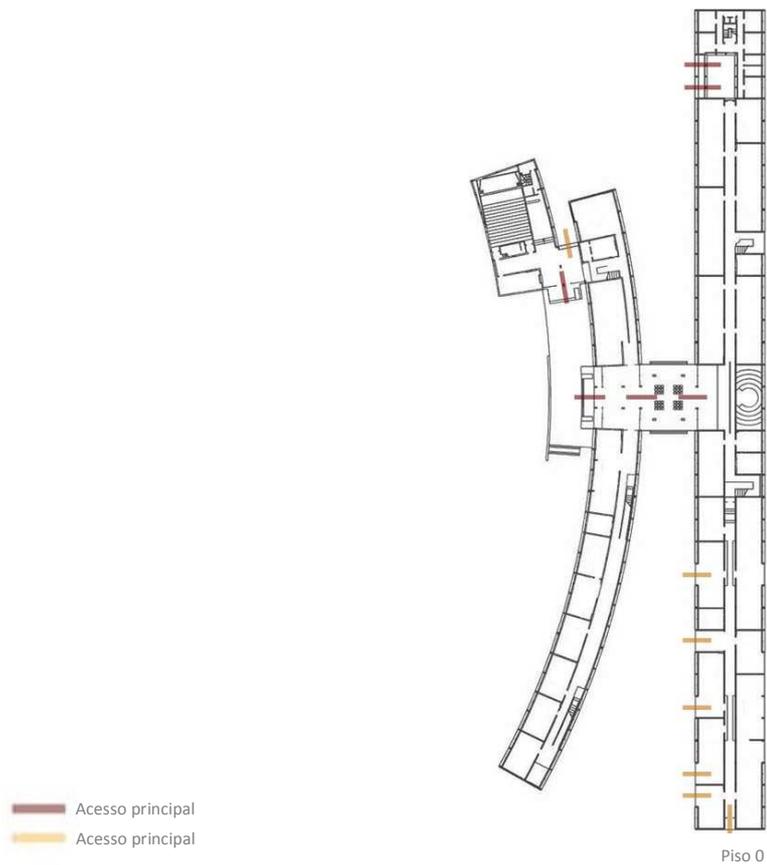


Figura 35 - Escola Superior de Artes e Design, esquema de acessos ao edifício, escala 1:1000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

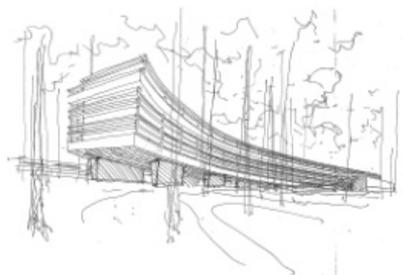


Figura 36 - Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha, esquema de implantação (esquema da autora)

Figura 37 - Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha, Esquizzo por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre vegetal, sem data, (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

climatológicas o permitam, e a abertura à Escola das actividades a decorrer. Também a passadeira coberta que assegura a ligação à cota térrea entre os volumes e se assume como principal espaço de transição entre o interior e o exterior, convida ao prolongamento das vivências ao exterior e constitui um importante espaço de socialização, funcionando como uma sala de estar comum.

#### **. “O espaço habitável entre as coisas”**

As galerias de circulação, os átrios e até o terreiro são apropriados pelos utilizadores e permanentemente habitados. O programa, a escala das portas de acesso às salas e ateliers ou a generosa dimensão das galerias (sobretudo do corpo curvo) permitem que estes funcionem como grandes salas comuns e convidem ao prolongamento das actividades desenvolvidas. É frequente que estes espaços funcionem como espaços expositivos, onde são apresentados trabalhos desenvolvidos por alunos e docentes, ou como espaços de trabalho alternativos às convencionais salas, onde se pratica pintura, escultura, dança ou teatro.

A estrutura do edifício cria igualmente condições para usos indiferenciados, desempenhando sob condições mutáveis, a função de bancos ou servindo para arrumar trabalhos e material.

No exterior, o vazio criado pela projecção do volume curvo sobre o pinhal é ocasionalmente utilizado após o horário lectivo para actividades académicas e de recreio.

#### **. A luz**

No projecto para as Caldas da Rainha uma luz sólida, que penetra por entre os inúmeros vãos da fachada, invade indistintamente todos os espaços. Há excepção das aberturas zenitais que iluminam as galerias que asseguram o acesso aos ateliers (localizados no piso térreo do corpo recto), a iluminação é por norma tratada de forma semelhante em todos os espaços, independentemente do uso.

#### **. A fachada/pele**

Na Escola Superior de Arte e Design os panos de parede construídos por longas faixas de cor branca (abaixo da altura do peito) e envidraçados na área superior (acima do peito) são alternados com dois envidraçados a toda a altura do vão, duplicando desta forma a escala da sua pele (Fernandes 2000).

Embora hoje não seja tão evidente, devido à diminuição da área do pinhal nos últimos anos, o arquitecto terá pretendido que o pinhal constitui-se a “pele” do edifício (Figueiredo 1998).

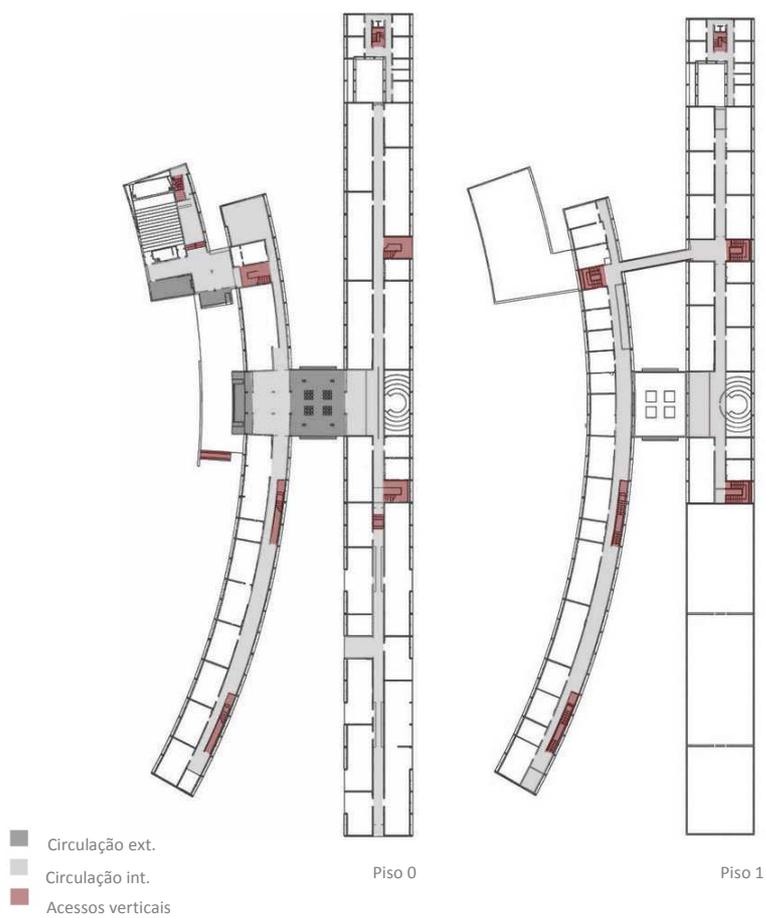


Figura 38 - Escola Superior de Artes e Design, esquema de acessos, escala 1:1000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

### **2.2.3. Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, Aveiro, 1995-2000**

#### **. Contextualização**

O *Campus* Universitário de Santiago (1988), em Aveiro, coordenado por Nuno Portas no quadro do CEFAUP (Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto) acolhe o Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, o último edifício projectado por Vítor Figueiredo para o ensino superior, terminado quatro anos após a conclusão do projecto para a Herdade da Mitra. Esta é uma das últimas construções deste *campus*, onde vários arquitectos nacionais foram convidados a intervir.

Ao contrário dos dois primeiros projectos, que se destinavam a acolher áreas específicas, o edifício destinava-se a receber os alunos dos dois primeiros anos de frequência universitária de todos os cursos leccionados, e por isso o seu programa é bastante mais genérico. O programa consiste em três anfiteatros, bar/convívio, secretária, salas de aulas teóricas e salas de estudo, gabinetes de professores, centro de documentação e laboratórios de física e química.

Vítor Figueiredo projecta um edifício que altera a implantação prevista no plano do *campus*, assumindo na sua volumetria a situação de remate que representa no desenho do *campus*, na tentativa de se tornar um elemento significativo e ordenador do espaço urbano, e assumindo a relação de tensão e proximidade com o depósito de água, projectado por Álvaro Siza (Figueiredo 2000). O edifício deve assim a sua forma ao desenho da circulação automóvel e aos edifícios contíguos, respeitando o princípio de ortogonalidade e adequando-se a estes. A valorização do espaço comum terá também constituído uma das premissas do projecto, através da continuidade e remate da pérgula que configura o U do *campus* e que agora é continuada na cota térrea do edifício.

#### **. Espaço exterior**

A grande alameda, espaço central do *Campus* de Santiago, terá sido assumida como o principal espaço exterior do edifício. Embora no segundo piso tenha sido projectado um pátio, o acesso ao mesmo é restrito, o que conduz a que este não seja encarado pelos alunos como um espaço exterior de utilização comum e que seja utilizado apenas esporadicamente.

#### **.Relação interior – exterior**

Em oposição ao ESAD, a relação entre o interior e o exterior do edifício é reduzida e controlada, física e visualmente. Vítor Figueiredo terá por sua vez privilegiado as vivências interiores, sobretudo nos espaços de circulação e distribuição, o que se denuncia na escala do átrio (pouco habitual neste programa).

A relação visual com o exterior nas áreas de recepção e durante o percurso é quase inexistente, tendo sido porém privilegiada nos espaços lectivos e administrativos.

#### **. “O espaço habitável entre as coisas”**

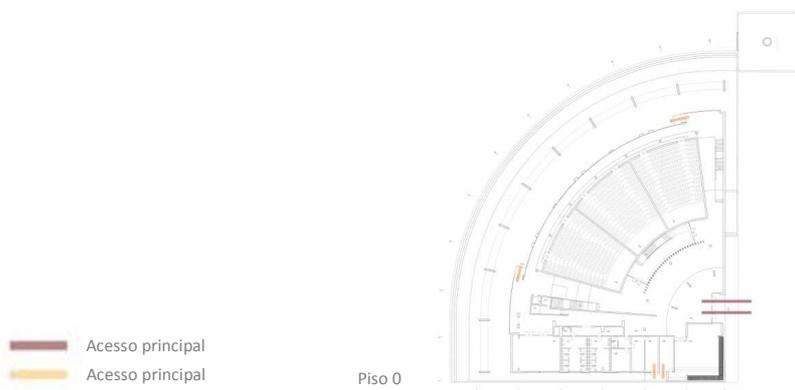


Figura 39 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquema de acessos, escala 1:1000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)



Figura 40 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquema de espaços exteriores, sem escala (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

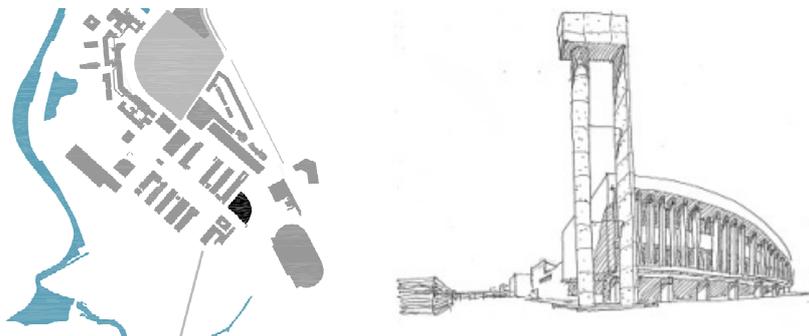


Figura 41 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquema de implantação (esquema da autora)

Figura 42 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquiço por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre vegetal, n/ass., sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

Vítor Figueiredo (2000) considerava que os espaços de circulação e distribuição eram tão ou mais importantes que os espaços lectivos e que estes deveriam constituir o palco da vida estudantil. Da mesma forma, também em Aveiro o arquitecto procura projectar mais que simples espaços funcionais, convidando e possibilitando o estar e a apropriação por parte dos utilizadores.

As escadas que asseguram os acessos verticais entre pisos, os patamares entre estes e que os antecedem, ou as suas “guardas”, são desenhadas para que desempenhem diversos papéis, permitindo a referida apropriação pelos utilizadores, que frequentemente também os utilizam como bancos ou mesas de estudo. Também os degraus e outras saliências oferecem oportunidades de apropriação temporária, criando em simultâneo as circunstâncias para o contacto e convívio entre estudantes.

#### **. A luz**

Em Aveiro, o estudo da luz e do seu uso como elemento caracterizador do espaço, também se estende à luz artificial.

Através do recurso à iluminação zenital, também trabalhada nos projectos para a Universidade de Évora e para o Instituto Politécnico de Leiria (embora de forma mais controlada), o arquitecto ilumina o átrio de recepção e as galerias de circulação do segundo piso. De outro modo, a luz controlada pelas lâminas verticais de betão, que revestem a fachada Nascente-Sul, ilumina as galerias de acesso aos anfiteatros, departamentos e salas de estudo, criando jogos de luz-sombra.

Esta é por norma uma luz difusa, nos espaços de circulação e distribuição, enquanto nas salas de aula chega ao interior de forma mais directa e em maior quantidade, oferecendo aos alunos as condições necessárias para o correcto desenvolvimento das actividades lectivas.

A luz artificial é dissimulada através da sucessão de vários planos, através dos quais Vítor Figueiredo também explora a profundidade do espaço.

#### **. A fachada/pele**

A fachada Nascente-Sul do Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico é precedida por lâminas verticais de betão pré-fabricado que percorrem a longa fachada curva, dispostas segundo uma pauta musical e uma ordem matemática (Figueiredo 2000). As restantes fachadas do edifício são porém bastante distintas desta, assim como, do princípio de pele explorado nos projectos anteriores.

As fachadas Norte e Poente do edifício, obedecendo às directrizes do Plano do *Campus*, são parcialmente revestidas a tijolo e também a sua fenestração se aproxima da escala e da tipologia dos edifícios contíguos. Na fachada Poente, um volume em betão, regularizado e pintado, estabelece a relação com o reservatório de água.

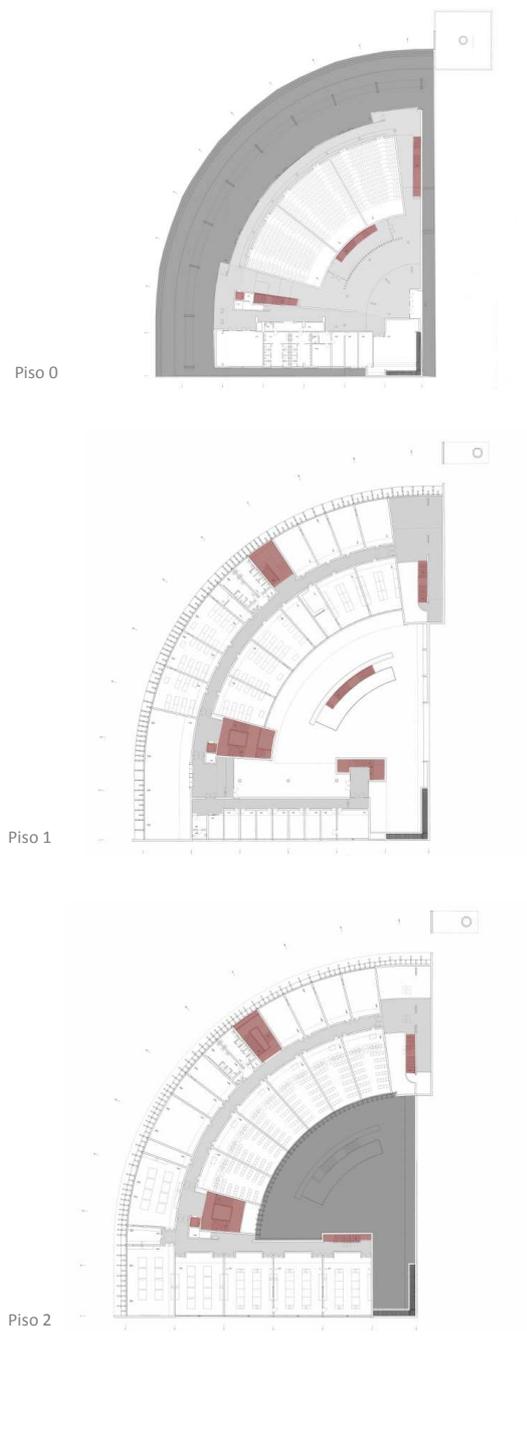


Figura 43 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquema de circulação, escala 1:1000 (tratamento gráfico da autora sobre desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

## 2.2.4. A arquitectura dos edifícios – análise comparativa

Edifício para o Pólo da Mitra | Escola Superior de arte e Design | Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico

Os projectos resultam do modo muito próprio de interrogar os lugares, o contexto e a envolvente, o que conduz a que não exista um estilo formalmente reconhecível, mas sim o aprofundar de uma investigação. Para Vítor Figueiredo (1996), cada projecto deve ser bem mais do que um simples volume pousado sobre um terreno, cada lugar tem características e carências, que só poderão conduzir a respostas e propostas distintas. Apesar de todas as diferenças, existem porém elementos, princípios e modos de fazer que foram utilizados e aprofundados nos três projectos.

### . Contexto

Os locais não poderiam ser mais distintos: a planície alentejana, um extenso pinhal e o *Campus* de Santiago da Universidade de Aveiro.

O remate de uma alameda, a vontade de pertencer a envolvente e integrar o pinhal, e o gesto de por a descoberto o carácter do lugar e as suas memórias, constituem o mote das implantações propostas.

### . Espaço exterior

O terreiro, principal espaço exterior dos dois primeiros edifícios projectados por Vítor Figueiredo para o ensino superior, que na Herdade da Mitra, para além da relação com a topografia, resulta da compreensão do tempo e da história do lugar, nas Caldas da Rainha apresenta-se de forma menos sensível ao terreno. No ESAD o gesto é mais regrado e rigoroso, contudo, tal como no Pólo da Mitra, é sentida a mesma tensão provocada pela relação e proximidade entre os corpos, que criam um espaço contido, mas não fechado sobre si próprio, e atento à envolvente. Em ambos os projectos, o terreiro constitui o elemento de ligação entre os volumes, áreas funcionais e, tal como Herman Hertzberger (1991) defende, sobretudo na Escola Superior de Arte e Design, funciona como espaço onde ocasionalmente decorrem actividades educativas e onde as relações pessoais podem ser estabelecidas.

Esta importância dada ao espaço exterior (enquanto espaço de prolongamento das actividades e vivências) em Aveiro, embora exista um pátio interior, revela-se na importância dada à pérgula que percorre o espaço central do *campus*, na definição do projecto e na dimensão invulgar dos espaços de recepção e circulação.

### . Relação interior – exterior

A relação entre o interior e o exterior dos edifícios é encarada por Vítor Figueiredo de formas distintas nos três projectos.

No edifício para o Pólo da Mitra e na Escola Superior de Arte e Design embora a envolvente, pouco edificada, convide à abertura dos edifícios ao exterior, as distintas exigências programáticas conduziram a diferentes relações, físicas e visuais, entre o interior e o exterior.



Figura 44- Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, alçado Nascente-Sul (foto da autora, 2009)



Figura 45 - Escola Superior de Artes e Design, vista a partir do pinhal (foto da autora, 2009)

No Pólo da Mitra, embora as exigências funcionais dos laboratórios imponham uma relação controlada com o exterior, nas zonas de circulação e recepção a envolvente surge em vários momentos do percurso de forma imprevista. A relação física estabelecida com o exterior é, contudo, bastante reduzida e limitada, inclusive com o terreiro.

Inversamente, no edifício para o Instituto Politécnico de Leiria, a relação visual, para além de permanente é bastante directa e franca, e menos subtil que no edifício anteriormente referido. O espaço exterior, nomeadamente o terreiro, é encarado como um prolongamento do interior, funcionando não apenas como um elemento de ligação entre os dois corpos mas como um elemento integrante do edifício, onde são continuadas as suas vivências e a aprendizagem.

O edifício do Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, através de uma reduzida ligação física e visual com o exterior, volta-se para o interior e para as suas vivências, sobretudo nos espaços de circulação e recepção e constitui assim a excepção quanto aos primeiros edifícios projectados por Vítor Figueiredo para o ensino superior, cuja relação entre o interior e o exterior é mais franca.

#### **. “O espaço habitável entre as coisas”**

No interior dos três edifícios uma sucessão de galerias, que servem ambas as alas, asseguram os acessos horizontais e apoiam a distribuição funcional. Apesar de aparentemente banais, estes estabelecem porém percursos surpreendentes e imprevistos: duplicando os pés-direitos, enquadrando a envolvente ou fazendo surgir grandes “vazios” e pátios que ritmam os percursos (Fernandes 2005).

As zonas de circulação e distribuição, são bem mais que simples áreas de passagem, constituem a essência pública do edifício, que tudo contamina e em que tudo flui. O tratamento da luz no átrio e nas galerias de circulação do edifício para o Pólo da Mitra, a dimensão do átrio do Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico ou das galerias da Escola Superior de Arte e Design, torna-os espaços de vivência e prolongamento das actividades, espaços onde apetece estar e que constroem e ritmam os percursos, onde não há lugar para o monótono e previsível.

Assim, nos três projectos, e tal como Hertzberger (1991) defende, o arquitecto procura que estes não sejam apenas espaços funcionais, mas antes que sejam apropriados pelos utilizadores e se transformem em espaços repletos de vida, de movimento, espaços do “acontecer”, tal como os espaços exteriores, e tão importantes como os espaços educacionais.

Vítor Figueiredo (1996:2) demonstra desta forma que, tal como defende, “Um edifício para o ensino deve ser mais do que um contentor de salas de aula possibilitando o estar e nunca o ser, deve ser um sítio de alegria, mais do que arquitectónicamente o último grito da moda.”

#### **. A luz**

A luz natural e o desejo da sua optimização, que em Aveiro também se estende à luz artificial, não é exclusivo do programa universitário na obra de Vítor Figueiredo, embora nos três projectos esta seja muito



Figura 46 - Edifício para o Pólo da Mitra, acesso aos laboratórios, corpo A (foto da autora, 2009)



Figura 47 - Edifício para o Pólo da Mitra, Átrio (foto da autora, 2009)



Figura 48- Escola Superior de Artes e Design, acesso aos ateliers, corpo B (foto da autora, 2009)



Figura 49- Escola Superior de Artes e Design, acesso aos gabinetes, corpo A (foto da autora, 2009)



Figura 50 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, átrio principal (foto da autora, 2009)



Figura 51 - Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, acesso (foto da autora, 2009)

estudada e trabalhada. O estudo das possibilidades da luz, na caracterização e valorização do espaço, foi igualmente muito trabalhado em projecto como o da Capela de Albergaria dos Fusos, em Cuba (1991).

Esta dramatiza as galerias de distribuição, dos três edifícios e o grande átrio do Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, através de controladas aberturas zenitais que a conduzem para que desça através das paredes e, subtilmente, atravessa por entre a pele/fachada, reflectindo-se no branco omnipresente e invadindo o espaço.

Todos os outros elementos existem e são desenhados para a ampliar e elogiar, o pavimento que a reflecte, prolonga e projecta, o branco das paredes... tudo funciona como um todo. Segundo João Belo Rodeia (2001: 74) esta é igualmente " (...) uma luz construtora de obscuridades, como é próprio de um amante de cinema e da vida quotidiana."

Vítor Figueiredo terá reconhecido a importância da luz e da forma como esta chega ao interior, na aprendizagem e na caracterização de todos os espaços (e não apenas dos convencionais espaços lectivos).

Como defendido por Hertzberger (1991) e Dudek (2000), nas zonas comuns e de circulação o arquitecto recorre à iluminação zenital, enquanto nos espaços lectivos privilegia a iluminação horizontal.

#### **. A fachada/pele**

Associados à luz, e aos resultados estéticos que esta pode facultar, surge a forma e a importância dada a fachada, que não se limita a face externa dos edifícios, sendo bem mais do que o pano que separa o interior do exterior. A fachada ganha a dimensão de uma pele, que envolve e protege o edifício, aconchegando as vivências e em simultâneo filtra e controla a luz que chega ao interior.

No edifício para a Universidade de Évora a pele constrói-se através das grelhas que filtram a luz e da sucessão de planos, que partem da arcada, aproximando-se do interior.

No ESAD, embora hoje não seja tão perceptível, visto que a área do pinhal foi substancialmente reduzida nos últimos anos, o arquitecto destaca a estrutura, desenha o "esqueleto", e ambiciona que o pinhal desempenhe a função de pele (Figueiredo 1998). Na fachada, os panos opacos de betão dão lugar ao vidro possibilitando uma intensa e constante relação com o pinhal.

Na fachada Nascente-Sul, do Complexo Pedagógico Científico e Tecnológico de Aveiro, a pele constrói-se através da "musicalidade" de duplas lâminas de betão pré-fabricado.

Nas fachadas, destaca-se ainda o recurso à repetição modulada de aberturas a que o arquitecto recorre, na Mitra e no ESAD marcadas por uma extrema horizontalidade e no *Campus* de Santiago pela verticalidade imposta pelas lâminas verticais.

Constata-se ainda que, ao contrário de algumas experiências realizadas por arquitectos contemporâneo em que, segundo Pedro Mendonça (2005), a "pele" é tendencialmente de um material distinto do material da estrutura, na Mitra e em Aveiro, embora a "pele" não desempenhe funções estruturais em nenhum dos edifícios, e de as ligações à estrutura serem apenas pontuais, esta é constituída pelo mesmo material que as fachadas dos edifícios.

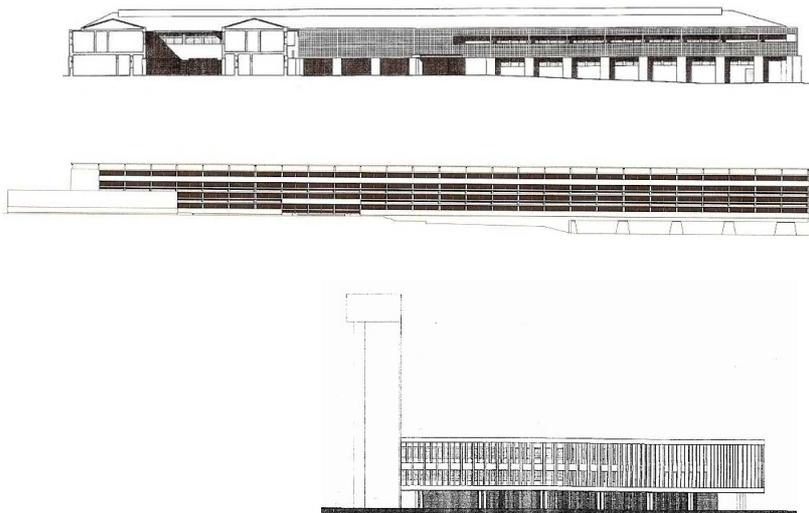


Figura 52- Edifício para o Pólo da Mitra, alçado Poente, corpo A, 1996 (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

Figura 53- Escola Superior de Artes e Design, alçado Norte, corpo A, 1998 (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

Figura 54- Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, alçado Nascente-Sul, 2000 (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

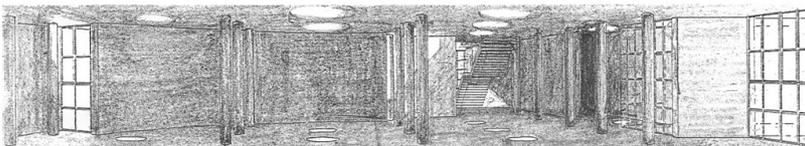


Figura 55- Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico, esquiço por atelier Vítor Figueiredo, grafite sobre papel, n/ass., sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

Da análise constata-se, que entre os elementos onde se presente continuidade destacam-se: a luz e a fachada/pele. No entanto, verifica-se ainda, quanto aos restantes critérios analisados que, embora não constituam pontos comuns aos três projectos, surgem pelo menos em dois dos edifícios. Foi ainda possível reconhecer que, o edifício para o Pólo da Mitra e a Escola Superior de Arte e Design, são os edifícios que apresentam mais aspectos comuns entre si.

Desta forma, no Pólo da Mitra, enquanto primeiro projecto para o ensino superior na sua obra, o arquitecto lança alguns dos princípios que serão trabalhados e aprofundados nos dois projectos seguintes, atingindo em Aveiro um grande apuramento.



### 3. EDIFÍCIO PARA O PÓLO DA MITRA, VÍTOR FIGUEIREDO, 1991-1996

De seguida apresenta-se uma leitura mais focalizada sobre aspectos considerados fundamentais para a leitura arquitectónica do edifício, conduzida a partir das fases de concurso, projecto, obra e utilização.

#### 3.1. A encomenda

##### **Contextualização**

Segundo a documentação referente ao Concurso Público (Universidade de Évora 1991), pretendia-se com a construção de novas instalações responder às crescentes exigências e necessidades, nomeadamente à carência de espaços para ensino e investigação, e assim permitir uma utilização mais correcta das instalações existentes. Desta forma, ambicionava-se que o novo edifício apoia-se as actividades desenvolvidas nos restantes edifícios que integram o Pólo da Mitra e assegura-se a qualidade do ensino e investigação em domínios ligados à produção agrícola, à produção animal e ao aproveitamento dos recursos naturais biológicos.

Segundo Jorge Cruz Pinto (2009), o facto de Vítor Figueiredo ter realizado o programa preliminar para o concurso público, a convite da Universidade de Évora, terá impulsionado a participação do arquitecto no concurso para o edifício para o Pólo da Mitra.

Para além de Vítor Figueiredo também colaboraram no projecto Teresa Almeida, Isabel Martins, Rui Marrafa, Rui Leão, José Neves e Jorge Cruz Pinto.

O atelier de Vítor Figueiredo ganhou o primeiro lugar no Concurso Público, onde não houve 2º lugar.

##### **O lugar**

Alentejo (2)

A lua que te ilumina,  
Terra da cor dos olhos de quem olha!  
A paz que se adivinha  
Na tua solidão  
Que nenhuma mesquinha  
Condição  
Pode compreender e povoar!  
O mistério da tua imensidão  
Onde o tempo caminha  
Sem chegar!...

Miguel Torga, 1974, in “Antologia Poética”



Figura 56- Edifício para o Pólo da Mitra, Herdade da Mitra, ortofotomapa (tratamento gráfico da autora sobre ortofotomapa; fonte: Câmara Municipal de Évora, 2004)

Na planície, suavemente ondulada da Herdade da Mitra, o olhar facilmente se perde na linha do horizonte. Na envolvente, o verde, dos sobreiros e das azinheiras, contrasta com os tons ocre da terra, numa paisagem aparentemente igual a tantas outras pelo Alentejo fora.

### **Programa**

O programa a concurso (Universidade de Évora 1991) solicitava a construção de dois anfiteatros para aulas (capacidade para 270 alunos), salas de trabalho e de estudo para alunos, laboratórios de ensino e investigação e instalações anexas a estes (prevendo-se que as aulas de carácter mais geral passariam a funcionar apenas no “Edifício do Anel”, projectado por Manuel Tainha), uma biblioteca/centro de documentação/videoteca, uma reprografia, um auditório, um centro de informática, uma cafetaria/bar e vários gabinetes para docentes e secretariado.

### **Premissas**

O Concurso Público não apresentava limites rígidos no que respeita à implantação, localização, volumetrias ou acessos, sendo esta uma opção dos projectistas. Era porém imposto que o novo edifício constituí-se uma situação “impositiva mas isolada na paisagem”, e se implanta-se numa situação de festo, tal como proposto por Manuel Tainha, para o edifício da Escola de Regentes Agrícolas (Universidade de Évora 1991: 3). O documento referia ainda que, preferencialmente, o edifício se deveria localizar na área adjacente a sul do “Edifício do Anel”. Esta opção prende-se com o facto de na altura já estar prevista a reconversão deste edifício para aulas teóricas e, desta forma, evitar-se-ia a dispersão e a distância aos restantes espaços lectivos.

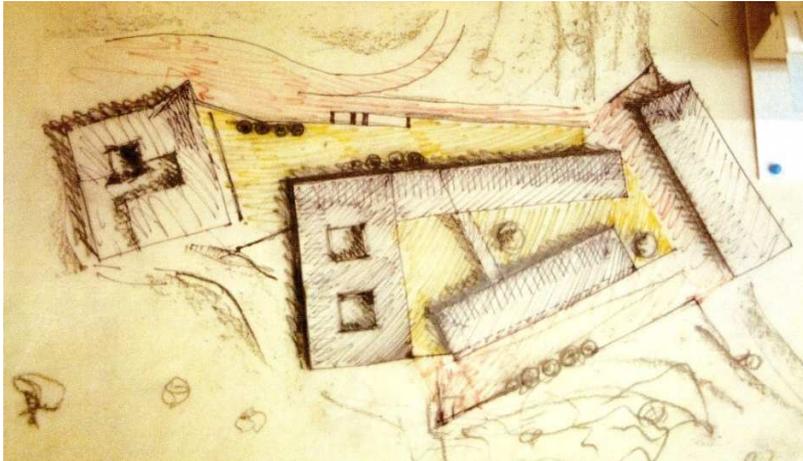


Figura 57 - Fotografia de um esboço por atelier Vítor Figueiredo, n/ass., sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)



Figura 58 - Maquete da proposta por atelier Vítor Figueiredo, n/ass., sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)



Figura 59 - Maquete da proposta por atelier Vítor Figueiredo, n/ass., esc. 1:100, sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

## 3.2. Projecto

### A proposta

Segundo Vítor Figueiredo (1996a:3), a proposta apresenta uma organização no terreno cuja matriz se encontra “na memória dos Montes Alentejanos, nos seus terreiros e capacidade de crescer sem perder carácter “. Para além da implantação, também a localização revela a apreensão da arquitectura vernacular e da delicadeza dos Montes, ao se procurar uma situação de festo, no cimo de uma colina, para se pousar o edifício. Entendendo-se por Montes os aglomerados de construções baixas e brancas, de carácter habitacional e/ou agrícola, que povoam a planície alentejana, formando espaços irregulares e abertos entre si, o edifício proposto surge, desta forma, como uma variante moderna e em grande escala, do Monte (Antunes e Azevedo 1986).

A implantação, caracterizada por Tostões (2000) de “informal”, é bem mais que casual. A sua informalidade e ausência de intencionalidade é apenas aparente. Esta é claramente consequente, e revela grande conhecimento, aprendizagem e reinterpretação da arquitectura popular e das suas origens. Os Montes, enquanto conjuntos isolados, determinaram nos seus habitantes um forte sentido de defesa que se reflecte na sua arquitectura e implantação.

A escolha do local de implantação, no cimo de uma pequena colina é um dos primeiros manifestos, do sentido de defesa que lhes está inculcado. Geralmente muito distantes fisicamente entre si, estas construções ocupam, por norma, pequenos cabeços ou elevações do terreno que se destacam em relação a extensa planície, para que seja possível esse se torne mais fácil controlar a área adjacente e desta forma poderem “defender”. A necessidade de protecção ao vento é outra das razões origem de tais implantações.

Com uma relação com o local e uma presença no sítio graciosa e “natural”, o edifício segue a forma e declive do terreno. A sua implantação e organização dos volumes resultam dos naturais desalinhamentos e forma do terreno. Não existindo eixos nem simetrias, os volumes dispõem-se “apoiados” nas curvas de nível, formando um terreiro irregular que permite facilitar o contacto visual, a partir das diferentes dependências, sobre a totalidade da envolvente.

É igualmente possível constatar que também o projecto em análise, tal como todos as edifícios construídos no Pólo da Mitra, ocupa o topo de uma colina a sul da Herdade de Valverde e tal como estas, a se implanta na elevação mais próxima a sul da última construção. Verificou-se ainda o cuidado, por parte de Vítor Figueiredo, em implantar o edifício numa área pouco arborizada, não tornando desta forma necessário o abate de qualquer árvore.

Os volumes são paralelepípedos extremamente compactos e ortogonais e o programa (tendo sido cumprido o imposto em concurso) é distribuído por cinco volumes, que se organizam em dois núcleos. O núcleo

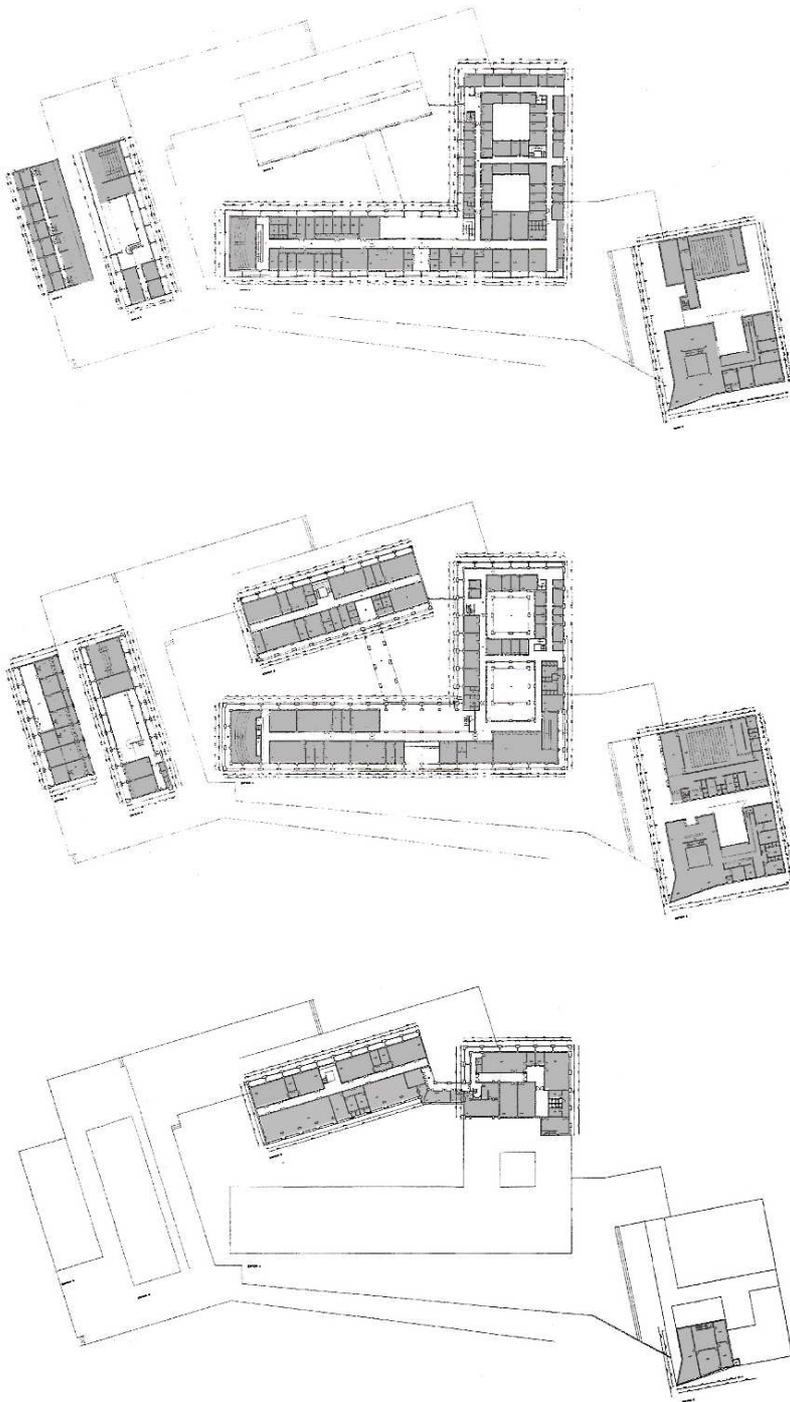


Figura 60 – Edifício para o Pólo da Mitra, plantas piso -1, 0 e 1, 1ª e 2ª fase de construção, escala 1:2000, 1996 (desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

principal, definido por quatro volumes, acolhe as salas de aula, os departamentos, o anfiteatro e os laboratórios para ensino e investigação. O segundo núcleo, localizado a poente, numa situação de charneira entre o primeiro núcleo e o “edifício do Anel”, alberga os espaços de uso comum (anfiteatro, biblioteca e centro de documentação).

Este, de acordo com o arquitecto (Figueiredo 1996), corresponde a um núcleo, aparentemente autónomo, que amplia a vivência do espaço exterior, para os restantes edifícios e, em simultâneo, pretende evitar que o primeiro núcleo seja lido como “acontecimento arquitectónico”. Embora tenha sido uma das premissas do concurso, não terá sido a intenção do arquitecto, projectar um edifício isolado na paisagem.

No primeiro núcleo, os volumes agrupam-se formando um “U” irregular (cujo lado fechado é maior que o lado aberto), num esquema próximo do claustal. Dois outros corpos são implantados, paralelamente, a alguns metros a poente do terreiro, prolongando-o, encerrando-o e construindo um momento cuja relação com a envolvente é mais franca e directa.

O terreiro, a passadeira coberta (que atravessa o terreiro e interliga dois dos volumes) e a *loggia*, que percorre as fachadas amparam os percursos entre os volumes. Através destes percursos exteriores, da proximidade entre os volumes e estabelecendo uma relação controlada entre estes, o arquitecto terá procurado estimular a circulação, obrigando a povoar o grande terreiro, conferindo-lhe sentido e evitando que este seja apenas um espaço inútil ou um vazio aniquilador.

Enquanto o acesso entre os vários edifícios é realizado a partir do exterior, através do terreiro, onde as *loggia* e a passadeira coberta indicam o percurso mas não o forçam, o sistema de distribuição interior é constituído por galerias que servem ambas as alas, minimizando as circulações, e que segundo Vítor Figueiredo (1996), constitui uma solução mais económica e que favorece o conforto térmico.

No interior, o átrio de recepção, com pé-direito duplo, oferece ao utilizador um conjunto de perspectivas que cruzam horizontal, vertical e obliquamente o espaço. A partir deste primeiro espaço de transição é realizada a distribuição vertical, o acesso horizontal às galerias que asseguram o acesso horizontais aos laboratórios e a distribuição aos restantes volumes.

As galerias de acesso são interrompidas por momentos imprevistos, marcados por situações de pés direitos duplos, pela manipulação da luz, pelo enquadramento da paisagem envolvente ou pelo surgimento de claustros/pátios. Constata-se ainda a existência de momentos rótula, que articulam as galerias de circulação e as áreas funcionais e marcam as mudanças de direcção, através dos referidos momentos isolados.

O controlo e a manipulação da luz domina todo o projecto e constitui um dos seus principais temas. A luz penetra por entre as apertadas grelhas, que a filtram, quer para o grande espaço de recepção, quer a partir da *loggia* para às distintas áreas funcionais e espaços de trabalho, protegendo os vãos e as actividades desenvolvidas da incidência de luz directa. Nas galerias revela-se, de forma tímida e dramatizada, a partir de

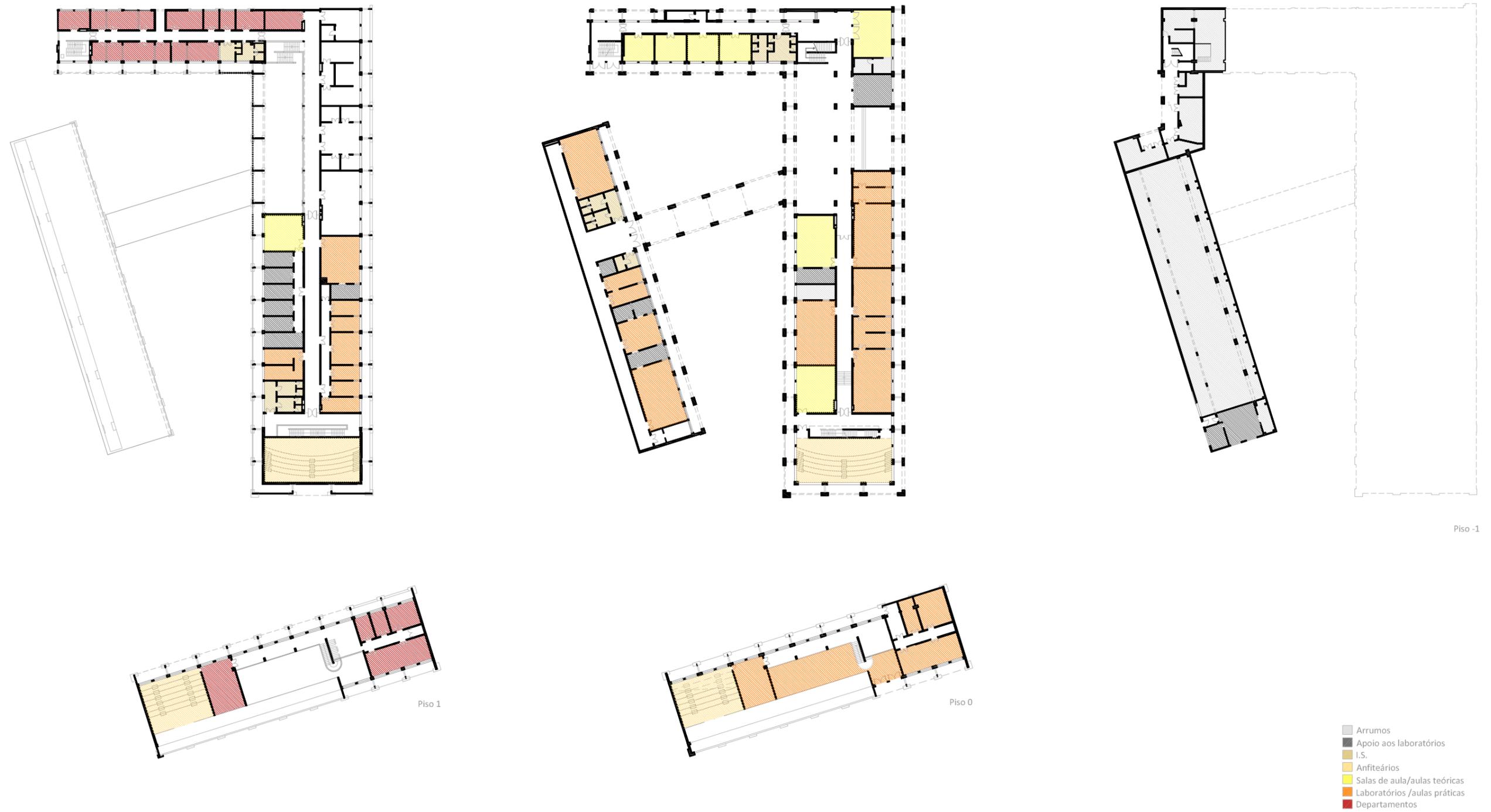


Figura 61 - Edifício para o Pólo da Mitra, esquema funcional, 1ª fase de construção, escala 1:1000, 1996 (desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)



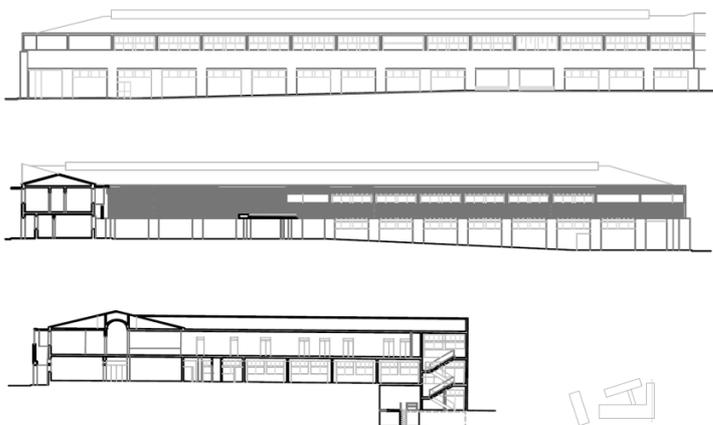


Figura 62 – Edifício para o Pólo da Mitra, corte e alçados Nascente e Poente do corpo A, 1ª fase de construção, escala 1:2000, 1996 (desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)



Figura 63 - Edifício para o Pólo da Mitra, vista sobre o corpo D a partir do terreiro (foto da autora, 2009)

controladas aberturas zenitais, que a conduzem para que esta se difunda homogeneamente pelo espaço e revele as suas formas. A relação com a envolvente é permanente e diversificada. São propostos espaços debruçados sobre a planície, que a enquadram e procuram interiorizar e, em contraponto, projectam-se dois claustros/pátios, espaços encerrados sobre si próprios, que enquadram o azul do céu e nos remetem para a introspecção exigida no Convento adjacente. Assim, a planície, de forma inesperada, surge nos vários momentos do percurso, enquadrada pelos pórticos, vislumbrada por entre os volumes ou através das transparências obtidas entre as grelhas de sombreamento.

O conjunto apresenta uma volumetria de dois pisos, à excepção do bloco de laboratório de apoio (corpo C) com apenas um piso à superfície, mas que excepcionalmente contém um segundo piso, de arrumos, em cave.

No exterior, o vazio do terreiro impõe-se à massa dos volumes que parece pousar sobre o terreno, moldando-se a este. A massa dos espessos pilares, que ritmadamente percorrem a *loggia*, propositadamente opostos aos cânones vigentes (Pinto 2004), evocando os contrafortes a que com frequência recorre a arquitectura vernácula e os conceitos de peso, massa e gravidade tão presentes na tradição da arquitectura do Alentejo. Os pilares, mais espessos que a estrutura que parece pousar sobre si, acentuam a gravidade e a relação com o território.

No exterior o conjunto é marcado pela sucessão dos vários planos, pelo ritmo dos pilares e pelas grelhas de sombreamento e pórticos, que percorrem todo o conjunto como se de uma pele se trata-se, envolvendo-o e protegendo-o. Este ritmo e este jogo de massas é, contudo, diferente em cada esquina, mas mantêm a mesma génese em todas as fachadas. Os limites dos pesados volumes diluem-se a partir da sucessão de planos que partem do exterior aproximando-se do interior e o arquitecto opõe, desta forma, a ideia de parede à de pele.

Tostões (2000:54) refere-se ao edifício para o Pólo da Mitra, considerado por si como uma das melhores pesquisas realizadas pela arquitectura portuguesa contemporânea, reforçando os aspectos que distinguem a obra no contexto nacional:

“A simplicidade da construção e as opções tomadas revelam uma austeridade conceptual, que se aproxima da sabedoria das formas primordiais (...) a forma levada a sua expressão mínima, o gesto calmo e sábio, a sensualidade dos espaços, revelam uma arquitectura erudita, concentrada em formas geométricas e desornamentadas, que se aproxima paradoxalmente de uma expressão anónima, porque autêntica e genuína.”

A austeridade conceptual identificada por Tostões, revela-se em vários projectos do arquitecto (nomeadamente nos projectos de habitação de custos controlado) não sendo exclusivo do projecto em análise. Na Mitra, esta revela-se na linha dura e recta com que são desenhados os vários volumes, na



Figura 64 - Edifício para o Pólo da Mitra, corpo C (foto da autora, 2009)



Figura 65- Edifício para o Pólo da Mitra, corpo A (foto da autora, 2009)

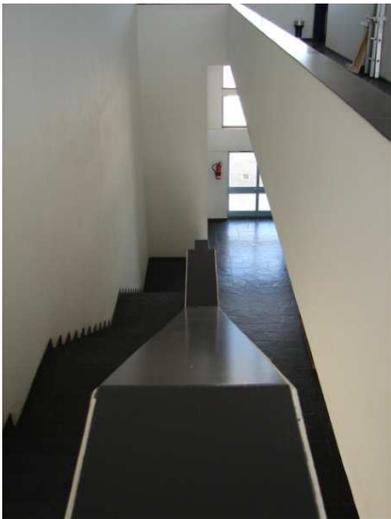


Figura 66 - Edifício para o Pólo da Mitra, acesso, corpo A (foto da autora, 2009)

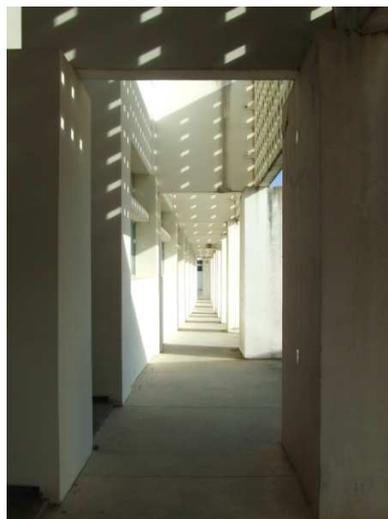


Figura 67 - Edifício para o Pólo da Mitra, *loggia*, corpo A (foto da autora, 2009)

regularidade dos mesmos e, sobretudo, no recurso a um número restrito de elementos e materiais, na aparente ausência de pormenores e ou na ausência do supérfluo.

Esta austeridade advém da forma como o arquitecto se posiciona perante a arquitectura e a cada projecto, nomeadamente, à prioridade que concede ao utilizador fase à fotografia perfeita, ao procurar soluções e espaços a pensar na vivência que estes poderão oferecer a quem os percorre. O gesto é de síntese e supressão e a procura de valores essenciais sobrepõem-se à estética, para que o edifício constitua o palco da vida estudantil e dignifique a vida através do processo, da obra e do sentir do outro.

É ainda importante clarificar, que a ausência de pormenores é apenas aparente, e que todos os elementos foram cuidadosamente pensados e desenhados.

Durante a fase de projecto a proposta apresentada a concurso terá sofrido as naturais alterações e ajustes, contudo, de pequena escala, tendo-se mantido a génese da proposta apresentada a concurso. Entre outras alterações: as áreas foram ajustadas, o piso -1 do corpo C foi redesenhado, os acessos verticais realocados e alguns destes acessos terão sido, segundo José Neves (2009), apenas definidos e desenhados após o início da construção (como a escada que estabelece a ligação entre o átrio e o primeiro piso do corpo A).

### **Materiais e o sistema construtivo**

Os materiais e o sistema construtivo são simples, correntes e tradicionais: estrutura de betão armado, paredes de alvenaria de tijolo, pavimentos interiores de xisto e brita no terreno.

Com excepção do núcleo da biblioteca e do auditório, cuja cobertura será plana, para o restante conjunto edificado foram projectadas coberturas inclinadas, cobertas a telha cerâmica, que pousam sobre lajes aligeiradas, por sua vez assentes em muretes de alvenaria de tijolo suportadas pela laje de esteira (Figueiredo 1996). As paredes são de alvenaria, dupla e com isolamento térmico na caixa-de-ar.

Segundo o arquitecto (Figueiredo 1996), os pórticos e grelhas de sombreamento apresentam apenas ligações pontuais à estrutura principal do edifício, de forma a assegurar a livre circulação de ar e a adequada protecção térmica.

Os acabamentos interiores são distintos consoante a utilização do espaço, porém genericamente são de reboco e pinturas e apenas os laboratórios apresentam acabamentos específicos.

As referências à arquitectura vernacular também se revelam na escolha dos materiais, e segundo José Neves (2009), pretendia-se a expressão da cal, o aspecto rude e irregular provocado pela sobreposição das várias camadas de tinta, no entanto, a escassa ou inexistente manutenção a que são sujeitas estas construções, levou à opção por um reboco no qual, após vários ensaios, se conseguiu o aspecto tosco e irregular



Figura 68 - Edifício para o Pólo da Mitra, loggia, alçado SUL do corpo A (foto da autora, 2009)

Figura 69 - Edifício para o Pólo da Mitra, pormenor das grelhas da fachada do alçado Sul do corpo A (foto da autora, 2009)



Figura 70 - Edifício para o Pólo da Mitra, átrio, corpo A (foto da autora, 2009)

Figura 71 - Edifício para o Pólo da Mitra, vista sobre ao átrio do corpo A, (foto da autora, 2009)

pretendido. A mesma referência pressente-se no recurso à brita, que reveste o terreiro, e que procura aproxima os movimentos dos utilizadores do “tempo” do edifício e do local (Figueiredo 1996).

O recurso a um número muito limitado de materiais e a técnicas correntes revelam uma extrema economia de meios, provavelmente resultando da sua experiência em habitação social. Neste projecto, como em tantos outros para o ensino superior, o orçamento limitado inevitavelmente terá restringido os sistemas e materiais de construção, no entanto, todos os elementos foram cuidadosamente pensados e desenhados (Neves 2009).

### **Referências**

Da arquitectura popular alentejana, ao formulário clássico, de Le Corbusier a Alvar Aalto, do informalismo de locais como Água de Peixes e Monte das Cortes, ao rigor do pequeno Convento de Bom Jesus de Valverde e do Colégio do Espírito Santo...as referências terão sido as mais díspares e variadas.

O edifício para o Pólo da Mitra, é um projecto singular e autóctone, por constituir uma excepção num período em que a arquitectura erudita se concentrava em formas geométricas e desornamentadas e as tradições e culturas populares se tornavam então indistintas e secundárias. A proposta distingue-se pela integração entre a tradição das formas geométricas e desornamentadas, da arquitectura moderna do século XX, e a clareza e justeza da forma, escala e desenho espacial herdados do passado e da arquitectura chã e popular que, no entanto, o arquitecto claramente âncora na cultura e nas necessidades do presente.

São inúmeras as referências e similitudes com a arquitectura tradicional, embora nem todas as referências sejam directas e muitas destas tenham sido reinterpretadas e introduzidas num contexto moderno, e lhes tenha sido dado uma nova função. É o caso das perfurações murárias, que em Água de Peixes como por todo o Alentejo, rematam os alçados ou os limites das propriedades e cuja plasticidade e expressão terá sido o mote para a composição dos alçados. Refiro-me a Água de Peixes, embora sejam inúmeras as referências à utilização das referidas perfurações na arquitectura popular Alentejana, quer em contexto rural como urbano, sendo que esta edificação, através de várias fotografias, constituiu uma referência durante o desenvolvimento do projecto. Da mesma forma, ainda que só tenha visitado os Montes, que tantas vezes ouvirá falar, após a conclusão do projecto para a Herdade da Mitra, fotografias, desenhos e fotografias aéreas de Montes, como o das Cortes ou das Aldeias (no concelho da Vidigueira), tiveram lugar nas paredes do atelier e constituíram uma referência para o projecto (Pinto 2009).

O edifício reflecte também, tal como a arquitectura popular do Alentejo, a influência directa do clima (quente e seco) sobre o Homem alentejano e sobre as suas construções, e o recurso à cor branca, que mais facilmente reflecte a radiação, é uma das influências e por sua vez contribui para a definição dos volumes e acentua o recorte dos vãos. O recurso a abóbadas de berço nas galerias de acesso aos laboratórios, os



Figura 72 – Água de Peixes, Alvito (foto da autora, 2008)

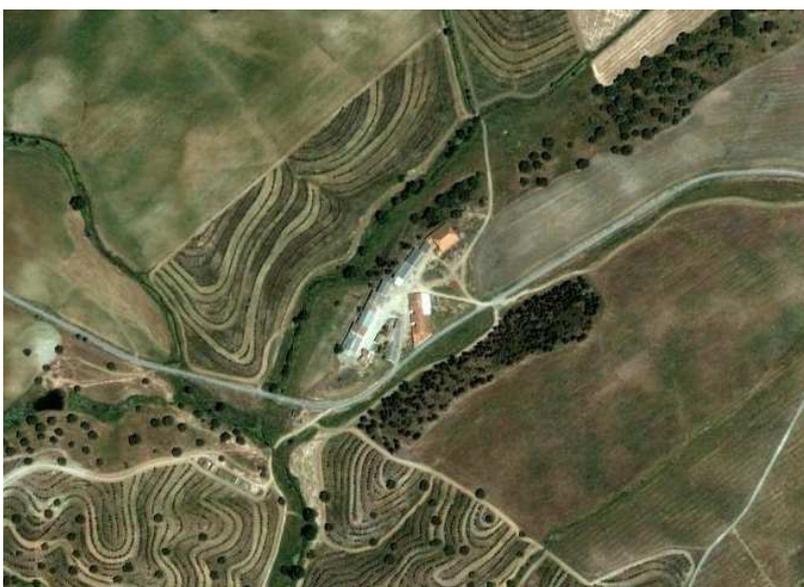


Figura 73 – Monte das Cortes de baixo, Vidigueira. Ortofotomapa, a 500m (fonte: GoogleHeart)

volumes compactos, o franco sentido de horizontalidade, as potentes massas volumétricas e estruturais, o uso de “lajões” de xisto nos pavimentos interiores ou o recurso aos telhados de duas águas cobertos a telha cerâmica, também podem ser enumerados, como alguns dos elementos que nos remetem para a tradição arquitectónica da região.

O arquitecto recupera ainda conceitos como o de sombra e fresco, fundamentais no Alentejo, onde se registam grandes amplitudes térmicas, e a importância dos espaços de transição, nomeadamente entre interior e exterior, e de que é exemplo o átrio de recepção do corpo A. A influência da arquitectura vernácula, revela-se também na implantação, na localização e na relação com o território, pelas razões já mencionadas anteriormente.

Vítor Figueiredo refere (1996a), que também foi pretendido e procurado o diálogo com as pré-existências e a referência (que não citação) àquilo que para si é válido na Mitra. O ritmo, rigor, proporção e interioridade do Convento de Bom Jesus de Valverde são assim facilmente reconhecíveis quer no terreiro e na *loggia*, que o delimita, quer nos pátios projectados. O mesmo se sucede em relação a edifícios como o Colégio do Espírito Santo, que o arquitecto terá percorrido várias vezes durante o projecto para a Herdade da Mitra, tentando perceber a proporção dos seus claustros ou a forma como a luz inundava a igreja (Neves 2009).

Não pretendendo fazer um edifício, mas sim uma situação tão digna e intensa como o monte ou a igreja, o arquitecto procura, sem qualquer tipo de revivalismo, valores essenciais e intemporais, quer seja no despojamento, na luz, na escala, na proporção, na materialidade ou em conceitos como o de peso, recordando os ensinamentos do Estilo Chão e a “sua proeminência à composição de formas e espaços, e ao jogo das massas, aberturas e volumes” (Becker et al 1997:310). A austeridade das formas e espaços, já abordada anteriormente, é uma das influências e pontos de contacto com o Estilo Chão.

Também o formulário clássico, de influências italianas, segundo Becker *et al* (1997), é interpretando de forma intuitiva e muito racional, na clara distinção das massas, no rigor, na presença do sentido de ordem, proporção e ritmo, na distribuição funcional, no recurso à métrica e na exploração da sucessiva justaposição de planos.

José Neves (2009) acrescenta ainda que, embora o projecto seja marcado pelas referências à Arquitectura Vernácula, Chã e Clássica, Alvar Aalto e Le Corbusier são também “subtilmente referidos”.

As referências a Alvar Aalto revelam-se na aproximação ao trabalho do artesão, na relação com o local, no recurso às técnicas e materiais tradicionais e na vontade de reconhecer a marca da vida e da sensibilidade do artesão, com o qual também Vítor Figueiredo se identificaria. Da mesma forma, o modo como Vítor Figueiredo trabalha a iluminação zenital, não só no projecto para a Mitra, mas também, e sobretudo, no edifício para a Escola Superior de Arte e Design e no edifício para o *Campus* de Santiago em Aveiro, apresenta várias similitudes com obra de Alvar Aalto. A busca incessante da luz, por via dos tectos rasgados,



Figura 74 – Escola Superior de Pedagogia, Jyväskylä, Finlândia. Planta (fonte: Hahti 2005:63)

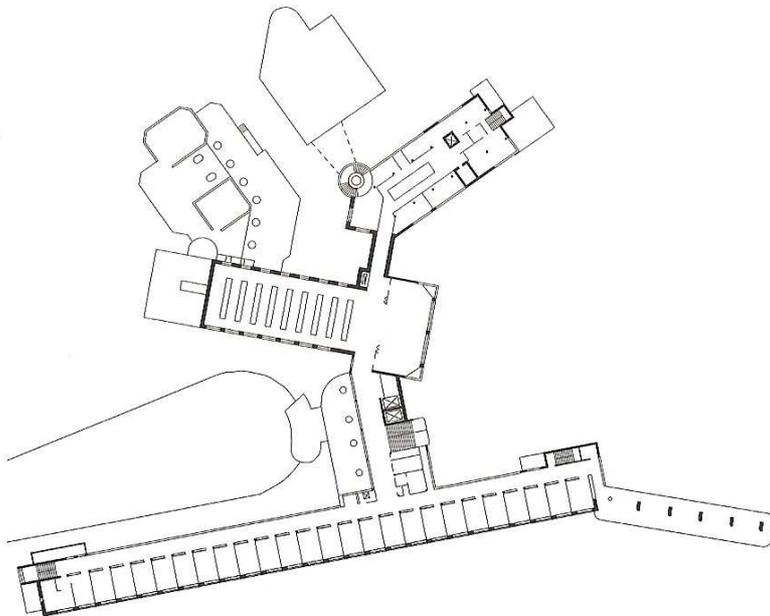


Figura 75 – Sanatório Paimio, Paimio, Finlândia. Planta (fonte: Hahti 2005:24)

onde muitas vezes a origem da luz é oculta, o que permite que esta se difunda pelo espaço de forma homogénea e protege os utilizadores dos raios solares e das, por vezes incómodas, sombras originadas pela luz directa.

A implantação, a orgânica disposição dos volumes e a disposição fragmentada do programa na Mitra é igualmente similar à concepção da arquitectura e ao método de projectar aberto de Aalto. Este baseia-se na articulação, descolamento e rotação dos corpos e na adaptação à topografia. Os princípios de translação, rotação e distribuição fragmentada do programa são explorados por Alvar Aalto, por exemplo, no projecto para o Sanatório Paimio, na Finlândia (1933), enquanto a organização e adaptação à topografia se constata em projectos como o da Câmara Municipal de Säynätsalo (1952), também na Finlândia. Para além do edifício anteriormente referido, a escola Superior de Pedagogia, na Finlândia (1959), que é também um dos exemplos da distribuição fragmentada do programa, é outro dos projectos onde Aalto, tal como Vítor Figueiredo no Pólo da Mitra, décadas depois, explora espaços organizados em torno de um terreiro/pátio central, que por norma corresponde a ligeiras elevações do terreno.

De Le Courbusier, o arquitecto terá reinterpretado o recurso aos *pilotis*, que no edifício para a Mitra dão propositadamente lugar a espessos pilares que soltam o edifício, desmaterializando a fachada e, em simultâneo, acentuam a gravidade e a relação com o terreno através de uma cuidada geometria base, de raiz clássica (no ritmo, proporção e ordem) e mediterrânica (nos conceitos de peso ou gravidade).

Os *brise soleil*, a que com frequência Le Courbusier recorre, em projectos como a Unité d'Habitation, Marselha, na França (1952), ou nos edifícios do Supremo Tribunal e do Secretariado, em Chandigarh, Índia (1955), independentemente do programa em questão, são também reinterpretados no projecto de Vítor Figueiredo para a Mitra. Tal como nos projectos de Le Courbusier, no Pólo da Mitra os *brise soleil* precedem as convencionais fachadas, e constituem uma pele que protege o edifício da radiação solar e aconchega as vivências interiores. Esta, a que Vítor Figueiredo (1991) denominado de “pele exterior”, é reinterpretada no edifício para o Pólo da Mitra através de uma grelha de betão, de malha apertada e aspecto brutalista, e da repetição dos pórticos que envolvem todas as fachadas, independentemente da orientação solar (Figueiredo 1996).

Tal como na obra de Le Courbusier também na Mitra o *brise soleil*, é ao contrário da maioria das experiências realizadas recentemente, do mesmo material do que a estrutura.

Também os vãos horizontais, que indistintamente da função de cada espaço (com excepção das áreas de circulação), ocupam toda a sua largura nos remetem para as *fenêtre en longueur* proclamadas e exploradas por Le Courbusier. Do autor, o arquitecto para a Mitra apresenta ainda similitudes no uso restrito de materiais e na “aparente” ausência de pormenores.

O interesse de Vítor Figueiredo pelo cinema é também reflectido, segundo o arquitecto José Neves (2009), em vários momentos e elementos do edifício, embora as referências nos dois projectos seguintes, para as

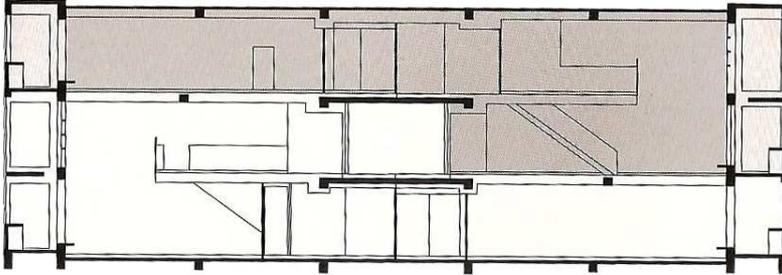


Figura 76 – Unité d'habitation, Marselha, França. 1946-1952. Corbusier. Corte (fonte: Cohen 2006:61)

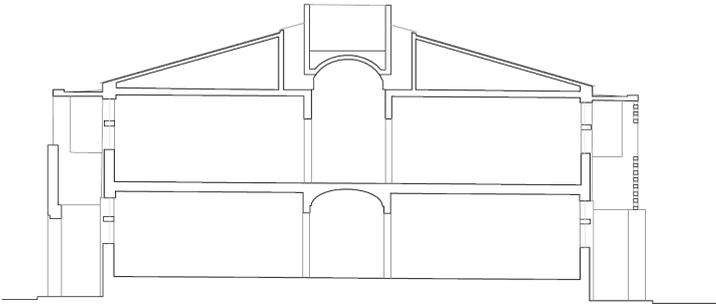


Figura 77 – Edifício para o Pólo da Mitra, corte transversal do corpo A, 1996 (desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Serviços Técnicos da Universidade de Évora. Tratamento gráfico da autora)



Figura 78 – Supremo Tribunal, Chandigarh, Índia. 1951-1955. CorbusierPlanta (fonte: Cohen 2006:75)

Caldas da Rainha e para Aveiro, sejam mais directas. As referências ao cinema anunciam-se, nomeadamente na sucessão de planos ou na ocultação da origem da iluminação natural (no que respeita a iluminação zenital), esta a que o arquitecto caracteriza de dramática e cinematográfica (Neves 2009).

### **Processo de concepção**

Durante o concurso, e posteriormente durante o projecto, a atitude por parte de toda a equipa, terá sido, segundo o arquitecto (Figueiredo 1996a), a de esquecer todas as “receitas” e “modos de fazer” arquitectura. Esta atitude era expressa por Vítor Figueiredo através da citação de uma frase proferida pelo arquitecto espanhol Fernando Ramos, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: “ O Arquitecto é o homem que num barco vai só levando consigo o porto de destino” (Figueiredo 1996:1).

Assim, sustentados na intuição, cada vez que o projecto se aproximava de uma solução ou modelo pré-concebido, recua-se e voltava-se a fazer.... Não seriam as fotografias perfeitas do projecto que interessavam ao arquitecto, imagens para “serem exibidas”, mas antes as vivências e as sensações que poderia oferecer àqueles que percorressem o edifício e que o ocupassem.

Tal como Rui Leão referiu, na frase que durante anos teve lugar numa das paredes do atelier: “ A ambição para a Mitra era desenhá-la como se ela sempre lá estivesse existido. Só” (Pinto 2009), sendo que a principal aspiração, era projectar algo, que sempre houvesse pertencido aquele lugar, que fizesse parte deste, como se nunca o arquitecto ali tivesse intervindo. O sítio é desta forma entendido num sentido mais abstracto e mais alargado, através dos sentidos, da memória e da cultura que lhe pertence e que acarreta consigo.

Os tempos de projecto e de maturação dos diversos elementos e soluções terão sido distintos. A geometria e modulação foram elementos muito trabalhados e testados assim como a expressão das fachadas. Vítor Figueiredo defendia que um bom alçado dá sempre uma boa planta” assim, todas as fachadas foram incessantemente estudadas e testadas, em desenhos, maquetas, esquiços, ou fotocópias (onde durante vários anos, eram rapidamente ensaiadas pequenas variações compositivas) (Neves 2009).

Destaca-se desta forma o sentido pedagógico, aberto e desprendido como que Vítor Figueiredo terá encarado cada projecto, inclusive o projecto em estudo.

Também no Pólo da Mitra o programa não foi de todo um aspecto determinante, relevante ou condicionador, e neste projecto como em a tantos outros por si projectados, o arquitecto demonstra que “a celebração da vida tem de acontecer independente do programa” e quer se trate de uma escola, de uma habitação ou de uma capela, o programa é apenas mais um dado, tal como o lugar ou o orçamento (Figueiredo 1996). A função do arquitecto é a de valorizar e dinamizar as vivências que os espaços podem provocar em detrimento da estética e dos conceitos de “moda”.

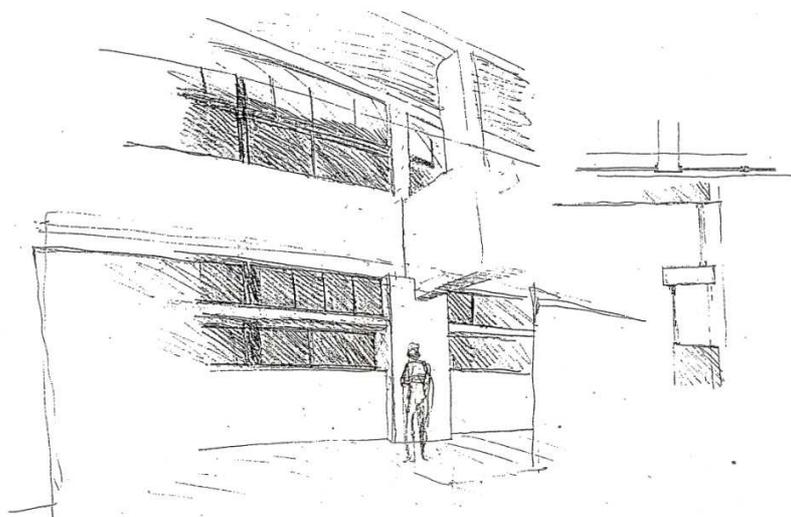


Figura 79 - Edifício para o Pólo da Mitra, esquiços por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre papel, n/ass., sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

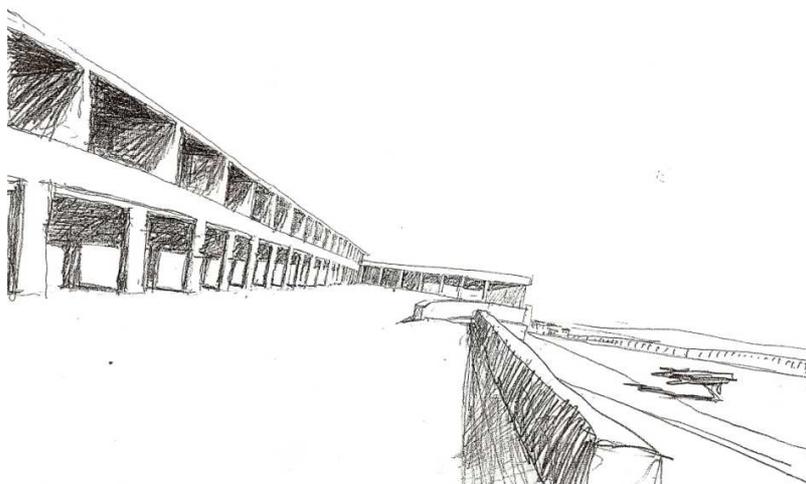


Figura 80- Edifício para o Pólo da Mitra, esquiços por atelier Vítor Figueiredo, caneta sobre papel, n/ass., sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

### **A relação com a Herdade da Mitra**

Segundo Jorge Cruz Pinto (2009), Vítor Figueiredo seria “apaixonado” pela Herdade da Mitra, onde se dirigia sempre que lhe era possível, quer durante as fases de projecto e obra, quer após a conclusão da construção (1ª fase). A sua admiração pela pequena herdade era tal que o arquitecto em algumas ocasiões terá mencionado que não se encontrava em condições de ir ao tanque, referindo-se ao tanque de Jericó, o qual considerava “(...) um lugar mágico, mediação para a vertigem do imaginário, digo dele nem sempre me ser possível subir as escadas que lhe dão acesso, dependendo dos meus fantasmas, dos que preciso ou dos que fujo, da hora, da luz, da estação, do vento” (Soutinho e Figueiredo 1991:44).

O encantamento, a paixão, empenho, dedicação e a entrega a este projecto, era reforçada por Vítor Figueiredo ao afirmar que a Mitra era a sua “verdadeira amante”, quando comparada com à Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (reconhecido com o prémio Secil em 1998) a que o arquitecto apelidava de sua “Cláudia Schiffer” (Pinto 2004).

Hoje o edifício é um lugar onde o tempo, aproximando-se do tempo da planície, teima em não querer passar. Constitui o palco de vida da comunidade estudantil, e ao final do dia, ao encontrar-se apenas com o pôr-do-sol e a extensa planície, de forma natural, exalta o jogo das formas, das sobras e dos volumes, conseguindo situar-se entre o céu e a planície, pertencendo em simultâneo a ambos.



Figura 81 - Edifício para o Pólo da Mitra, Alçado Norte do Corpo A (foto da autora, 2009)



Figura 82 - Edifício para o Pólo da Mitra, vista sobre o terreiro a partir do corpo D (foto da autora, 2009)

### 3.3. A construção

À data (2010) só a construção da primeira fase foi concluída e, segundo os Serviços Técnicos da Universidade de Évora, as instalações existentes no Pólo da Mitra são por agora suficientes para responder as necessidades, não estando o início da segunda fase de construção ainda previsto.

Durante a obra houve porém o cuidado de distribuir as actividades de forma a que, ao construir-se a primeira fase, se obtivesse um conjunto edificado, uma parte do projecto, que já contivesse identidade própria e que conseguisse expressar o sentido do conjunto proposto (Figueiredo 1996).

Toda a estrutura foi preparada para que aquando da construção da segunda fase (caso esta se verifique), não seja necessário refazer ou demolir qualquer parte da 1ª fase, bastando abrir portas, e assim será possível o pleno funcionamento das instalações durante a execução da obra.

Conforme o anexo 6 (:151), a construção parcial da proposta gera situações de indefinição, que inevitavelmente, comprometem o sentido e a leitura global do projecto. Esta situação de indefinição é notória, nomeadamente nos alçados Norte e Poente (do corpo A), cujas frentes actuais, são hoje, apenas empenas expectantes que carecem de definição arquitectónica, e na fachada Nascente que ainda necessita do desenho e das proporções previstas.

Seria igualmente fundamental, para além de se terminar a construção do corpo em L, a construção do edifício destinado ao centro de documentação/ biblioteca e a um anfiteatro, que completaria o conjunto, e o relacionaria com o edifício adjacente, projectado por Manuel Tainha. Ao contrário do projectado, encontra-mos hoje uma solução impositiva e isolada na paisagem. Assim, a construção da segunda fase seria fundamental para relacionar o edifício com os restantes, criando um espaço unitário e não apenas mais um lugar próximo dos restantes.

Concluída a primeira fase de construção (1996), de acordo com os Serviços Técnicos da Universidade de Évora, à data o edifício não terá sofrido grandes alterações a nível arquitectónico. A excepção passa pela instalação de painéis de absorção sonora, em algumas salas do corpo A (com a finalidade de melhorar a acústica dos referidos espaços) e de telas de protecção, no interior das salas e departamentos localizados no topo sudeste do corpo B.

Com a extinção de alguns dos cursos leccionados no Pólo da Mitra nos últimos anos, alguns dos laboratórios passaram a servir outras áreas de investigação, sendo contudo apenas uma alteração funcional que não teve implicações a nível arquitectónico.

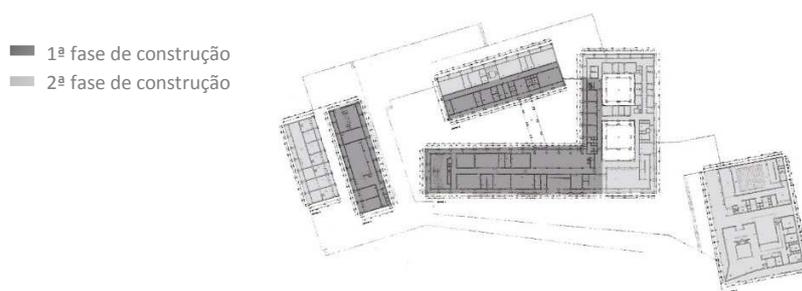


Figura 83 - Instalações do Pólo da Mitra da Universidade de Évora, planta esquemática, 1ª e 2ª fase de construção, sem escala, (desenhos de atelier Vítor Figueiredo (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)



Figura 84 - Edifício para o Pólo da Mitra, execução das grelhas de sombreamento, fotografias realizadas durante a obra, sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

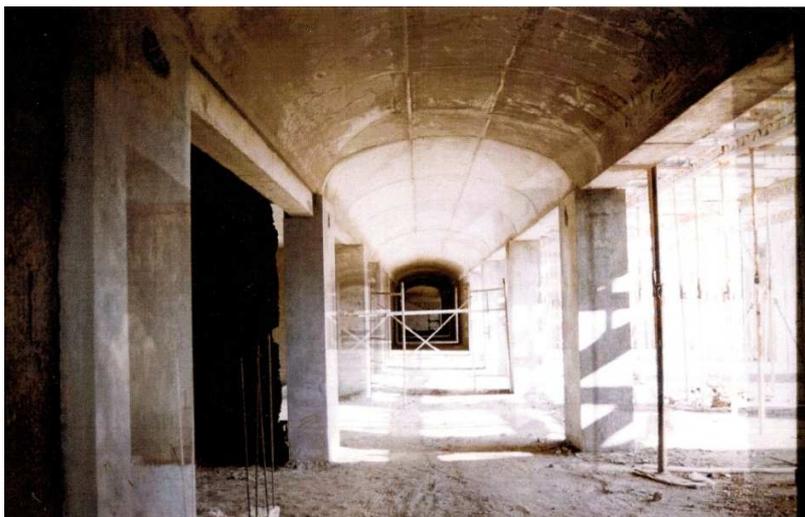


Figura 85 - Edifício para o Pólo da Mitra, bloco C, fotografias realizadas durante a obra, sem data (fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

referidos espaços) e de telas de protecção, no interior das salas e departamentos localizados no topo sudeste do corpo B.

Com a extinção de alguns dos cursos leccionados no Pólo da Mitra nos últimos anos, alguns dos laboratórios passaram a servir outras áreas de investigação, sendo contudo apenas uma alteração funcional que não teve implicações a nível arquitectónico.

### 3.4. A utilização

Passados treze anos após a conclusão da primeira fase de construção, o estudo do edifício para o Pólo da Mitra não estaria completo sem a análise à sua utilização. A referida análise é indispensável para o entendimento da obra e para que seja possível obter um novo olhar sobre a mesma: o olhar do utilizador.

De forma a avaliar a utilização do edifício foi desenvolvido e aplicado um questionário aos utilizadores do edifício, com a finalidade de recolher dados que permitissem a referida análise.

Numa segunda fase, e após detectados, através do inquérito, os principais problemas de utilização, o trabalho paralelo elaborado para a cadeira de Projecto Avançado de Arquitectura Sustentável, sob coordenação do Eng. Peixeiro Ramos foi igualmente fundamental. Neste trabalho foi analisado o sistema de sombreamento adoptado, que terá implicações, nomeadamente nas condições de conforto, e logo na utilização do edifício.

#### Os resultados

Conciliando a observação *in loco*, a análise (anexo 7.3:169) das respostas, apresentadas pelos utilizadores do edifício ao questionário anteriormente mencionado, foi possível verificar que:

Relativamente à acústica, as condições actuais não são consideradas as adequadas, sendo que é frequente a audição de ruídos provenientes do exterior e do interior. Os ruídos provenientes do interior são identificados como resultado da utilização do piso superior (18%) e da reverberação (68%) e, embora já tenham sido efectuadas algumas alterações no sentido diminuir a reverberação, através da instalação de painéis de absorção sonora nas salas/laboratórios, a solução revelou-se insuficiente.

A maioria dos utilizadores (68%) considera que os espaços são adequados às funções a que servem, e aqueles que manifestam opinião contrária, justificam-na pela ausência de mobiliário adequado e por algumas opções construtivas que não as adequadas à utilização dos laboratórios/salas de aulas práticas (como as janelas e pavimentos).

A acessibilidade é outro dos problemas de utilização detectados. É referido que a ausência de elevadores é prejudicial ao correcto funcionamento das instalações, uma vez que, a localização de vários laboratórios no piso superior implica o transporte dos equipamentos e instrumentos pelas escadas.

Foi ainda contactado, no levantamento *in loco*, que o acesso para utilizadores cuja mobilidade é condicionada não foi tido em conta, sendo que, além de não existirem elevadores também não foram projectadas rampas. O facto de os laboratórios serem especializados e preparados para cada investigação ou disciplina leccionada, e por isso com valências e equipamentos distintos, não permite a flexibilidade de utilizações e implica que os utilizadores com mobilidade condicionada não possam usar ou ter aulas nos laboratórios localizados no primeiro piso.

O acesso ao exterior do edifício por utilizadores com mobilidade condicionada também não foi tido em conta, o que se confirma pelo revestimento do terreiro a brita, sem acessos alternativos pavimentados, entre os vários volumes ou na dimensão das cotas de soleira.

Relativamente aos espaços exteriores e de circulações, de acordo com os resultados obtidos, constata-se que a sua qualidade é considerada suficiente, contudo, 83% dos utilizadores inquiridos afirma que não é frequente a permanência nestes espaços. Através do reconhecimento *in loco*, foi também possível verificar que estes espaços apenas são utilizados como locais de passagem e não de permanência. Nos momentos de ócio os utilizadores deslocam-se ao “Edifício do Anel”, onde ainda se localizam os principais espaços e equipamentos de uso comum, uma vez que a segunda fase que incluía os restantes equipamentos e interligaria o edifício com os restantes, não foi ainda iniciada.

O conforto térmico do edifício também não é considerado o desejável, sendo referido que existem grandes variações de temperatura (muito calor no verão e muito frio no inverno) e que as correntes de ar são muito frequentes (83%). O incorrecto isolamento de portas e janelas, sobretudo de portas exteriores, identificado no levantamento *in loco* e confirmado a partir do inquérito, também contribui para que o edifício não mantenha a temperatura interior estável, e que frequentemente sejam sentidas correntes de ar no interior do edifício, diminuindo as condições de conforto.

Os laboratórios situados no primeiro piso do corpo A são um dos pontos críticos, uma vez que não há qualquer zona tampão ou espaço de transição totalmente interior, existindo apenas um átrio coberto.

O desconforto térmico intervém nas actividades desenvolvidas (por 53% dos inquiridos), tanto fisicamente como mentalmente e traduz-se, na maior parte dos casos, em sonolência, alteração na capacidade de concentração, mau estar e dores de cabeça. Para além do deficiente comportamento térmico do edifício, o inadequado equipamento e mobiliário, sobretudo mesas e cadeiras, os ruídos provenientes do interior e do exterior e a temperatura interior, são apontados pelos utilizadores inquiridos como outros dos factores que perturbam o normal funcionamento das actividades.

Quanto à iluminação natural, esta é considerada suficiente (57%) contudo, é também referido (por 64%) que com frequência se recorre a iluminação artificial. O recurso a iluminação artificial é justificado pela insuficiente iluminação natural em algumas salas/laboratórios, durante determinadas horas do dia, e pela dificuldade em visualizar o quadro devido a incidência de luz directa no mesmo. Outra das justificações apontadas refere-se ao facto de grande parte do edifício ser ocupado por laboratórios onde, em muitos destes, não é conveniente o contacto directo entre os instrumentos e materiais e a luz natural.

Identificados os principais problemas de utilização, através da análise do inquérito, o trabalho elaborado para a cadeira de Projecto de Arquitectura Sustentável permitiu uma aproximação à uma das causas na origem de alguns dos referidos problemas: o sombreamento dos vãos.

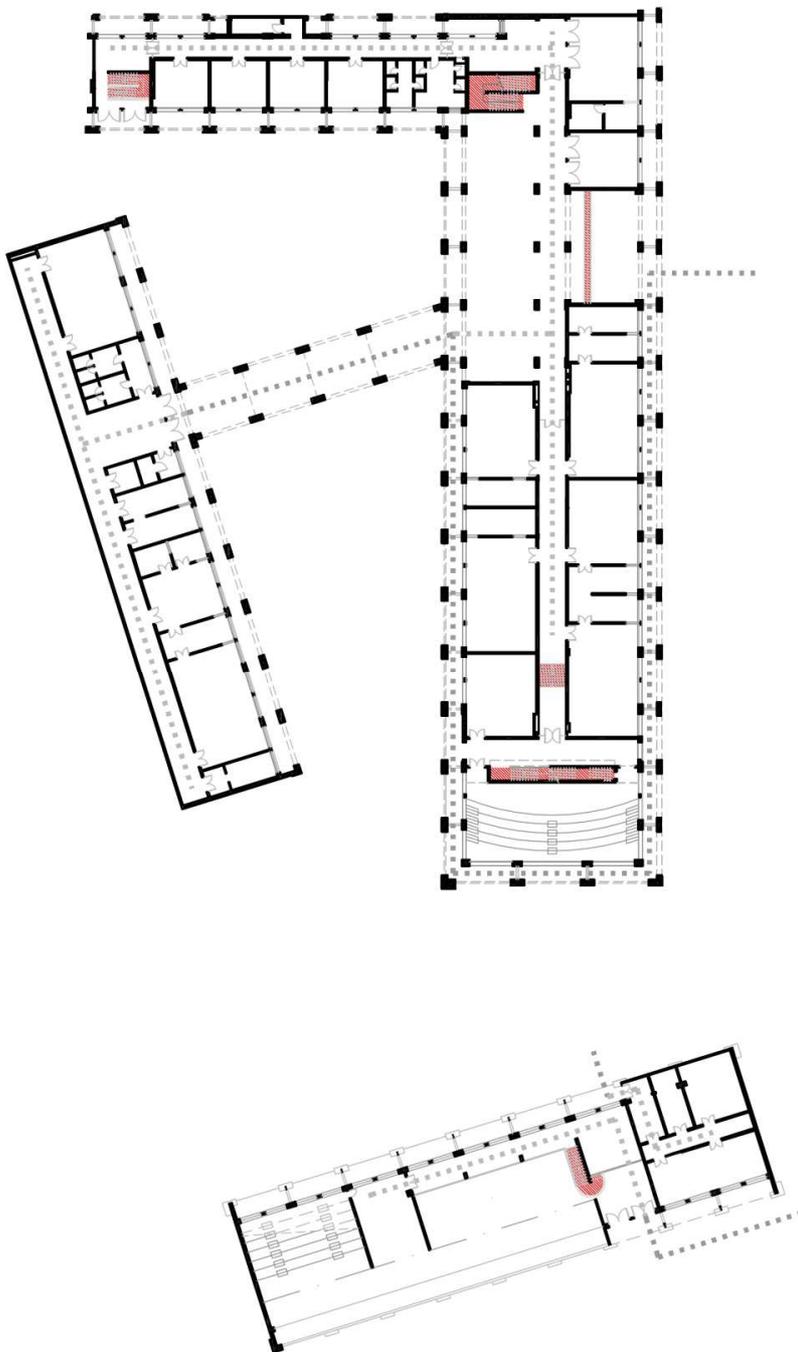


Figura 86 – Edifício para o Pólo da Mitra, esquema de acessibilidade por pessoas com mobilidade condicionada, escala 1:750, 1996 (desenhos de atelier Vítor Figueiredo; fonte: Espólio de Vítor Figueiredo, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

No edifício, verificou-se o uso do mesmo sistema de sombreamento, em todas as fachada independentemente da orientação do vão (embora com pequenas variações) e constata-se que o seu dimensionamento também não foi ajustado à orientação do vão.

De um modo geral, verificou-se que a Nascente, embora a pala de sombreamento horizontal seja adequada, o seu comprimento deveria ser reduzido para que está não sombreasse os vãos durante todo o ano, mas apenas nos meses de Abril a Outubro.

A Poente a opção adoptada pelo projectista não é a mais correcta para a orientação, sendo que o vão se encontrará em sombra durante todo o dia excepto ao final da tarde (quando necessário).

Já a Norte a quantidade de radiação recebida na fachada não será significativa, para que torne necessário a utilização de um sistema de sombreamento exterior. Contudo, foi usada uma pala de sombreamento horizontal, que pela orientação da fachada, comprimento e distância ao vão, não terá qualquer função de sombreamento mas sim, tratar-se-á apenas de uma opção formalista ou objectual.

Nas fachadas orientadas a Sul o sistema de sombreamento é o adequado, sendo que a fachada está numa orientação privilegiada e através de elementos horizontais é possível impedir ganhos solares no verão, quando o sol está mais alto e com menor exposição diária, permitindo-os no inverno, quando o sol está mais baixo e com maior exposição diária.

Desta forma, é possível constatar que o edifício apresenta alguns problemas que interferem na sua utilização, entre os quais se destacam o incorrecto isolamento térmico e acústico, a inadequada iluminação e a inacessibilidade por pessoas cuja mobilidade é condicionada. Foi ainda verificado que alguns destes factores que condicionam a utilização do edifício poderiam ser corrigidos ou minimizados se tidos em conta durante a fase de projecto.

## CONCLUSÕES

A favorável situação económica, o grande investimento por parte do Estado e da CEE no ensino superior, o aumento do número de alunos, e de cursos leccionados na Universidade de Évora e a consequente necessidade de instalações (cuja dimensão, capacidade, espacialidade ou localização, permitissem responder as crescentes exigências) conduziram a dois períodos distintos no que respeita ao património arquitectónico da Universidade.

O primeiro período diz respeito ao período que medeia entre a criação da Universidade, em 1559, e a década de oitenta do século XX, e corresponde ao período em que a instituição se instala em edifícios pré-existentes de elevado valor histórico e arquitectónico, dispersos no centro histórico da cidade, e com uma forte relação com a urbe e com a vivência da cidade. Estes correspondiam, na sua maioria, a casas nobres e antigos conventos, cuja dimensão, características arquitectónicas e localização permitiam a sua adaptação ao programa universitário.

O valor de alguns destes edifícios é reconhecido, através da classificação do Colégio do Espírito Santo (em 1910) como Monumento Nacional e da classificação da Casa Cordovil (em 1922), do Convento de Bom Jesus de Valverde (em 1962) e da Quinta do Paço de Valverde em (2010) como Imóveis de Interesse Público.

Os edifícios que integram o Pólo da Mitra constituem a excepção neste primeiro período. Aquando da criação do Instituto Universitário de Évora (1974) agregaram-se à instituição as restantes instituições de ensino médio da cidade (a Escola de Regentes Agrícolas e o ISEDE) assim como o seu património edificado. Quando o Instituto é extinto para dar lugar à re-instaurada Universidade de Évora, em 1975, a Herdade da Mitra passa para sua posse, e para além de ocupar os edifícios do Paço e do Convento (construídos no século XVI), a instituição instala-se nos edifícios contemporâneos, projectados por Jorge Segurado (para a Escola Elementar de Agricultura) e Manuel Tainha (para a Escola de Regentes Agrícolas), em 1930 e 1960, respectivamente.

O segundo período tem início em 1991, com o investimento na construção de vários novos edifícios, que se verifica até ao presente momento. O aumento do número de alunos e a carência de instalações, lectivas e para alojamento, que permitissem a alunos e docentes reunirem as condições exigidas para um correcto desenvolvimento das actividades pedagógicas constituem o principal motivo por esta opção (JÚNIOR 1990). Quanto às instalações lectivas as principais exigências passavam pela necessidade de espaços para aulas práticas (nomeadamente laboratórios e ateliês) pensados e equipados para cada cadeira, sendo que a Universidade já dispunha de espaços lectivos de carácter mais geral.

Quanto ao alojamento, verificou-se uma grande carência de residências com capacidade suficiente para responder à crescente procura por esta opção de alojamento. As residências, com capacidade para trinta a quarenta alunos, localizados no centro histórico da cidade, permitem hoje apenas responder a uma pequena percentagem da procura. Em vez da construção de uma nova residência a Universidade poderia ter optado

pela adaptação de vários edifícios, contudo seria uma opção mais dispendiosa e logisticamente mais difícil de gerir.

Embora a opção pela aquisição de edifícios pré-existentes localizados no centro histórico da cidade constitua ainda uma possibilidade e continue a ser a opção a privilegiar pela Universidade, o elevado custo quer dos edifícios quer dos lotes ou a sua inexistência, em dimensão e capacidade, que permitam a sua adaptação ao programa universitário e suportar as necessidades actuais da Universidade, leva a que se tenha optado, nas últimas décadas, pela construção de novas instalações (Júnior 1990).

Hoje, as vantagens inerentes à localização no centro histórico da cidade, ou muito próximo do mesmo, e à grande proximidade, não só dos edifícios lectivos e administrativos da Universidade, como dos bens e serviços, impõem-se a necessidade de espaços projectados para responder às necessidades concretas da instituição, o que impulsiona o investimento em instalações fora do centro histórico ou nos vários Pólos de ensino que a integram.

Neste segundo período há que destacar o edifício projectado pelo arquitecto Vítor Figueiredo para o Pólo da Mitra, uma vez que, este corresponde ao primeiro edifício construído pela Universidade para uso da mesma. Até então, a instituição ocupou edifícios reabilitados e adaptados ou construções que, embora contemporâneas e construídas para albergar espaços lectivos, não foram projectadas para a Universidade, mas sim para outras instituições de ensino. A este projecto seguiu-se a construção da Residência Manuel Alvares (1996), da Residência António Gedeão (1997), a ampliação do Colégio Luís António Verney (1997), o Hospital Veterinário (2008) e a ampliação e adaptação da Fábrica dos Leões (2008).

Com a recuperação da sociedade, após a revolução de Abril de 1974, o investimento em instalações não se restringiu à Universidade de Évora mas sim, de uma forma geral, às várias instituições de ensino superior. A nível nacional verificou-se similarmente, uma predominância pela construção de novos edifícios, e hoje a maioria dos edifícios universitários correspondem a edifícios construídos para o efeito.

O investimento traduziu-se ainda no surgimento de vários pólos e *campus* universitários, dispersos pelo território nacional, dos quais é representativo o Pólo de Santiago em Aveiro (1988), e quanto à Universidade de Évora na aquisição de oito novos pólos de ensino, dispersos pelo Alto e Baixo Alentejo.

Quanto ao programa universitário em Portugal, Manuel Teixeira (2003) identifica três modelos, classificados de acordo com a relação estabelecida entre os edifícios para o ensino superior e a urbe: os *campus* universitários, os pólos de ensino inseridos no espaço urbano e os edifícios disseminados na cidade. A partir do estudo e análise do Pólo da Mitra foi possível constatar que, para além dos referidos modelos, situações circunstâncias conduzem a que surjam arquétipos que conjugam dois ou mais modelos, tal como sucede na Herdade da Mitra.

Este pólo, testemunho de várias épocas e utilizações muito distintas, resulta da fusão do modelo do *campus* urbano e do modelo dos edifícios disseminados. Do *campus* apresenta a localização próxima da cidade,

embora num contexto mais rural e isolado que o usual, contudo não poderá ser denominado como tal, uma vez que, não foi dotado de um plano de conjunto e de a sua autonomia ser apenas parcial. Do segundo modelo apresenta o facto de ser formado por vários edifícios, dispersos pela Herdade, contudo relativamente próximos fisicamente, que funcionam como diferentes partes do todo, pequenos núcleos.

Um dos edifícios que integra o Pólo da Mitra, foi projectado por Vítor Figueiredo, arquitecto que dedica os últimos anos da sua obra ao programa universitário, projectando três edifícios para o ensino superior: para a Universidade de Évora, em 1991, para o Instituto Politécnico de Leiria, em 1992, e para a Universidade de Aveiro, em 1995. Com os referidos projectos o arquitecto termina a sua obra legando-nos algumas das obras mais significativas, produzidas no final do século XX em Portugal (Tostões 2000).

É possível verificar, a partir da análise dos referidos projectos, que existem elementos e princípios explorados e continuados nos três edifícios projectados por Vítor Figueiredo para o ensino superior, entre os quais se destaca o tratamento da luz e as potencialidades da fachada/pele. Entre estes há que evidenciar o estudo da fachada/pele que, ao contrário dos restantes elementos (que correspondem a elementos e preocupações também presentes e estudadas, com menor ou maior profundidade em outros programas funcionais), é exclusivo do programa universitário na obra do arquitecto.

Para a Herdade da Mitra, Vítor Figueiredo propõe um edifício cujo tema nos remete para os pequenos Montes que povoam a planície alentejana e para a informalidade das suas implantações.

As referências à arquitectura popular vão porém para além da localização e implantação. Empenhado na defesa dos princípios de uma enorme autenticidade e não distante do percurso marginal que caracteriza a sua obra, também no Pólo da Mitra o arquitecto procura a memória do lugar, das suas gentes e edificações, procurando a sua génese, reinterpretando-a e ancorando-a no presente e na arquitectura contemporânea (Tostões 2000).

O entendimento do lugar também se estende aos restantes elementos edificados da Herdade e, embora não tenha sido projectado um plano de conjunto para o Pólo da Mitra, através da sua intervenção, o arquitecto procura criar um espaço unitário e não apenas um edifício próximo dos restantes. Hoje não é clara esta intenção, uma vez que, o volume do centro de documentação/biblioteca e anfiteatro, que completaria o conjunto e o relacionaria com o edifício adjacente (projectado por Manuel Tainha), não foi ainda construído, contudo, este é um dos aspectos que distingue o projecto das restantes intervenções no Pólo.

O edifício é desenhado através do recurso a elementos reconhecíveis, entre o léxico do formulário da arquitectura e a valores intemporais como a luz, materialidade, peso, escala, proporção, ritmo ou ordem, que o arquitecto usa sustentando-se na intuição e experiência, construindo o palco das vivências, mais do que questionando e reinventando o programa universitário.

Desta forma, o arquitecto projecta um edifício cujas referências se encontram no Estilo Chão, clássico e moderno (Becker et al 1997) sem, no entanto, ambicionar pertencer ou se aproximar de um tempo ou período específico, se não ao tempo daquele lugar, seja ele qual for.

Hoje, passados treze anos após a conclusão da construção da primeira fase do projecto, foi possível constatar que o edifício para além de necessitar de manutenção apresenta vários problemas de utilização. Através da observação *in loco* foi possível verificar que a falta de manutenção, sobretudo no exterior do edifício, se traduz na presença de patologias, como fungos, humidades e fendas, e que um dos principais problemas de utilização passa pela inacessibilidade por pessoas cuja mobilidade é condicionada, nomeadamente no acesso ao primeiro piso.

O inquérito, permitiu detectar problemas de utilização, que uma observação visual não possibilitaria detectar com tanta exactidão, entre os quais se destacam o deficiente comportamento térmico e acústico do edifício e a incorrecta iluminação em alguns espaços (ou excessiva ou insuficiente).

Tendo em conta que o programa patenteado a concurso não apresentava uma localização e implantação rígida, sendo esta uma opção dos projectistas, estes problemas de utilização poderiam ser facilmente corrigidas ou minimizadas, se consideradas na fase de projecto. Como constatado no trabalho paralelo realizado para a cadeira de Projecto Avançado de Arquitectura Sustentável, o sistema de sombreamento exterior dos vãos poderia minimizar o deficiente comportamento térmico e a incorrecta iluminação, se para além do aspecto estético e formalista, fosse estudada e explorada a sua função primária: o sombreamento dos vãos. Este, embora seja usado em todas as fachadas, não foi dimensionado para cada orientação, e apenas funciona correctamente na fachada sul o que nos permite constatar que a “pele”, que Vítor Figueiredo também explora nos restantes projectos para o ensino superior, é na Mitra sobretudo um aspecto formalista.

Portugal, para além da excepcional riqueza a nível histórico e social, é detentor de um património único de carácter material e imaterial. No entanto, na generalidade, apenas nas últimas décadas se tem verificado uma maior consciência quanto à importância da sua preservação.

Para que não seja necessário que estes testemunhos arquitectónicos, paisagísticos ou naturais, se encontrem em avançado estado de degradação e abandono ou corram o risco de serem irreversivelmente adulterados para que seja reconhecido o seu valor, a vontade de inflectir esta tendência tem sido constatada, nomeadamente em inúmeros trabalhos de investigação onde se estabelecem linhas orientadoras no âmbito da sua reabilitação, valorização e classificação.

A correcta salvaguarda do património, nomeadamente do arquitectónico, implica o reconhecimento do seu valor e uma actuação, adequada e pensada a cada caso.

Sedo que o conceito de património inclui um conjunto de bens herdados, é necessário ter em conta o conceito de valor (cultural, ideológico, etc.), e a existência de critérios de valor para que se distinga o que tem valor e o que vale a pena ser conservado.

A definição de “edifício com valor patrimonial” não é consensual, no entanto utilizaremos a definição constante na Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitectónico (Granada 1985: art.1.º) que define como: “(...) a expressão ‘património arquitectónico’ é considerada como integrando os seguintes bens imóveis: (...) todas as construções particularmente notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, incluindo as instalações ou os elementos decorativos que fazem parte integrante de tais construções; (...)”. Esta convenção reiterou a definição anterior da Carta Europeia do Património Arquitectónico (1975: ponto 1) onde o conceito de património arquitectónico tinha alargado o seu domínio tradicional, para ser “constituído não só pelos nossos monumentos mais importantes, mas também pelos conjuntos de construções mais modestas das nossas cidades antigas e aldeias tradicionais inseridas nas suas envolventes naturais ou construídas pelo homem.”

Para além da sua componente física e histórica do bem imóvel devemos ter ainda em conta a sua envolvente social para que possa ser assegurada a sua identidade e para que a sua conservação possa ser integrada.

Desta forma e considerando:

- . a reconhecida qualidade arquitectónica do edifício, no contexto do património arquitectónico da Universidade de Évora e da produção arquitectónica nacional;
- . do ponto de vista arquitectónico, o projecto constituir um elemento de excepção e originalidade para a sua época, no contexto nacional;
- . o legado de Vítor Figueiredo, enquanto arquitecto expoente na segunda metade do século XX e início do século seguinte, traduzido no valor ímpar de inúmeros edifícios, públicos e privados, por si projectados;
- . o facto de grande parte do seu legado continuar desconhecido pelo público em geral;
- . o facto de o projecto para o Pólo da Mitra constituir um marco na obra deste arquitecto notável;
- . a pretendida classificação salvaguardará que não se realizem profundas alterações, não programadas, que adulterem a identidade do edifício (tal como actualmente corre o risco de suceder no edifício da Escola Superior de Arte e Design, nas Caldas da Rainha (1998), projectado por Vítor Figueiredo);

Tendo em conta o contexto em que decorre a valorização de toda a Quinta de Bom Jesus de Valverde (como o alargamento da Zona Especial Protecção a toda a Quinta, pela recente Portaria n 79/2010, de 13 de

Janeiro) a possibilidade de este trabalho poder contribuir para o reconhecimento do valor patrimonial do edifício e para a sua classificação seria um objectivo acrescido à divulgação deste trabalho ímpar na arquitectura portuguesa do século XX.

### **Desenvolvimentos futuros**

As possíveis futuras linhas de investigação passam pelo estudo aprofundado dos edifícios que constituem o património arquitectónico da Universidade de Évora, pela obra do arquitecto Vítor Figueiredo, e pelo programa universitário em Portugal, nomeadamente a especificidade das construções universitárias portuguesas no panorama europeu ou o estudo dos sub-modelos resultantes da relação estabelecida entre os edifícios universitários e a urbe.

A integração do edifício na categoria de Imóvel de Interesse Público é justificada pelo ponto 5, da lei anteriormente referida, que estabelece que “um bem considera-se de interesse público quando a respectiva protecção e valorização represente ainda um valor cultural de importância nacional, mas para o qual o regime de protecção inerente à classificação como de interesse nacional se mostre desproporcionado.”

## BIBLIOGRAFIA

### Referências

- Almeida ÁD e Belo D (2008) *Portugal Património*. s.l.: Círculo dos Leitores. 9, 286-287.
- Almeida LS e Freire T (2003) *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (3ª Ed). Braga: Psiquilíbrios.
- Bandeirinha JA (2007) *Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974* *Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Becker A, Tostões A e Wang W (1997) *Arquitectura do século XX: Portugal*. Lisboa : Portugal-Frankfurt 97.
- Carvalho JV (1981) *Évora e a Universidade*. Évora: Gabinete de Informação pe Relações Exteriores da Universidade de Évora.
- Carvalho R, Figueira J e Milheiro AV (2004) Vítor Figueiredo. In *Arquitectos portugueses contemporâneos: obras comentadas e itinerários para a sua visita*. Lisboa: Público.
- Centeio C (Coord.) (2006) Um olhar sobre a Universidade de Évora. *Guia do Estudante*. Évora: Reitoria da Universidade de Évora e Núcleo de Apoio ao Estudante da Universidade de Évora.
- Costa JV (2001) *A Universidade no seu Labirinto*. Lisboa: Caminho.
- Duarte CS (1989) *Tendências da Arquitectura Portuguesa*. Lisboa: Secretaria do Estado da Cultura.
- Dudek M (2000) *Architecture of schools: the new learning environments*. Oxford: Press Oxford.
- Fernandes JM (1993) Evolução Técnica e Artística - Novos materiais e tecnologias. In *Arquitectura Modernista em Portugal [1890-1940]* (1ª edição). Lisboa: Gradiva.
- Fernandes JM (2005) *Arquitectura Portuguesa - temas actuais II* ("coleção três razões"). Lisboa: Edições Cotovia.
- Fonseca PF (1728) *Évora Gloriosa*. Évora: s. ed.
- França JÁ (1991) *O Modernismo na Arte Portuguesa* (Col. Biblioteca Breve) (3ªed.). Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- Hertzberger H (1999) *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.

Portas N (2005) *Arquitectura (s). História e crítica, Ensino e Profissão*. (Escritos, Nuno Portas III, Série 2. Argumentos). Porto: FAUP Publicações.

Queimado MJ (1975) O Convento de Jesus de Valverde dos Capuchos da Piedade (1544). In *Alentejo Glorioso - Évora, suas Ruas e Conventos*. S.l.: Ed. do Autor.

Reitoria da Universidade de Évora (2002) *Plano de actividades e orçamentos para 2002 - Universidade de Évora*. Évora: Gráfica Eborense.

Ribeiro R (2000) *Manuel Tainha: A prática, a ética e a poética da arquitectura*. Almada: Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea de Almada.

Rodeia JB (2008) 1º Congresso Nacional de Arquitectura. In *1º Congresso Nacional de Arquitectura – Maio/Junho de 1948* (Edição Fac-similada). Lisboa: Ordem dos Arquitectos. 9.

Tostões A (1997) *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP Publicações.

Tostões A (2004) O lugar da paisagem europeia. In AAVV, *Portugal 1990|2004, Triennale di Milano, Palazzo Dell'Arte*. S.l.: Printer Portuguesa.

Tostões A (2008) *Arquitectura Portuguesa Contemporânea* (1ª Edição). Lisboa: Correios de Portugal.

#### **Publicações Periódicas:**

Amado C (Abril 2009) A Restauração do Ensino Superior em Évora (1759- 1841). *REVUE – Revista da Universidade de Évora*. Ano VI (10-11), 190-211.

Figueiredo V (2001) Vítor Figueiredo: entrevista/ Vítor Neves e Renata Amaral. *Arq. A*. (9), 18-25.

Júnior AG (1990) Abertura Solene das Aulas – Ensinos. Corpo discente. Corpo docente. Orçamento corrente. PRODEP. Programa Ciência. Prestação de Serviços. Ensino Politécnico Ensino Universitário. *1º De Novembro – DIA DA UNIVERSIDADE*. Évora: Universidade de Évora. s.p.

Lobo R (2006) Os Colégios Universitários de Coimbra: enquadramento na arquitectura universitária europeia e seriação tipológica. *Monumentos*. (25) 32-46.

Milheiro AV (Junho de 2006) O Senhor do Anel – Manuel Tainha, Arquitecto do edifício na Herdade Experimental da Mitra. *REVUE – Revista da Universidade de Évora*. Ano III, (5), 153-154.

Patrocínio F (Junho de 2006) A História do Passal e Convento da Mitra. *REVUE – Revista da Universidade de Évora*. Ano III (5), 144-149.

Pereira SM (Junho de 2006) Era uma Vez na Mitra...Breve história da Escola de Regentes Agrícolas de Évora (1860- 1974). *REVUE – Revista da Universidade de Évora*. Ano III (5), 150-152.

Pereira AM (1992) Manuel Tainha. *Jornal dos Arquitectos*. (107), 26- 31.

Pinto JC (2005) Vítor Figueiredo a condição marginal e a poética do vazio. *NU-Marginalidades*. (21), 10.

Rossa W (2006) A Sofia - Primeiro Episódio da Reinstalação Moderna da Universidade para Coimbra. *Monumentos*. (25) 16-23.

Soutinho A e Figueiredo V (1991) Arquitecturas de Esquina. *Jornal dos Arquitectos*. (100), 40-43.

Teixeira M (Agosto/Setembro de 1993) Construção universitária recente em Portugal. *Jornal Arquitectos*. (126-127), 18-21.

Tostões A (Novembro de 2000) Entre o anónimo e o sublime: a sabedoria. *Arquitectura e Vida*. Ano I (10), 52-57.

Tostões A (Agosto de 1998) Portugal, Arquitectura do século XX. *Jornal dos Arquitectos*. Ano XVI (185), 12-21.

Zumthor (2006) *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Zúquete R (Agosto de 2005) Homenagem ao arquitecto Vítor Figueiredo. *Universidade Lusíada de Lisboa, Boletim Informativo*. Série III (nº especial), 6.

#### **Provas académicas:**

Caeiro E (2005) *Os Conventos do Termo de Évora* (tesis doctoral). Departamento de Urbanística y Ordenacion del Territorio, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidade de Sevilla.

Domingos R (1995) *A Quinta de Valverde* (trabalho final da Licenciatura em Arquitectura Paisagística). Universidade de Évora.

Mendonça P (2005) *Habitar sob uma segunda pele: estratégias para a redução do impacto ambiental de construções solares passivas em climas temperados* (tese de mestrado). Departamento de Engenharia Civil, Universidade do Minho.

### **Referências electrónicas:**

Branco M (1993) *Antiga Igreja e Convento das Maltazas/ Igreja da Mesiricordia /Centro Ciência Viva*. Disponível em: [http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002\\_B1.aspx](http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx) (Consult. 23 Janeiro 2009).

Milheiro AV (2008) *Portugal Arquitectura do Século XX, A selecção nacional*. Disponível em: <http://www.arkitectura.net/folha13/arquitectura%20do%20sec%20xx.htm> (Consult. 9 Maio 2009).

Paiva M (2005) *Sistema universitário em Portugal*. Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=6751> (Consult. 30 Outubro 2009).

Torgal L R (s./data) *As Universidades em Portugal - História, Organização e Problemas*. Disponível em: [http://www.universia.pt/conteudos/Universidades/Universidades\\_em\\_portugal.jsp](http://www.universia.pt/conteudos/Universidades/Universidades_em_portugal.jsp) (Consult. 20 Novembro 2009).

*Universidade de Évora (2009) Descrição geral da instituição*. Disponível em: [http://www.uevora.pt/pt/informacao\\_sobre\\_a\\_instituicao/descricao\\_geral\\_da\\_instituicao](http://www.uevora.pt/pt/informacao_sobre_a_instituicao/descricao_geral_da_instituicao) (Consult. 20 Janeiro 2009).

*Universidade de Évora (2009a) Ensinos*. Disponível em: [www.uevora.pt/sobre\\_a\\_ue/historia](http://www.uevora.pt/sobre_a_ue/historia) (Consult. 20 Janeiro 2009).

*Universidade de Évora (s./data a) CIEMAR*. Disponível em: <http://www.uevora.pt/pt/index.html> (Consult. 20 Janeiro 2009).

*Universidade de Évora (s./data b) Pólos*. Disponível em: [http://www.uevora.pt/sobre\\_a\\_ue/localizacao/polos](http://www.uevora.pt/sobre_a_ue/localizacao/polos) (Consult. 15 Julho 2009).

*Universidade de Évora (s./data c) Universidade de Évora – História*. Disponível em: [http://www.uevora.pt/sobre\\_a\\_ue/historia](http://www.uevora.pt/sobre_a_ue/historia) (Consult. 16 Abril 2009).

### **Espólio. Processo de obra:**

Figueiredo V (2000) *Complexo Pedagógico Científico e Tecnológico - Memória Descritiva*. Espólio do arquitecto Vítor Figueiredo, IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém.

Figueiredo V (1998) *Escola Superior de Arte e Design - Memória Descritiva*. Espólio do arquitecto Vítor Figueiredo, IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém.

Figueiredo V (1996) *Pólo da Mitra da Universidade de Évora - Descrição do projecto*. Espólio do arquitecto Vítor Figueiredo, IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém.

Figueiredo V (1996a) *Pólo da Mitra da Universidade de Évora - Memória Descritiva*. Espólio do arquitecto Vítor Figueiredo, IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém.

Ramos N (2005) *Hospital Veterinário - Memória Descritiva*. Serviços Técnicos da Universidade de Évora, Évora.

Universidade de Évora (1991) *Concurso Público para a construção de Novas Instalações no Pólo da Mitra da Universidade de Évora – Dossier do concurso*. Espólio do arquitecto Vítor Figueiredo, IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém.

#### **Entrevistas:**

Neves J. (2009) Realizada no dia 22 de Junho de 2009, na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.

Pinto JC. (2009) Realizada a 3 de Março de 2009, no seu atelier. Rua das Chagas, 17, 3º Dto., Lisboa.

## Outra bibliografia consultada

AAVV (2008) *1º Congresso Nacional de Arquitectura* (edição fac-similada). Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Antunes A e Azevedo A (1986) *Arquitectura Popular em Portugal*. (3ª Edição). Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.

Ordem dos Arquitectos (1998) *Escola Superior de Arte e Design, Caldas da Rainha: Prémio Secil de Arquitectura 1998*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses.

Brasílico G (2006) *Arquitectura em Portugal – Um roteiro fotográfico*. Porto: Dafne Editora. 45-46.

Bireaud A (1995) Maior Número de Alunos. In *Os Métodos Pedagógicos no Ensino Superior*. Porto: Porto Editora.

Brito MM e Vieira C (2001) *Estudo sobre os ingressados na Universidade de Évora*. Évora: Universidade de Évora.

Caldas JV e Carvalho JS (2006) IAPXX, Região de Lisboa e Vale do Tejo. In AAVV (2006) *IAPXX - Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Carmo H e Ferreira MM (1998) *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Cannatà M e Fernandes F (2001) *Arquitectura Portuguesa Contemporânea 1991-2001* (2ª edição). s.l.: Edições ASA II.

Cohen J-L (2006) *Le Corbusier -1887-1965 Lirismo da Arquitectura da Era da Máquina*. Germany: Taschen Público

Correia JEH (1986) *A Arquitectura: Maneirismo e “estilo Chão”*. In *História da Arquitectura em Portugal* (Volume VII). Lisboa: Publicações Alfa.

Deshaies B (1992) *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Dias AS, Pinto JF e Pereira LM (1994) *Percursos de Carreira*. Lisboa: Conselho Directivo Regional do Sul da Associação dos Arquitectos Portugueses.

Espanca T (1966) *Inventário Artístico de Portugal*. (Volume I – Concelho de Évora). Lisboa: Ed. Academia Nacional de Belas-Artes. 347- 350.

Fernandes JM (2006) *Arquitectos do Século XX – Da tradição à modernidade*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Fortin MF (1999) *O Processo de Investigação: da concepção à realização*. Lisboa: Décarie Editeur.

Frampton K (1986) *História crítica de la arquitectura moderna*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.

França JÁ (1974) *A Arte em Portugal no Século XX*. Lisboa: Livraria Bertrand.

Hill MM e Hill A (2005) *Investigação por Questionário (2ª edição)*. Lisboa: Edições Sílabo.

Jencks C (1985) *Movimentos Modernos em Arquitectura*. Lisboa: Edições 70.

Kostof S e Forma A (1985) *História de la arquitectura (Volume 3)*. Madrid: Alianza Editorial.

Kubler G (1988) *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes: 1521-1706*. Lisboa: Eitorial Vega.

Land C, Hucking K e Trigueiros L (2005) *Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974*. Lisboa: Editora Blau.

Louna L (2005) *Aalto - 1898-1976 -Paraíso para gente comum*. Germany: Taschen,

Mestre V e Carvalho R (2004) *Arquitectura 1990|2004 - O Fecho de um Século*. In AAVV (2004) *Portugal 1990|2004, Triennale di Milano, Palazzo Dell'Arte*. S.l.: Printer Portuguesa.

Milheiro AV (2007) *Arquitectura recente em Portugal 2000-2005 (um guia temporário)*. In *A minha casa é um avião* (Coleção Arquitectura). Lisboa: Relógio D'Água Editores. 105-111.

Milheiro AV e Afonso J (ed.) (2005) *NUNO PORTAS, Prémio SIR PATRICK ABERCROMBIE. PRIZE.UIA 2005*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos | Caleidoscópio.

Montaner JM (2001) *Depois do Movimento Moderno – Arquitectura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Moreira CD (2007) *Teorias e Práticas de Investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Neves JM (2002) *Manuel Tainha 1954-2002 (Coleção Arquitectura Monografias)*. Porto: Edições ASA.

Neves JM (2002a) *Pólo da Mitra, Universidade de Évora, Vítor Figueiredo*. In *Anuário de Arquitectura Interiores e Design*. Lisboa: Edições Estar. 63.

Ordem dos arquitectos (ed.) (2008) *1º Congresso Nacional de Arquitectura – Maio/Junho de 1948*. (Edição Fac-similada). Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Pinto JC (2007) *Arquitectura Portuguesa – A Imagem da Caixa* (Colecção Arquitectura e Urbanismo). Lisboa: ACD Editores. 173-174.

Portas N (1977) A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal, uma Interpretação. In ZEVI Bruno, *História da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Arcádia.

Quivy R e Campenhoudt LV (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª Edição). Lisboa: Gradiva.

Rosa AM (1965) *A pequena história da Herdade da Mitra*. Évora: s.ed.

Tostões A (coord.) (2004) *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico (IPAR).

#### **Publicações Periódicas:**

Andrade M (Novembro de 2006) Intervenção no Colégio Bom Jesus de Valverde. *REVUE – Revista da Universidade de Évora*. Ano III (6), 32-33.

Botelho JR e Castro C (1956) Novas Instalações Universitárias em Portugal. *Arquitectura* (2ª série). (55-56), 30-34.

Costa AA (Agosto de 1998) *Arquitectura Portuguesa*. *Jornal dos Arquitectos*. (185) 36-40.

Figueiredo V (2001) O choro dos arquitectos. Figueira J, Nunes J, Milheiro AV e Dias MG (ed.) (2005) *JA – Antologia 1981-2004*. (218 – 219), 234-241.

Figueiredo V (2003) Vítor Figueiredo: entrevista/ Joana Alves e Luís Gomes. *NU – Pecado*. (13), 4-11.

Lobo R (2006a) Rua da Sofia – Um *Campus* Universitário em Linha. *Monumentos*. (25) 24-31.

Milheiro AV (Junho de 2006a) Vítor Figueiredo. *REVUE – Revista da Universidade de Évora*. Évora: Universidade de Évora. Ano III (5), 155-146.

Pereira SM (Abril 2009) `Levada do Chão´ - A Refundação da Universidade de Évora (1973- 1979). *REVUE – Revista da Universidade de Évora*. Ano VI (10-11), 214-232.

Rego MC (Coord.) (1995) A igreja do Convento de Bom Jesus de Valverde. *NUÉ – Notícias da Universidade de Évora*. Ano I (1), 10.

Rodeia JB (Janeiro/Fevereiro de 2001) Edifício de Anfiteatros da Universidade de Aveiro, Vítor Figueiredo. *Jornal dos Arquitectos*. (199) 74-80.

Rodrigues S (1996) Colégio Luís António Verney. *NUÉ – Notícias da Universidade de Évora*. Ano II (5) 29-30.

Tainha M (Abril/Maio/Junho, 2002) Évora (trinta anos depois) Escola de Regentes Agrícolas. *Architécti*. Ano VII (25), 76- 79.

Toussaint M (Agosto/Setembro 1993) Arquitectura para o ensino superior. *Jornal Arquitectos*. (126-127), 34-35.

Vaz F (Abril 2009) O Ensino no Colégio do Espírito Santo – Desde a expulsão dos Jesuítas à Fundação do Liceu (1759- 1841). *REVUE – Revista da Universidade de Évora*. Ano VI, (10-11), 146-159.

Vaz F (Junho de 2005) Puro-sangue Azul- A Real Coudelaria de Alter e a Universidade de Évora. *REVUE – Revista da Universidade de Évora*. Ano II (2-3), 60-65.



## **ANEXO 1**

**Universidade de Évora. Pólos de ensino**

### **.Pólo de Évora**

O Pólo da Évora corresponde ao primeiro e ao maior Pólo da Universidade. Este pólo, disperso pela cidade de Évora integra diversos edifícios dedicados à formação, ao alojamento e de carácter técnico e administrativo.

Entre o património edificado do Pólo de Évora destaca-se um conjunto de edifícios de elevado valor histórico e patrimonial, contudo também o investimento em novas construções tem sido uma constante nas últimas décadas. Distantes vão os tempos em que a instituição ocupava apenas um edifício, o Colégio do Espírito Santo, e hoje a sua implantação na cidade distribuir-se por vinte edifícios.

Este pólo integra três edifícios de carácter técnico e administrativo: o edifício de Santo Agostinho (1380), a Antiga Cadeia (1584) e o edifício dos Serviços de Acção Social/ Alcaçarias (séc. XX); doze edifícios lectivos: o Colégio do Espírito Santo (1551), o Colégio Mateus d'Aranda (1552), a Casa Cordovil (1591), o Palácio do Vimioso (1758), o Colégio Luís António Verney (séc. XIX), o Colégio Pedro da Fonseca (séc. XX), a Fábrica dos Leões (1926) e o Pavilhão Gimnodesportivo (1994); e nove residências de estudantes: a Residência Portas de Moura (séc. XVI), a Residência Florbela Espanca (séc. XIX), a Residência Eborim (1952), a Residência Soror Mariana (1964), a Residência Bento Jesus Caraça (1999), a Residência Jaime Cortesão (1983), a Residências Vista Alegre, a Residência Manuel Álvares (1995) e a Residência António Gedeão (1997).

### **. Pólo da Mitra**

A Herdade da Mitra, em Valverde, cujos quinhentos hectares compõem o Pólo da Mitra da Universidade de Évora, foi adquirida pela instituição aquando da sua re-instauração, em 1974.

As origens da Quinta remontam ao século XVI quando ali foi edificado um Paço (1514) para retiro e descanso da Câmara Episcopal Eborense e um Convento (1540) para a Ordem Capucha da Piedade. Findas as funções religiosas, com a extinção das ordens religiosas (1834) e após um período de oito décadas de abandono e negligência (1834-1915), a Herdade é ocupada para fins educativos, com a implantação de várias escolas Agrícolas.

Embora as instalações existentes tenham sido adaptadas ao novo programa (o Convento, a residência de docentes e o Paço a espaços lectivos), foram construídos dois novos edifícios, para albergar o Posto Agrário e posteriormente a Escola de Regentes Agrícolas, projectados por Jorge Segurado (em 1930) e Manuel Tainha (em 1965), respectivamente.

Após a aquisição da Herdade pela Universidade de Évora, de forma a responder às novas exigências lectivas e educativas e com vista à prestação de serviços à comunidade foram edificadas novas instalações no Pólo: o edifício que alberga as aulas práticas e anfiteatros, projectado por Vítor Figueiredo (1991-1996) e o Hospital Veterinário, projectado pelo arquitecto Nuno Ramos (2000-2005).

Hoje o Pólo integra o Colégio da Mitra, o Colégio do Bom Jesus de Valverde, a Herdade Experimental e o Complexo habitacional.

#### **. Pólo de Alter do Chão**

A cerca de cem quilómetros de Évora, em Alter do Chão, localiza-se outro dos pólos da Universidade de Évora, criado em 1998, na sequência da abertura do curso de Medicina Veterinária.

Implantado na denominada Coutada do Arneiro, este pólo resulta de um projecto entre a Universidade de Évora e a Coudelaria de Alter, cujas origens remontam ao século XVIII, e que conta com uma vasta experiência na criação e estudo do cavalo.

Para além de vários estudos de investigação, decorrem neste pólo actividades relacionadas com os cursos de Medicina Veterinária e Ciência e Tecnologia Animal, sobretudo relacionadas com a clínica, cirurgia, reprodução, obstetrícia e genética do cavalo (UNIVERSIDADE DE ÉVORA 2009b). Com a implementação do Pólo da Universidade, foi criado um Hospital Hipiátrico, com uma unidade escolar de clínica cirúrgica, podologia e fisioterapia.

#### **.Polo de Beja**

Este pólo, localizado em Penedo Gordo (concelho de Beja), é constituído pela Herdade das Rascas Velhas, uma das três herdades experimentais da Universidade de Évora. Para além das actividades de investigação e ensino, também esta Herdade, rural e agrícola, tem em vista a prossecução e prestação de serviços à comunidade, sendo vocacionada para a exploração de culturas arvenses e culturas permanentes (REITORIA DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA (2002).

#### **. Pólo de Estremoz**

Embora, tenha investido nas últimas décadas na construção de novas instalações, a Universidade de Évora continua a reabilitar edifícios adaptando-os às novas exigências. Desde 1993, a instituição ocupa, através de um protocolo entre a Universidade, a Câmara Municipal de Estremoz e a Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, parte do Convento das Maltezas de São João da Penitência, em Estremoz. Este edifício instituído por D. Luís Prior do Crato, segundo concepções do gótico e manuelino, fora construído em 1539 para albergar as freiras da Ordem de Malta (BRANCO 1993).

Neste pólo, vocacionado para o domínio de rochas ornamentais e industriais, funcionam actividades dedicadas ao ensino, investigação e à divulgação científica, tais como ensino pós-graduado de Cartografia Estrutural, investigação em Geologia Estrutural/Tectónica e Aplicação de Sistemas de Informação Geográfica à Geologia (UNIVERSIDADE DE ÉVORA 2009b).

A partir de 1996, o pólo acolhe também no mesmo edifício (classificado como Monumento Nacional pelo Dec. Nº 9.842, DG 137 de 20 de Junho 1924, com SEP, DG 119 de 20 de Maio 1960 (Claustro da Misericórdia) o Centro Ciência Viva de Estremoz, integrado na rede de Centros Ciência criada pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia.

O pólo inclui ainda alojamento para alunos.

#### **.Pólo de Monsaraz**

O Pólo de Monsaraz da Universidade de Évora inclui Residências e uma Loja Molina, não integrando edifícios lectivos.

#### **. Pólo de Sines**

Em Sines, o Pólo da Universidade de Évora, em funcionamento desde 1990, materializa-se no Laboratório de Ciências do Mar e resulta da parceria entre a Universidade, a Câmara Municipal de Sines, a Administração do Porto de Sines, o Instituto de Oceanografia, a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a Transgás Atlântico e o Laboratório de águas do litoral alentejano (UNIVERSIDADE DE ÉVORA 2005 s. /data a). Com uma localização estratégica, este pólo está vocacionado para o ensino e investigação na área do ambiente e dos recursos marinhos. Para além das actividades lectivas nas área da Biologia, Geologia e Medicina Veterinária são ainda desenvolvidos estudos científicos na área da valorização, conservação e utilização sustentável dos recursos da costa Alentejana (UNIVERSIDADE DE ÉVORA s. /data b).

Actualmente as actividades (lectivas, de investigação e o alojamento) funcionam num espaço que pertence à Câmara Municipal de Sines, contudo a Universidade de Évora está a preparar a candidatura a um projecto cujo objectivo é construir um novo edifício para o Pólo de Sines.

#### **. Pólo de Castelo de Vide**

Em Castelo de Vide, a Universidade de Évora ocupa, desde 1997, o Convento de São Francisco que acolhe o Núcleo Museológico da Ammaia e o Centro Internacional de Formação Avançada Mouzinho da Silveira. O

espaço conventual está hoje vocacionado para a organização de congressos, seminários e conferências, assim como para a formação avançada e pós-graduada (UNIVERSIDADE DE ÉVORA s. /data b).

Segundo Helena Mantas e Marta Gama (2000), as origens do edifício remontam a 1585, data em que fora terminada a sua construção, contudo os frades ocuparam o Convento apenas quatro anos depois e permaneceram no edifício até 1834, aquando da extinção das Ordens Religiosas. Nesse mesmo ano, o edifício foi adquirido pelo Dr. João Diogo Juzart Sameiro, para aí funcionar o Asilo dos Cegos por si fundado. O edifício encontra-se em Vias de Classificação (Homologado - IIP Imóvel de Interesse Público pelo despacho de homologação de 26-5-03 do Ministro da Cultura).

#### **. Pólo de Ferreira do Alentejo**

Este pólo, é constituído pela Herdade do Outeiro, que tal como as restantes herdades experimentais da Universidade, tem como fim a investigação, o ensino e a prestação de serviços à comunidade. Esta Herdade está vocacionada para a criação de ovinos e algumas culturas de regadio (REITORIA DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA 2002).



## **ANEXO 2**

**Património Edificado da Universidade de Évora. Pólo de Évora e da Mitra**

